



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SERVIÇO SOCIAL

EDNARA AGUIAR PALHANO

**VALORES ÉTICOS E MORAIS ATEMPORAIS:
FORMAÇÃO DO CIDADÃO CONTEMPORÂNEO**

GOIÂNIA – GOIÁS
2023

EDNARA AGUIAR PALHANO

**VALORES ÉTICOS E MORAIS ATEMPORAIS:
FORMAÇÃO DO CIDADÃO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Serviço Social, sob a orientação do Professor Pós-Doutor Gil César Costa de Paula.

GOIÂNIA – GOIÁS
2023

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

P161v Palhano, Ednara Aguiar
Valores éticos e morais atemporais : formação do cidadão contemporâneo / Ednara Aguiar Palhano. -- 2023.
110 f. : il.

Texto em português, com resumo em inglês.
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Goiânia, 2023.

Inclui referências: f. 99-102.

1. Cidadania. 2. Filosofia. 3. Ética. I. Paula, Gil César Costa de. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - 16/03/2023. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 172(043)

EDNARA AGUIAR PALHANO

**VALORES ÉTICOS E MORAIS ATEMPORAIS:
FORMAÇÃO DO CIDADÃO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e considerada parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Política Social, Movimentos Sociais e Cidadania.

Prof. Dr. Gil César Costa de Paula
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)
Presidente

Prof.^a Dr.^a Maria Conceição Sarmiento Padial Machado
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)
Examinador interno

Prof. Dr. Nivaldo dos Santos
Universidade Federal de Goiás
Examinador externo

Prof.^a Dr.^a Denise Carmem de Andrade Neves
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)
Membro interno – Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter permitido que durante a Pandemia e os anos que durou a realização deste trabalho, eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização desta dissertação.

Aos meus Pais Waldir e Iraci, irmãos Herson, Gabriela e Giuliana e ao meu noivo Marcus Paulo que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos amigos Acropolitanos por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ao Professor Orientador Gil César Costa de Paula pela paciência infinita e pelo incentivo em seguir pelo caminho da pesquisa verdadeira, ainda que mais laboriosa.

Ao Corpo Docente e Professores convidados pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho.

A todos do Corpo Técnico da Pontifícia Universidade de Goiás -PUC, pelo fornecimento de dados e materiais que foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa que possibilitou a realização deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos Mestres que cotidianamente constroem laços com seus discípulos e, amorosamente, conduzem a Humanidade à vivência das virtudes.

A CIÊNCIA

“A ciência não consiste somente em saber, por exemplo, qual a valência do carbono, ou em medir a distância entre a Terra e a Lua, ou em saber por que corre sangue no corpo. Procuramos uma ciência que, além de conhecer tudo isso, possa também nos dizer para que corre o sangue no corpo, o que significa a distância entre a Terra e a Lua, que segredo nos move. Uma ciência que não esteja à disposição do mais forte ou do que mais sabe, uma ciência que não atemorize, mas que ajude a construir, uma ciência que nos saiba proteger, uma ciência pura, uma ciência sã.”

Jorge Angel Livrara

RESUMO

Esta dissertação principia com a pesquisa acerca da importância das ideias e dos valores éticos e morais atemporais propostos pela antiguidade clássica, através das obras clássicas como Paideia (Sistema de Educação e Formação Ética da Grécia Antiga), escritos de Platão, Aristóteles direcionados para formação ética e moral do homem, que permite a expressão da cidadania contrastando-a com o momento histórico do mundo atual, onde é gritante a ausência de valores humanos. O segundo capítulo perquire sobre a formação do indivíduo, trata das características do individualismo; comparando e diferenciando o ser indivíduo do ser individualista. Outrossim, discorre sobre as formas de saber: razão e imaginação, como ferramentas humanas a serem utilizada para compreensão do que move o homem para a realização vida social. Por fim, o terceiro capítulo trata formação do cidadão à maneira clássica, que extrapola a instrução teórica, para ensinar acerca da aplicação dos valores humanos essenciais, com um sentido prático e atual, capaz de trazer respostas para questões cotidianas, para que se possa ampliar os horizontes e encontrar chaves para o autoconhecimento e para melhor vivencia a vida em sociedade, passando pelo poder de transmissão de cultura, através dos mitos; bem como investiga ritos e símbolos sagrados, destacando sua presença estruturante e caráter atemporal para formação do cidadão político ético.

Palavras-chave: Antropologia. Cidadania. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Ciência Política. Direito. Educação. Filosofia. Grécia. História. Humanismo. Idealismo. Mito. Religião. Roma. Sociologia. Valores Éticos e Morais.

ABSTRACT

This dissertation begins with research on the importance of ideas and timeless ethical and moral values proposed by classical antiquity, through classic works such as Paideia (System of Education and Ethical Training of Ancient Greece), writings by Plato, Aristotle directed to ethical training and morality of man, which allows the expression of citizenship, contrasting it with the historical moment of the current world, where the absence of human values is striking. The second chapter inquires about the formation of the individual, deals with the characteristics of individualism; comparing and differentiating the individual being from the individualistic being. Furthermore, it discusses the ways of knowing: reason and imagination, as human tools to be used to understand what moves man to carry out social life. Finally, the third chapter deals with citizen training in the classic way, which goes beyond theoretical instruction, to teach about the application of essential human values, with a practical and current sense, capable of bringing answers to everyday questions, so that it can be expanded. horizons and finding keys to self-knowledge and to better experience life in society, through the power of culture transmission, through myths; as well as investigating sacred rites and symbols, highlighting their structuring presence and timeless character for the formation of ethical political citizens.

Keywords: Anthropology. Citizenship. Applied Human and Social Sciences. Political science. Right. Education. Philosophy. Greece. History. Humanism. Idealism. Myth. Religion. Pomegranate. Sociology. Ethical and Moral Values.

LISTA DE SIGLAS

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CDH - Conselho de Direitos Humanos
- CNJ - Conselho Nacional de Justiça
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IPC - Índice de Percepção da Corrupção 2021.
- ONU - Organização das Nações Unidas
- PAIDEIA - Sistema de Educação e Formação Ética da Grécia Antiga
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A criação de Adão	13
Figura 2 - Capa do livro: O pequeno príncipe.....	21
Figura 3 - O Homem Vitruviano	48
Figura 4 - Escola de Atenas.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - VALORES ÉTICOS E MORAIS ATEMPORAIS	13
1.1 Cidadania na Antiguidade Clássica.....	13
1.2 Cidadania na Contemporaneidade.....	32
1.3 Mitos da Sociedade Moderna	41
1.3.1 Mito da igualdade.....	41
1.3.2 O Progresso Interminável.....	43
CAPÍTULO II - A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO.....	48
2.1 Individualismo	49
2.2 Indivíduo	57
2.3 Diálogo entre Razão e Imaginação	63
CAPÍTULO 3 - FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA.....	67
3.1 O Poder do Mitos, Ritos e Símbolos Sagrados	68
3.2 Cidadão Ético	77
3.3 Formação Cidadão à Maneira Clássica	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	99
ANEXOS	103
Anexo A – Níveis de Corrupção nos Países.....	103
Anexo B – Gráfico Índice de Suicídio no Brasil	105

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre os grandes problemas sociais que desafiam à vida humana na terra: fome, falta de acesso à saúde, baixa educação, violência em todos os níveis sociais e a desespiritualização do homem, com sua conseqüente e crescente perda de dignidade, verifica-se que por detrás de todos eles está a corrupção do homem. Etimologicamente, corrupção vem do latim *corruptus*, que significa “quebrado em pedaços”, revelando que a falta de ética na política implica prejuízos sociais porque ao se olvidar da busca pela fraternidade, prevalece o interesse egoísta, ignorando direitos, princípios e valores morais e éticos universalmente aceitos.

Assim, importa pesquisar acerca das raízes humanas, pois se algo não vai bem na superfície, é preciso aprofundar, se quisermos saber como reverter, não basta uma análise e mudança superficial, é preciso investigar quais são os valores que estão sendo cultivados; pois se acaso a sociedade estiver plantando em seio sementes de egoísmos é improvável que possa fazer germinar cidadãos éticos e valorosos, que tenham como objetivo trazer força vital à vida social e capazes de promover a união dos componentes que formam o Estado.

Através de uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir obras de pensadores, sociólogos, filósofos e educadores da história foi possível investigar sobre a cultura e legado de grandes civilizações do passado, que trataram com maestrias sobre os temas de valores éticos e morais atemporais, refletir sobre no seu impacto na questão social e seu na formação do indivíduo, porquanto tiveram a magnitude de trazer modelos e ideias para servir de estrela guia à homem e a sociedade.

Esta dissertação principia com a pesquisa acerca da importância das ideias e dos valores éticos e morais atemporais propostos pela antiguidade clássica, através das obras clássicas como *Paideia* (Sistema de Educação e Formação Ética da Grécia Antiga), escritos de Platão, Aristóteles direcionados para formação ética e moral do homem, que permite a expressão da cidadania contrastando-a com o momento histórico do mundo atual, onde é gritante a ausência de valores humanos. Posteriormente, passa-se à análise da formação do cidadão contemporâneo, com suas características próprias e finaliza o primeiro capítulo com a exposição dos falsos grandes mitos do século XX, que internalizados, afetam a expressão da cidadania.

O segundo capítulo perquire sobre a formação do indivíduo, trata das características do individualismo; comparando e diferenciando o ser indivíduo do ser individualista. Outrossim, discorre sobre as formas de saber: razão e imaginação, como ferramentas humanas a serem utilizada para compreensão do que move o homem para a realização vida social, quanto aos seus pensamentos e sentimentos, porquanto, a fim de aferir como cada categoria contribui, à sua maneira, para a formação de um cidadão útil, consciente e feliz.

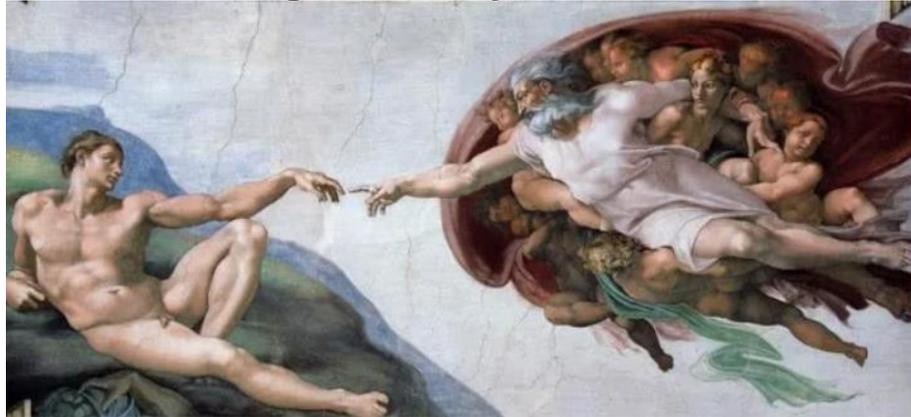
Por fim, o terceiro capítulo trata formação do cidadão à maneira clássica, centrada na sabedoria prática e vivencial, transmitida por gerações pela cultura, através dos mitos; bem como investiga ritos e símbolos sagrados, destacando sua presença, de caráter atemporal, nos símbolos nacionais e dos governos de diversos Estados e finaliza esta última parte da pesquisa como o tema nascimento do cidadão ético, observando acerca da necessidade da política social que potencialidades para que mais indivíduos tenham à vivência plena da cidadania, que corresponde em direitos e deveres para com o Estado.

CAPÍTULO I

VALORES ÉTICOS E MORAIS ATEMPORAIS

É preciso uma nova ciência, que não exclua a religião, a arte, as outras formas de vida, nem se limite ao próprio campo de ação. Uma ciência livre de preconceitos, que se baseie nos fatos e não tente adaptar os fatos às teorias previamente construídas. (JORGE ANGEL LIVRARA, 2009, p. 14)

Figura 1 - A criação de Adão



Fonte: A criação de Adão A criação de Adão foi feita por volta de 1511 pelo artista italiano Michelangelo, localiza-se no sexto trecho da abóboda da Capela Sistina. (AIDAR, LAURA. COLEÇÃO FOLHA)

O renascimento artístico esteve inspirado na antiguidade clássica, ou seja, nas artes greco-romana, que haviam sido esquecidas durante séculos. Foi a partir do avanço científico, social e cultural que surge o movimento do renascimento, o qual foi marcado sobretudo pelo caráter humanista.

A História é marcada por ciclos, tal como as estações, primavera, verão, outono e inverno, que se repetem continuamente, de uma outra forma; revelando ao mundo civilizações que cultivam valores ora mais espirituais, ora mais materialistas.

Inspirado nesta obra do genial Michelangelo, este primeiro capítulo trata da importância das ideias e dos valores éticos e morais atemporais propostos pela antiguidade clássica.

1.1 Cidadania na Antiguidade Clássica

A palavra cidadania deriva do termo latim *civitas*, relacionada ao conjunto de direitos e deveres que as pessoas deveriam exercer nas cidades. Em Roma cidadania estava ligada à participação da vida política da cidade. Este instituto foi

trazido da antiguidade clássica, vivenciados nos processos de luta da Revolução Francesa e incorporado ao nosso sistema jurídico. De modo que a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988, estabelece dentre os seus princípios fundamentais, descritos no artigo 1º, cidadania.

Título I

Dos Princípios Fundamentais

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamento:

- I- A soberania;
- II- A cidadania;**
- III- A dignidade da pessoa;
- IV- Os valores sociais do trabalho e da livre-iniciativa;
- V- O pluralismo político.

Se o sistema jurídico maior do país já incorporou em seu corpo o termo cidadania, conferindo-lhe *status* de princípio fundamental, qual o valor de buscar na origem Grego – Romana o significado deste instituto? Isto se revela necessário, pois em que pese a Constituição da República estar fundamentada nos valores da cidadania, salta aos olhos, repetidos atos de ofensa à cidadania, refletidos a falta de ética na política, onde, conforme está descrito no Anexo A (Gráfico do corrupção nos países), que traz o índice de Percepção da corrupção – IPC/2021, há uma correlação entre corrupção e abuso de direitos humanos “(...) países percebidos como altamente corruptos têm maior probabilidade de reduzir seu espaço cívico e democrático e atacar direitos da população.” (cpi2021. www.transparencial internacional.org.br/ipc)

Assim, importa saber sobre o termo cidadania política, pois sobejam às análises acerca dos efeitos da corrupção, mormente na política; mas, em que pese incorporada a forma (cidadania como fundamento), não foi incorporado a essência do instituto, nem transmitido o “espírito dos antigos”, capazes de traduzirem as ideias em uma vivência prática; sendo, em alguma medida, está a demanda do neoconstitucionalismo, isto é, dar concretude aos princípios e valores constitucionais.

Ao investigar o conceito de cidadania na antiguidade clássica. Verifica-se que a formação do cidadão do período clássico é marcada pela presença do sagrado, expressa pela ideia de Areté: A busca pela excelência. Sócrates, Platão e Aristóteles concebiam “Areté”, como uma formação moral orientada pela razão e baseada nos princípios éticos, que se fundamentava em valores fundamentais e na ideia do bem.

Para estes pensadores clássicos as vias da Razão e do Sagrado são vias complementares, pois " a Razão permite exprimir a intuição e está alivia a Razão, evitando-lhe cair na repetição e na mecanicidade.

As pesquisas empreendidas, há um século, pelos historiadores das crenças e das religiões põe em evidência que é a capacidade de realizar a complementariedade dos contrários que permite ao homem atingir a harmonia e o equilíbrio. Este último é o fruto de uma grande tensão interior, que permite ao ser ultrapassar as contradições aparentes.

O SAGRADO é, portanto, a função que permite transcender os pares contrários; é uma função globalizante e de síntese.

Pelo Sagrado, o homem alcança a quintessência; o Sagrado permite à consciência mudar de estágio, qualificar-se mais e operar uma síntese transfiguradora, uma verdadeira mutação.

Em compensação, a Razão, dualista por natureza, não pode sair da contradição.

A função do Sagrado é ser a ferramenta por excelência da Metafísica, enquanto disciplina de vida e não como um simples conceito intelectual.

A razão pode focalizar-se no particular, e numa direção bem precisa o que lhe permite controlar, de uma certa maneira, o mundo material. (SCHAWARZ, 1979, p. 263)

Ora, não se trata de negar a racionalidade, mas de perceber que o homem é mais que apenas um ser pensante, também tem capacidade de sentir e intuir e, posteriormente, através da atividade racional organizar e descrever acerca deste acesso de realidade. A título de exemplo podemos citar um cientista do século XX, que fez uso destas faculdades humanas tão aclamadas na antiguidade, Albert Einstein, laureado com o Prêmio Nobel da Física de 1921, ao tratar sobre a descoberta da Teoria da Relatividade, vejamos:

A tarefa suprema do físico é chegar às leis elementares universais, a partir das quais os cosmos podem ser construídos por pura dedução. Não há caminho lógico para essas leis; apenas a intuição, apoiada na compreensão empática da experiência, pode alcançar elas. (PANCINI, 2021)

Todas as religiões, artes e ciências são ramos da mesma árvore. Todas essas aspirações se dirigem a enobrecer a vida do homem, levantando-a da esfera da mera existência física e conduzindo o indivíduo à liberdade. (PANCINI, 2021)

A intuição que muitos físicos e matemáticos possuem e a qualidade com que se apresentam certamente torna a evolução dos conceitos científicos algo fascinante. Já que estamos citando alguns exemplos de personalidades interessantes de serem investigadas sob o aspecto analisado, podemos nos referir a Descartes. O próprio Maxwell já havia afirmado que a fraqueza da física de

Descartes estava no fato de que ele se baseava sobre um sistema de unidades, L e T (comprimento e tempo), não havendo massa, enquanto o sistema de Newton era o M.L.T (massa, comprimento, tempo). No entanto, cem anos depois de tal afirmação, verificou-se que na mecânica quântica relativística, baseada no chamado grupo de Poincaré, há um sistema natural de unidades que não incluem a unidade de Massa. Dessa forma, a teoria relativística confirma a intuição de Descartes (SCHENBERG, 1984).

Poderíamos citar outros exemplos, mas isso fugiria ao propósito do nosso trabalho. Vemos, contudo, que a história da ciência mostra que ideias aparentemente incorretas podem ser posteriormente válidas e que, nesses casos, haviam correspondido a profundas intuições.

Se somarmos a criatividade descrita por Irani Marchiori à intuição relatada por Schenberg, talvez possamos entender o sucesso de Albert Einstein. No caso particular de Einstein, retomando as características antes citadas a respeito da sua criatividade, podemos citar alguns exemplos que podem corresponder às características antes descritas. Em se tratando de motivação e curiosidade, estas sempre estiveram presentes em sua personalidade. Um exemplo disso foi a grande surpresa que teve quando seu pai lhe mostrou uma bússola pela primeira vez. A curiosidade de entender, aos quatro anos de idade, o motivo por que o ponteiro se movia daquela maneira o impulsionaram a indagar sobre a forma com que tudo se apresentava no universo. (LIMA, 2013)

A educação para a cultura grega é ponto central para o desenvolvimento da vida em comunidade, porquanto “no que se refere ao problema da educação, a consciência clara dos princípios naturais da vida humana e das leis imanentes que regem as suas forças corporais e espirituais tinha de adquirir a mais alta importância.” (JAEGER. 1994. p. 13)

O Estado grego, cuja essência só pode ser compreendida sob o ponto de vista da formação do homem e dá a vida inteira: tudo são raios de uma única e mesma luz, expressões de um sentimento vital antropocêntrico que não pode ser explicado nem derivado de nenhuma outra coisa e que penetra todas as formas do espírito grego. Assim, entre os povos, o grego é o antropoplástico.

Podemos agora determinar com maior precisão a particularidade do povo grego frente aos povos orientais. A sua descoberta do Homem não é a do eu subjetivo, mas a consciência gradual das leis gerais que determinam a essência humana. O princípio espiritual dos Gregos não é o individualismo, mas o “humanismo”, para usar a palavra no seu sentido clássico e originário. Humanismo vem de *humanitas*. Pelo menos desde o tempo de

Varrão e de Cícero, esta palavra teve, ao lado da acepção vulgar e primitiva de humanitário, que não nos interessa aqui, um segundo sentido mais nobre e rigoroso. Significou a educação do Homem de acordo com a verdadeira forma humana, com seu autêntico ser. Tal é a genuína paidéia grega, considerada modelo por um homem de Estado romano. Não brota do individual, mas da ideia. (JAEGER. 1994. p. 14/15)

Desse modo, fica evidenciado que a cultura greco-romana trabalhava com um Modelo Universal, uma Ideal de homem virtuoso a ser conquistado através da educação, que estava orientada sobretudo para tornar possível a vivência das ações virtuosas. Para a antiguidade clássica não bastava ter o conhecimento teórico de justiça, era necessário ser capaz de praticar ações justas. “Este ideal de Homem, segundo o qual se devia formar o indivíduo, não é um esquema vazio, independente do espaço e do tempo. É uma forma viva que se desenvolve no solo de um povo e persiste através das mudanças históricas.” (JAEGER. 1994. p. 15)

O desenvolvimento de um princípio produz um outro princípio, mas sempre no passado; e desde que esse princípio é enunciado, mas sempre no passado; e desde que esse princípio é enunciado, é universal e intocável pela experiência. O ser humano sabe que esse princípio existe, mas não sabe como. Se soubesse, teria podido criá-lo segundo sua vontade, o que não pertence à sua natureza. O ser humano desenvolve, aperfeiçoa ou corrompe, mas nada cria. A justa mediania científica, recomendada por Pitágoras, consiste, portanto, em tomar os princípios das ciências ali onde se encontram, e em desenvolvê-los livremente sem que nenhum preconceito constitua uma barreira ou um estímulo. Quanto ao princípio que concerne à moral, foi exprimido com suficiente ênfase por tudo que precedeu a isso.

O homem que conhece sua dignidade, diz Hiérocles, é incapaz de ser prevenido ou seduzido por nada. A temperança e a fortaleza são as duas guardas incorruptíveis da alma. Impedem que cedamos aos atrativos das coisas prazerosas e que nos deixemos aterrorizar pelos horrores das coisas terríveis. (FABRE-D'OLIVET, 2017, p. 84)

Este ponto é de suma importância, pois não se trata de aclamar a antiguidade como uma sociedade sem problemas, mas de perceber que a todo o tempo a cultura daqueles povos tratavam do modelo ideal, tinham um vasto panteão, cujos deuses representavam as leis da natureza e valorizavam a busca pela vivência daqueles Ideais, daí serem chamados povos idealistas, que cultivam a ideia dos heróis e forjavam homens para servir à Comunidade e ao Estado.

Um dos últimos imperadores romanos, Marco Aurélio, escreve um livro intitulado *Meditações*, no qual afirma que não se trata de estudar acerca do homem bom, mas sim de ser este homem bom, assim, revela algo próprio deste estilo de vida, a vivência das virtudes, muito diferente de uma mentalidade vitimistas ou de busca por socorro permanente, tachado de dependência. (AURÉLIO, 2019)

A cultura grega estava intrinsecamente ligada ao ideal de Homem como um ser político. “O fato de os homens mais importantes da Grécia se considerarem sempre a serviço da comunidade é índice da íntima conexão que com ela tem a vida espiritual criadora”. (JAEGER. 1994. p. 17). Este contato com a inspiração religiosa tem sobretudo um reflexo na atuação social do indivíduo. “A trindade grega do poeta, do Homem de Estado e do sábio encarna a mais alta direção na nação.” (JAEGER. 1994. p. 17)

A religião grega, tão abrangente, não possuía nenhum caráter dogmático. Sem casta sacerdotal, sem clero especializado, sem Igreja, a religião grega não conheceu livro sagrado no qual a verdade estivesse definitivamente depositada num texto. Ela não implicava nenhum credo que impusesse aos fiéis um conjunto coerente de crenças relativas ao além (VERNANT, 2006).

Etimologicamente, o termo paradigma tem origem no grego *paradeigma* que significa modelo ou padrão, correspondendo a algo que vai servir de modelo ou exemplo a ser seguido em determinada situação. A base da ética e da educação aristocrática, cultivada pela antiguidade, serviu de modelo na formação dos cidadãos, porquanto ligada às ações exemplares de personagens míticos, foi mantida por Platão como categoria de pensamento; contudo, seu significado assumiu outro caráter: os modelos exemplares universalizaram-se, determinando-se como ideias e valores universais.

Platão concede o Ideal de Estado e o Ideal de homem justo, para que fosse possível ter um modelo apto para o desenvolvimento da educação humana. Algo como um mapa ou planejamento, que à medida que fosse percorrido aproximaria mais a sociedade da plasmação do ideal. Nesse contexto, no livro sete da República, trata do mito da caverna, como uma síntese da concepção do ideal político de Platão.

Na obra a república ele se propõe a responder à pergunta: Quem é mais feliz? O justo ou injusto? Assim, para esta análise ele propõe observar o macro (Estado), para compreender o micro (indivíduo). A educação dos cidadãos é pensada de acordo com sua função na cidade, visando contribuir para o equilíbrio e a harmonia do todo.

Para esta análise, Platão estabelece um paralelo entre a estrutura da cidade e a estrutura da alma; identificando que ambas se compõem de três partes: alma racional (pensamento e vontade) é mais forte do que as outras duas almas, impondo à concupiscente a virtude da temperança ou moderação, e à colérica a virtude da coragem, que deve controlar a concupiscência. A cidade possui três função específica: a classe dos agricultores/comerciantes/artesãos, encarregada da sobrevivência da cidade, a dos guardiões ou guerreiros, imbuída do deve cuidar da sua proteção e à classe dos magistrados compete promulgar as leis e fazê-las cumprir.

Cada uma dessas classes deve ser formada para a virtude (areté) que corresponde à realização plena de sua função: a dos magistrados deve ser educada para a sabedoria; a dos guerreiros para a coragem; a dos produtores e comerciantes para a temperança, sendo a Justiça a realização equilibrada de todas as funções anteriores. Além das três virtudes anteriores – sabedoria, coragem, temperança e justiça. (Platão, 2019)

Gláucon, um dos seus interlocutores, na obra a República, GLAUCO, retruca a ideia de Platão, afirmando que o homem justo seria o mais miserável dos homens, porquanto, o mais feliz é aquele que embora injusto, tem a reputação do justo. Contudo, Platão pondera:

E tudo isso tem como única causa aquela que levou Gláucon e eu a dizer-te, SÓCRATES: “De todo vós que reivindicam o louvor da justiça, dos heróis de outrora cujas palavras sobrevivem, aos homens da atualidade, nenhum jamais censurou a injustiça ou louvou a justiça a não ser mencionando seu prestígio, as honras e as recompensas que dela provêm. Ninguém jamais descreveu de modo adequado o que propriamente cada uma delas é por seu próprio poder mediante sua presença na alma da pessoa que a abriga, estando elas ocultam dos deuses e dos seres humanos. Ninguém, quer no domínio da poesia, quer em conversação particulares, argumentou satisfatoriamente que a injustiça é o mal supremo que uma alma pode abrigar e que a justiça é o bem supremo. Se tivesses abordado o assunto dessa maneira desde o início e nos houvesse persuadido desde a juventude, não estaríamos agora nos protegendo contra nossas mútuas injustiças, mas cada um seria seu próprio melhor guardião, receoso de que fazendo injustiça conviveria com o maior de todos os males.” (PLATÃO, 2019, p. 93/94.)

O período clássico inspira o conceber o Ideal de Estado e o Ideal de homem justo como modelo. O culto aos mitos dos heróis é uma estratégia, para que fosse possível através da imaginação conceber esse grau de virtude; e assim conduzir às sociedades para sua prática, na medida das suas possibilidades.

Sendo a virtude de dois tipos, nomeadamente, intelectual e moral, deve-se a produção e ampliação primeiro sobretudo à instrução, exigindo isso consequentemente experiência e tempo. A virtude moral ou ética é o produto do hábito, sendo seu nome derivado, com uma ligeira variação, dessa palavra. E, portanto, fica evidente, inclusive, que não é a natureza que produz nenhuma das virtudes morais em nós, uma vez que nada que seja natural é passível de ser alterado pelo hábito. Por exemplo, a pedra, cuja natureza é mover para baixo, não pode, por força de ser habituada, mover-se para cima, ainda que nos dispuséssemos a tentar habituá-la fazendo-la lançando-a para cima dez mil vezes; nem pode o fogo ser habituado a mover-se para baixo e tampouco qualquer outra coisa que naturalmente se comporta de uma maneira ser habituada de modo a comportar-se de uma outra maneira. As virtudes não são geradas nem em decorrência da natureza, a qual nos capacita a recebê-las, capacidade que é aprimorada e amadurecida pelo hábito. (ARISTÓTELES, 2014. p.81)

Dessarte, para investigar a justiça no Homem, Platão propõe que observássemos primeiramente a justiça no Estado, para que se possa observar a analogia entre uma e o outro. E para tanto, em propõe, que conceba, em teoria a formação de um Estado, para a partir daí ser capaz de ver a geração da sua justiça ou injustiça. Nesse contexto, cria-se um Estado Ideal, no qual se concebe que para que virtude seja vivida, dever-se-ia ser inspirado à sua prática, desde a tenra idade.

A religião fundamentava todos os aspectos da vida. O estudo científico dos mitos cosmogônicos, relatando a criação do Universo e do homem nas diferentes tradições, mostra que existiu uma visão mítica comum a toda humanidade, transmitida desde a Pré-História. O homem era considerado um universo em miniatura, perfeitamente integrado ao cosmo com o qual devia viver em harmonia.

A vida estava sacralizada. Nessa perspectiva a religião grega estava presente e regulamentava todos os aspectos da vida cotidiana, não se tratava de um culto específico, mas sim que a sociedade estava fundamentada nos elementos sagrados, morais e éticos. Desse modo, não havia guerra ou fundação de colônias, promulgação de leis ou tratados, ajuste de matrimônios ou contratos, que não necessitasse da proteção de uma divindade, através de símbolos e ritualística própria. Não havia nenhum ato de convivência entre cidadãos, desde a festa à assembleia, que não fosse consagrado à divindade (VERGETTI, 1994). O religioso estava incluído no social e, reciprocamente, o social, em todos os seus níveis, era penetrado pelo religioso (VERNANT, 2002 e 2006).

Esta série de considerações negativas torna difícil falar positivamente de uma “religião” grega, pelo menos no sentido que o termo é usado no contexto das tradições monoteístas. Na língua grega nem sequer existe uma palavra cujo campo

semântico seja equivalente ao termo “religião”. Portanto, a religiosidade para os gregos consistia na observância pontual dos ritos culturais que exprimiam o respeito, a veneração e a deferência dos homens pela divindade, e que consistiam sobretudo em oferendas sacrificiais e votivas. (VERGETI, 1994)

Fernando Schwarz esclarece que para Tradição, o homem é, de fato, considerado um mediador entre o Céu e a Terra, e sua missão fundamental consiste não em substituir ao Demiurgo, mas em manter sua Criação. Esse é o sentido de todas as concepções “primitivas” do homem, apoiados numa analogia entre o homem e o cosmos. Etimologicamente, sagrado é um conceito que se opõe ao de profano. A ideia de “sagrado” caracteriza aquilo que é separado e ao mesmo tempo delimitado; tem origem no latim *sancire*, que significa delimitar, cercar, santificar; já “profano” indica aquilo que se encontra fora do recinto marcado; a palavra vem do latim *profanum*, que significa “diante do templo”. (SCHWARZ, 2017)

O ditado popular fala que a casa é um lugar sagrado! Isto é, dentro de um universo de residências, o homem escolhe uma onde mora, mantém, vive sua vida, sentimentos, a saga humana e por isso chama esse espaço de forma distinta, posto que o eleva a uma nova dimensão. Igualmente, criaram grandes templos em honra ao sagrado e fizeram – o de tal modo, como no caso das Pirâmides, que mesmo hoje, há mais de 2.700 anos a.c. ainda estão presentes na terra.

Um dos livros mais vendidos e traduzidos no mundo, O Pequeno Príncipe, trata desta ideia do ‘sagrado’, na célebre frase “O essencial é invisível aos olhos”; E uma exposição, realizada na sede da UNESCO em Paris, em 2014, durante a Universidade da Terra, foram enfatizados os valores do “Pequeno Príncipe”, “um personagem protetor do planeta, da paz, da infância”; com suas cativantes frases:

Figura 2 - Capa do livro: O pequeno príncipe



Fonte: <https://www.pensador.com/frase/NT11NTUz/>

Exupéry revela algo ‘sagrado’, nas páginas de sua genial obra, ensina que o que torna as pessoas belas é o que elas têm escondidas dentro de si. Cada qual com seu brilho, com seu tesouro, com sua rosa para cuidar, sua raposa para cativar, revelando através da sua arte, esta outra dimensão, sagrada, onde vive sentimentos profundos como a amizade.

Sob esta perspectiva fica clara a existência de duas dimensões: a do sagrado, ordenada de maneira transcendente, proibida, perigosa e essencial; e a do profano, na qual o homem tem o prazer e a liberdade de pensar à sua maneira. A vida é constituída pelo equilíbrio destas duas dimensões.

Na linguagem de Platão, estamos diante do mudo dos arquétipos, este plano abstrato cujo acesso ocorre não por meio dos sentidos, mas sim através do intelecto, pois apenas a inteligência, intuição e imaginação podem captá-lo e depois deste trabalho trazer ao mundo dos sentidos seus reflexos, por essa razão Platão entende que o mundo dos arquétipos é o mundo real, onde as ideias da cadeira, casa, vivem de forma eternas e aqui, o mundo sensível, é onde se plasmam, onde os homens constroem cadeiras, casas, utilizando-se de objetos perecíveis, tornando-se uma sombra do mundo real. É fácil ao imaginarmos o ofício de um arquiteto, a ele cabe pensar a ideia da casa, projetar cada detalhe, tudo no plano das ideias; posteriormente, se passa ao mundo concreto, ao mestre de obra e aos pedreiros, para que estes, possam dar vida material a esta ideia a princípio incorpórea, contudo para executá-las tem em mente o projeto, e vão levantados os tijolos segundo as projeções e cálculos previamente testados.

Logo, percebe – se claramente que a ideia da casa vive, independentemente de ser construída ou não. Do mesmo modo, resta claro que ao ser construída sujeita-se às leis da vida, dentre elas, a do tempo e espaço, e sendo feita de matérias perecíveis viverá por certo tempo, então a matéria que a compõe e as tramas invisíveis que as unem será em algum momento desfeita e perecerá; mas a ideia da casa, por viver neste mundo arquétipo se mantém, e poderá ser trazida novamente ao mundo por àqueles que a captarem, utilizando-se novos materiais.

Seguindo sobre a forma de ver o mundo e transmissão de valores segundos estas obras clássicas da humanidade, na religião Grega o indivíduo não ocupava um lugar central. Não participava do culto por razões puramente pessoais, como criatura singular voltada para a salvação da sua alma. Exercia nele o papel que seu estatuto social lhe atribuía: magistrado, cidadão, membro de uma confraria, pai de família,

matrona, jovem – rapaz ou moça – nos diversos aspectos de sua entrada na vida adulta. (SANTOS, 2010). A religião consagrava uma ordem coletiva, mas deixava fora de seu campo as preocupações relativas a cada indivíduo, à eventual imortalidade deste, ao seu destino além da morte (VERNANT, 2006).

Cheide (1998) demonstra que o princípio que regia a religião romana era a racionalidade da cidade, garantindo a liberdade e a dignidade dos cidadãos e dos deuses. A religião garantia ordem estabelecida e excluía todo o poder fundamentado no medo, pois o relacionamento com os deuses era feito de forma racional. Todos eram capazes de honrar os deuses e de praticar os cultos que quisessem, sob a condição de respeitar o culto público e sua preeminência, da mesma forma que a respeitavam a ordem pública e a liberdade dos cidadãos. (Apud MENDES E OTERO, 2015, P. 199)

Do ponto de vista antropológico, a religião “não implica, necessariamente, uma crença em Deus, ou deuses, ou espíritos, mas se refere à experiência do sagrado e, portanto, está relacionada à ideia do Ser, dos significados e da verdade” (SCHWARZ, 2017). Em outras palavras, ao contato que este mundo chamado por Platão, de Mundo dos Arquétipo, cuja acesso é possível, segundo o Mito da Caverna, por ele escrito no livro 07 de sua obra A República, com a saída da caverna.

O sagrado se apresenta como um poder e indica o sentido de inviolabilidade, que deve ser respeitado, que não deve ser transgredido. Pode referir-se a três elementos: a religião, a moral e a sacralização.

No contexto da religião, sua ideia central indica o que é próprio da realidade divina, superior a tudo aquilo que os homens podem ser ou fazer. Também pode ter um significado moral para explicar a existência de valores que são invioláveis, encontrando aqui o fundamento do direito natural. A corrente do *Jusnaturalismo* defende que o direito é independente da vontade humana, ele existe antes mesmo do homem e acima das leis do homem, para os jusnaturalistas o direito é algo natural e tem como pressupostos os valores do ser humano, e busca sempre um ideal de justiça; cabendo ao intérprete lograr esse acesso e trazê-lo ao mundo jurídico através das leis, por isso ele chamados Pontífices, capazes de acessar essa altura e trazer essas ideias para o corpo social.

Desse modo, na Antiguidade Clássica, o denominado Jusnaturalismo Cosmológico se fundamenta na ideia de que os direitos naturais refletem as leis (eternas e imutáveis) reitoras do próprio funcionamento do Cosmos. Implicando a existência de “uma justiça natural, emanada da ordem cósmica, marcando a indissociabilidade entre natureza, justiça e direito. (SOARES, 2013, p. 134 apud FRIEDE, 2019, p. 47.)

O jurista Miguel Reale assevera que a ideia de um Direito Natural, distinto do Direito Positivo, é deveras antiga, sendo constatada nas “manifestações mais remotas da civilização ocidental a respeito do problema da lei e da justiça, o mesmo ocorrendo na cultura do Oriente”; no entanto, prossegue o professor Reale, é justamente entre os “pensadores gregos que a aceitação de um Direito Natural, como expressão de exigências éticas e racionais, superiores às do Direito positivo ou histórico, passa a ser objeto de estudos especiais, até se converter em verdadeira teoria” (REALE, 2002, p. 312)

Especificamente no que concerne ao Direito Natural em Roma, Cícero faz “apologia à lei natural”, ou seja, aquela “que não precisa ser promulgada pelo legislador para ter validade”. Ao contrário, é justamente a lei natural que “confere legitimidade ética aos preceitos da lei positiva, como *ratio summa insita in natura; non scripta, sed nata lex; vera lex, recta ratio, naturae congruens*” (REALE, 2002, p. 313).

Assim, ao iniciar uma abordagem a respeito do Jusnaturalismo em Roma, o primeiro personagem a ser lembrado passa necessariamente por Cícero, considerado um dos grandes representantes do pensamento político, filosófico e jurídico de Roma, cuja obra sofreu influências das filosofias que o antecederam, tais como a Sofística, o Socratismo, o Platonismo, o Aristotelismo e o Epicurismo (BITTAR e ALMEIDA, 2011, p. 173).

Platão considera o homem uma Alma que tem um corpo, assim, está fundamentado nessa dignidade, e não o contrário, assim, possui corpo, energia, astral e uma mente que estão a serviço deste elemento espiritual, que lhe confere dignidade humana e é também capaz de determinar o sentido claro de vida; pois ligado às suas raízes mais profundas; ao perder este contato, o homem pouco a pouco se animaliza, pois deixa de utilizar a mente para entrar em contato com esses ideais do mundo dos arquétipos e os prazeres inteligíveis: contemplação do belo, vivência do amor, justiça, busca da verdade e bondade, para voltar-se inteiramente ao mundo material e a satisfação apenas de prazeres sensíveis: sobrevivência, alimentos, dinheiro, sexo, competições personalíssimas.

O autor Frances, Bertrand Vergely, p. 210, “Dictionnaire de la philosophie” reflete:

O sagrado, por sua amplitude, designa um caminho psicológico que consiste em supervalorizar certos acontecimentos, pessoas ou significados. A crítica da religião sempre reduz o sagrado à sacralização, fazendo do divino o resultado de uma projeção humana que exalta um ou outro objeto, o que é uma redução. Se a sacralização, com sua violência ou cegueira, é um fato inegável e de outra dimensão diferente da existência, é a base da estrutura do humano, uma vez que perder o sentido do sagrado equivale a uma completa desumanização. (VERGELY, 2004, p. 210)

Se através do profano o homem toma consciência de sua particularidade e tende a conduzir tudo para si, tornando-se a medida de todas as coisas, num impulso antropocêntrico. Por meio do sagrado o homem toma consciência dos valores que radicam numa origem cósmica e universal e que são transcendentais, trazendo até ele a dimensão cosmocêntrica, ou a dimensão teocêntrica, se considerarmos o âmbito das religiões. Assim, sagrado e profano interagem como um inspirar-expirar na vida do homem e das sociedades. É ao nível da mediação que se encontra o mistério do sagrado: este último, como realidade transcendente se manifesta e, ao se manifestar, se limita. Ele transmite sua força, reveste um ser ou um objeto com sua sacralidade, permitindo que o homem entre em contato com a realidade transcendente. Do ponto de vista antropológico o sagrado é reconhecido por suas funções mediadoras: arquétipos, mitos, símbolos e ritos. (SCHWARZ, 2017)

Neste contexto, o rito reforçava os laços sociais. Era, no entanto, a principal ideologia da polis, que estruturava e dava sentido a todos os elementos que fundamentavam sua identidade e relações entre os seus membros. A atividade ritual fortalecia o senso de solidariedade do grupo e reforçava os laços sociais. (SOURVINOU-INWOOD, 1992).

Para estes povos greco-romanos, não cumprir com as obrigações para com os deuses significava distanciar-se de sua própria cultura, excluir-se da comunidade dos gregos, tornar-se bárbaro. Se a conduta do cidadão individual não estivesse de acordo com este padrão, ele não somente se colocava em risco, mas ameaçava o bem-estar da própria cidade (SISSA E DETIENNE, 1989). Os gregos acreditavam que o relacionamento com os deuses garantia a existência da polis e o desrespeito para com os deuses era considerado, além de impiedade, um ato de deslealdade para com a politeia (SOURVINOU-INWOOD, 1992). Assim, podemos afirmar que o indivíduo estabelecia a sua relação com o divino pela sua participação em comunidade. (VERNANT, 2002).

As práticas religiosas públicas eram impostas ao indivíduo pela sua condição social de pertencimento a uma cidade, portanto eram foco de sua identidade cívica. Eram fruto da condição cívica e não de decisão pessoal de ordem espiritual. Ou melhor, diferentemente de hoje, um romano não possuía uma identidade religiosa que pudesse distingui-lo da sua identidade como cidadão ou como membro de uma família. Em alguma medida, fica clara a separação entre a vida pública e a sua responsabilidade para com a manutenção do Estado e seus gostos pessoais.

Embora a mitologia, a especulação filosófica e a investigação tradicional fossem partes importantes da religião romana, deixava-se inteiramente por conta da vontade dos indivíduos ignorá-las ou buscá-las. Nunca as autoridades impuseram qual deveria ser ou não ser o pensamento aceitável sobre os deuses. Embora a exegese dos rituais públicos pudesse ser um importante parte da experiência total da religião, os oficiais públicos se responsabilizavam somente com os próprios rituais e deixavam a exegeses para serem debatidas pelos indivíduos privados. O pensamento politeísta permitiu a conciliação entre a união de uma divindade escolhida pessoalmente e o gesto convencional do ritual do Estado. Esta é uma entre outras indicações de que o ritual e não a crença era o centro da religião romana. (MENDES e OTERO, 2005).

Talvez o mais certo seria falarmos em religiões romanas, centrado principalmente na tríade Capitolina Júpiter, Juno e Minerva. No entanto, a religião pública foi estruturada em torno dos rituais que eram considerados imprescindíveis para a proteção e prosperidade das cidades e do Império de tal forma que podemos falar num modelo de religião normativa, plenamente de acordo com as elites e que fundamentava a identidade cívica e imperial (RIVES, 2000, p. 262).

As cidades eram fundadas a partir de um símbolo sagrado. No mito de fundação de Roma, Réia Silvia, filha do Rei de Alba, na Península Itálica, é uma vestal (um tipo de sacerdotisa) e tem a missão de manter o fogo sagrado acesso consagrado à deusa do Lar. Por ser uma vestal, não pode se casar e nem ter filhos, conta a história que durante suas idas para buscar água para o Templo, encontra um lindo jovem. Ela e esse lindo jovem se apaixonam e casam-se secretamente, mas este jovem é o deus Marte. Quando ela descobre que está grávida, é colocada numa masmorra subterrânea por seu tio Amúlio, que queria virar Rei de Alba. Sua prima Antônia salva da masmorra, e a esconde em num lugar secreto do palácio. Réia Silvia tem dois meninos gêmeos. Seu tio Amúlio, com o nascimento das crianças, que herdariam o trono, manda um servo matá-los. O servo com medo, deixa que os deuses decidam o destino dos meninos, para isso, os joga dentro de uma cesta no Rio Tibre. Os lobos os encontram e uma loba amamenta-os. Os pastores vendo esta cena ficam espantados e presumem que aqueles bebês são filhos de algum deus, pois os lobos não lhe fizeram mal e ainda uma loba os amamenta. Eles crescem e se destacam pelo porte, pela força, pela bravura, pela bondade, pelo discernimento e pela sabedoria. Foram criados por um casal de

pastores, que lhes deram os nomes de Rômulo e Remo. Esse casal conta para eles que não são seus filhos, mas sim filhos de um deus. Durante uma briga, Remo é preso e enviado com seu grupo para ser julgado pelo rei. O rei sente rapidamente uma afeição por aquele rapaz, que chama atenção por seu belo porte. O pastor que o criou vai até o rei e lhe mostra o cesto de vime e os cueiros nobres que havia guardado para quando chegasse o dia da verdade, também conta como encontrou os gêmeos. O Rei sente a veracidade na história e lamenta que sua filha, não esteja lá para conhecer os filhos. Neste momento Rômulo chega à cidade, para buscar seu irmão, mesmo que tenha que usar a força, e lhe encontra ao lado do Rei conversando. Nesta ocasião lhe contam sua verdadeira história e a Princesa Réia Silvia sai de seu esconderijo e o irmão do Rei é morto por ter feito tantas maldades. Rômulo e Remo decidem fundar outra cidade, na localidade onde foram criados, no outro lado do Rio Tibre. Cada um quer que ela seja em um lugar diferente, e eles e seus companheiros acabam brigando, e no final desta briga, Remo está morto. Prevalece o lugar que Rômulo escolhe. A cidade é construída e ganha o nome de Roma, em homenagem a Rômulo. Esta cria todas as leis romanas e a organização do Estado romano. Rômulo tornou-se o primeiro rei de Roma, e com ele iniciou-se um período monárquico que duraria cerca de dois séculos. A ele atribuiu-se a criação das primeiras leis e do senado com 100 membros (os Patres). (DOZENA E DANTAS, 2016)

Esse mito foi contado por vários poetas romanos, como Virgílio, Tito Lívio e Suetônio, tendo também sofrido algumas alterações ao longo da história. Iremos abordar, no presente trabalho, esse mito como parte constitutiva da transformação do local de fundação de Roma em um lugar, investido de significação, a sede de um dos maiores Impérios da Antiguidade. O geógrafo Yi-FuTuan atribui ao homem a capacidade de dar significação e criar laços com um determinado espaço, outrora sem sentido. (DOZENA E DANTAS, 2016)

Os seus sucessores prosseguiram com a obra de organização e engrandecimento da cidade, criando instituições religiosas e sociais como os colégios sacerdotais, organizando o culto em torno da deusa Vesta, introduzindo o calendário lunar e construindo o templo de Jano.

Roma, a capital do Império Romano, foi fundada provavelmente no ano de 753 a.C., fruto da conquista, primeiramente sobre a Península Itálica, depois do Mediterrâneo. Assim como várias outras Cidades Antigas, seus edifícios, casas,

ruas, teve todas as suas pedras esculpidas e milimetricamente medidas, mas foram também talhadas pelo mito. Trazendo em seus alicerces uma série de crenças, mitos e ritos, realizados e idealizados pelo homem como uma forma de manter o equilíbrio entre o plano terreno e sobrenatural (RYKWERT, 2006, p.19-21)

A história romana está intimamente ligada aos deuses, principalmente a Marte (deus da guerra) e a Vênus (deusa do amor). Os romanos acreditavam que seu mundo dependia da vontade desses seres divinos, como representantes das leis da vida: eram eles que garantiam sua soberania sobre os demais povos e asseguravam o poder do Império. A paz com o mundo sobrenatural refletia-se no plano terreno, pragas, enchentes, boas colheitas e sucesso nas guerras eram sinais de harmonia ou discórdia com deuses, por isso realizavam festas, rituais e oferendas, tanto no ambiente público, como no privado.

Os mitos da origem, em sua maioria, consistem em indicar o caminho trilhado pelos ancestrais, de como prepararam a terra para construírem suas habitações, de como se supriram dos recursos naturais e de como suas ações modificaram o ambiente. Os traços topográficos da área são registros de quem esteve aqui e do que se fez aqui. (TUAN, 2011, p. 4.)

A cidade é uma expressão do contexto histórico em que o homem vive, ela guarda em si os anseios, esperanças e expectativas, expostos não só nos edifícios, mas na disposição das ruas, nos monumentos e na própria mentalidade das pessoas. Por consequência disso, está em constante movimento, pois suas formas são inventadas e reinventadas. Ela se constitui como o lugar de encontro do cosmo com a terra, do sacro com o mundano, mas acima de tudo da experiência do homem. (RYKWERT, 2006)

A construção de uma cidade equivalia, para os romanos, a representação da origem do universo. Um território desconhecido, desabitado pelo povo romano, traduzia-se como o Caos. Mas, a partir do momento em que era ocupado pelo homem este o transformava, simbolicamente, em Cosmos, mediante a repetição de um ritual cosmogônico. “O que deve tornar-se o nosso mundo, deve ser “criado” previamente, e toda criação tem um modelo exemplar: a Criação do Universo pelos deuses. Porque, da perspectiva das sociedades arcaicas, tudo o que não é “o nosso mundo” não é ainda um “mundo” (ELIADE, 1992, p.35)”.

O que se percebe nestas pesquisas é que a vida destes povos estava fundamentada neste contato com o sagrado, como um inspirar destes ideais e um expirar na vida material, com um sentido claro de plasmá-los. Deste modo, o homem cidadão é protagonista e livre para dentro das suas limitações, conduzir-se internamente, para cima, segundo os valores do sagrado; ou para baixo, segundo os valores profanos.

O ato de experimentar e investir de significado um dado espaço, anteriormente estranho ao homem, o transforma em um lugar, que dá sentido à sua existência, lhe permitindo habitar o centro do mundo e considerar-se dono dele, desde que esteja em harmonia com os deuses. Pela sua simples presença o homem impõe um esquema ao espaço, conscientemente ou não ele marca sua presença através de atividades que legitimam esse ambiente como sendo “seu”. (TUAN, 1983).

Para os romanos o espaço não era entendido como algo homogêneo, mas caracterizado por uma dualidade, que correspondia a sua experiência para com ele. Havia, portanto o espaço sagrado, aquele que habitavam e considerado o centro do universo, e o profano, sem estrutura, nem consistência, habitado por seus inimigos ou simplesmente desabitado. Essa oposição estava então ligada a existência ou não de experiência do homem com um dado espaço. O espaço sagrado tem um valor existencial para o homem, pois nada pode começar do Caos, é necessário estabelecer um ponto central para que o Cosmos se sobreponha ao Caos, por isso a primeira coisa a ser construída no local designado para a edificação das cidades romanas era o *mundus*. Para viver no Mundo é preciso sacralizá-lo, pois não se pode viver no Caos (ELIADE, 1992, p. 70-73). O homem precisava ter a certeza de que:

(...) sua cidade constituía o umbigo do Universo e, sobretudo, que o Templo ou o Palácio eram verdadeiros Centros do Mundo; mas queria também que sua própria casa se situasse no Centro e que ela fosse uma *imago mundi*. Universo. (...) Em outras palavras, o homem das sociedades tradicionais só podia viver num espaço “aberto” para o alto, onde a rotura de nível estava simbolicamente assegurada e a comunicação com o outro mundo, o mundo transcendental, era ritualmente possível. (ELIADE, 1992, p.27)

Na obra, Espaço-tempo: Enredos entre Geografia e História, tema - ENTRE HOMENS E DEUSES: A FUNDAÇÃO DE ROMA E A REPRESENTAÇÃO DO EQUILÍBRIO TERRENO E DIVINO, a autora, Ana Paula Santana Filgueira, narra, segundo o mito fundador, que, após ter transformado Roma em um a potência política e militar, Rômulo teria desaparecido em um a nuvem, durante uma tempestade, e nunca mais teria sido visto. Depois desse episódio, os romanos o cultuaram como deus, pai e rei de Roma (LÍVIO, 2008, p. 24-26).

A religião romana era um importante componente da vida cotidiana na cidade, pois o culto público pregava uma religião que cultuava os grandes deuses de origem grega, porém com nomes latinos: Júpiter, pai dos deuses; Vênus, deusa do amor e da beleza; e Juno, deusa protetora das mulheres e do casamento. Nos espaços privados, os romanos buscavam a proteção dos espíritos domésticos, lares, e antepassados, penates. Prestar culto aos deuses era uma maneira de incentivar a união entre a comunidade. Traduzia-se como uma expressão da fidelidade dos homens para com os deuses e asseguravam de alguma forma a prosperidade através da *pax deorum* – a paz com os deuses.

Os deuses estavam sempre presentes na vida cívica, também eram cidadãos romanos, participavam das suas glórias, derrotas e dos rituais. Estes últimos eram uma parte fundamental nas interações entre homens e deuses, pois os rituais marcavam todos os eventos públicos e celebrações. A religião era um das expressões da concepção romana sobre a manutenção e limitação do poder dos grupos políticos, além de garantir uma boa relação entre homens e deuses. Os rituais representavam a certeza da conservação da sociedade ordenada e segura (SILVA, 2006, p. 56-58)

Após este ritual iniciava-se a fase de construção dos muros e demais estruturas da cidade, essas pedras eram uma forma de proteção não só contra os povos inimigos, mas também contra os mortos, enterrados fora da cidade. As pedras da cidade eram uma forma de proteção dos corpos frágeis de seus habitantes. Os romanos consideravam suas muralhas sagradas, elas deviam ser defendidas ao custo de suas próprias vidas, no entanto, seus portões não o eram, pois através deles passavam os mortos e todos os tipos de mercadorias.

Os portões das cidades romanas ficavam sob a guarda de um deus protetor, mesmo assim todos eram protegidos por Jano, deus de todos os começos e todas as aberturas e chamado também de “universo”. Por marcar os limites entre um espaço revestido de significação e do espaço sem ordem, os portões carregavam em si um poder ameaçador – atravessá-lo era um ato religioso, pois o homem saía do Cosmos e se aventurava em meio ao Caos, território não romano. Eles eram adornados com abóbadas e painéis protegidos por diversas divindades. Diante de toda essa ritualização, a cidade romana não possuía apenas uma existência física, mas ia além, suas estruturas alcançavam o plano divino.

Dando embasamento a esta concepção sobre a Cidade Antiga, Joseph Rykwert (2006, p. 80-83), historiador da arte, no século XX, utilizou o conceito de “entre lugar”, para definir qualquer espaço onde o homem se reconheça, encontre sua identidade, enquanto indivíduo ou membro de um grupo. Esse historiador afirma que a Cidade Antiga era construída por princípios cosmogônicos, ou seja, remetia a origem, era um reflexo do universo e da ordem do mundo. Além disso, defende o caráter biológico como um dos elementos-chave na construção das cidades: o homem constrói suas cidades para se orientar no mundo, elas servem para proteger e disciplinar o corpo (RYKWERT, 2006, p. 85).

A religiosidade é a expressão da Identidade Cívica do Povo, pois através do culto ao divino, era possível para o cidadão da antiguidade encontrar-se com que há de melhor em si próprio e agir a partir desta realidade. É em função disso que se pode dar a palavra religião seu sentido essencial (*religar*), o que me liga ao outro, a alteridade da natureza, da comunidade e do divino.

Em outras palavras, é o princípio que dá a razão de ser e aponta a meta a toda a comunidade humana; isto é que Platão se propõe investigar. E é para este princípio que o Lísias aponta, quando instaura o critério normativo de um “primeiro amado”. Congruente com isto é a tese que Platão estabelece no Górgias, ao afirmar que não pode existir uma verdadeira comunidade entre homens que vivam no roubo, pois a comunidade no verdadeiro sentido só para o bem pode existir. Aqui, como nos demais diálogos socráticos, pressupõe-se como ponto fixo de orientação a ideia do Bem; esta constitui igualmente a pauta absoluta e última da investigação sobre o problema da amizade, pois o leitor sagaz compreenderia perfeitamente, sem ser preciso Platão dizê-lo de modo expresso, que, por trás daquele “primeiro amado, em virtude do qual amamos tudo o mais, estava o supremo valor, que o Bem encerra em si. O Lísias abre, por conseguinte, as perspectivas que as duas obras fundamentais sobre o eros haviam de explorar: o estabelecimento de toda a comunidade sobre a ideia de que aquilo que une os seres humanos uns aos outros é a norma e a lei de um Bem supremo impresso na alma, Bem que mantém unido o mundo dos homens e unido o cosmos inteiro. E já no Lísias vemos como a eficácia do princípio primordial amado por todos transcende o mundo dos homens: é o Bem ansiado e apetecido não só por nós, mas também por todos os seres, e que aparece em cada um deles, como a sua perfeição própria. Também o Górgias, ao repudiar energicamente a tese do direito do mais forte, ordenava já o problema das comunidades humanas dentro dos limites de uma simetria cósmica suprema, que significa aqui a harmonia das coisas com a sua norma última, de momento não determina com maior precisão” (JAEGER. 1994. p. 720/721.)

Trata-se de uma forma de ver a vida diametralmente diferente àquele ensinada pelo mundo contemporâneo, posto que na antiguidade o valor do coletivo sobre o particular é a marca da cidadania, no qual homens e mulheres demonstravam felicidade e honra em servir ao Estado. “O sentido do dever é, nos poemas homéricos, uma característica essencial da nobreza, que se orgulha por lhe ser imposta medida exigente. A força educadora da nobreza reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal” (JAEGER. 1994. p. 28.)

Sob estes pilares a antiguidade construiu cidadãos virtuosos, que estavam segundo as obras clássicas, interessados no conhecimento vivo, capaz de educar homens para a vida e para lograrem força não só física e intelectual, mas também espiritual, cujo legado revelaram povos que sustentaram várias formas de governo como aristocracia, monarquias, impérios, oligarquias e repúblicas e passaram seus legados cultural ao novo mundo, através de obras memoráveis que têm sido guardadas como tesouros da humanidade.

1.2 Cidadania na Contemporaneidade

Na história não existem descontinuidades, quando muito, observamos mudanças de direção ou aceleração diferentes. (LIVRAGA, 2010, p. 102)

Esta concepção de mundo da antiguidade clássica, que trava em especial do mundo das Ideias, é perdida; assim, se para o mundo grego romano o Homem podia ter acesso à transcendência e a sua parte divina; esse acesso é negado a partir do Século XIII, com a interpretação de Averroés das obras de Aristóteles.

A adoção do modelo averroísta tem uma consequência fundamental: ela priva o homem de todo acesso direto à transcendência. De fato, Averroés afirma a incapacidade da inteligência humana para apreender a Revelação. Ela faz justiça à filosofia e à Teologia, mas mantendo-as cada uma em sua esfera, e esse afastamento é, para ele, a condição de acordo delas. (SCHWARZ, 1979, p. 229.)

Neste momento, o homem é privado de contemplar seu arquétipo humano, diminuindo assim, sua possibilidade de plasmar a excelência política. “É assim que a Filosofia do século XIII interdita ao homem ser “figura sem intermediário de Deus. A Igreja recusa assim ao homem acesso direito de sua alma ao modelo ou arquétipo divino” (SCHWARZ, 1979, p. 229.)

O homem é, portanto, de hoje em diante, privado do Divino e do Universo. Ele não pode mais, conhecendo-se a si mesmo, conhecer seu Deus. Amputado de uma parte essencial de si mesmo, ele volta-se para o mundo dos objetos. É assim que a física de Aristóteles se impõe, dando prioridade ao mundo sensível, único objetivo, o dos fatos. É o começo do racionalismo empírico. (SCHWARZ, 1979, p. 229.)

As religiões dos Mistérios foram marginalizadas em benefício da religião “social”. Os negócios públicos “ultrapassaram” os negócios da alma; essa ruptura com o mundo tradicional não foi devida a nenhuma imposta do exterior, como a aquisição de ferro ou ainda a descoberta da Ciência, porque outros povos integraram essas revoluções técnicas sem pra isso conhecerem tal ruptura. Trata-se, portanto, de uma mutação, de uma profunda mudança de mentalidade, devida à perda de compreensão das funções míticas nas sociedades humanas. A literatura pós-socrática e notadamente a escola platônica – aristotélica trouxeram-lhe o sentido geral de Ciência, ou melhor, de ciência do conhecimento. (SCHWARZ, 1979)

A ideia do homem como medida de todas as coisas se instaura, instaura-se o culto à razão, “os séculos XVI e XVII, de Galileu a Descartes, oficializaram a separação entre o mundo sagrado e o mundo profano, entre a alma e o corpo.” (SCHWARZ, 1979, p. 230.)

A filosofia clássica, inclusive a de Platão e Aristóteles, desenvolve a noção de contemplação, de Teofania, da união do homem com Deus. Mas, seu propósito torna-se muitíssimo abstrato. A meditação ocidental exclui a confrontação com o mundo físico, com grande diferença das filosofias orientais, como, por exemplo, o Yoga, que integra perfeitamente o corpo, e no qual a harmonia procurada é a do corpo e do espírito. No Ocidente, o corpo é machucado e o homem é mutilado. A filosofia “prática”, com a qual sonha Descartes, tende à reabilitação do mundo sensível, mas visa igualmente à dominação pelo homem de uma natureza completamente separada dele. Ela não propõe ao homem a dominação de si; o homem, de toda maneira, perdeu o controle de si mesmo; ele é, segundo a definição de Descartes, apenas um “homem máquina” submetido às paixões e a um “Cogito” vazio e abstrato! (SCHWARZ, 1979, p. 231)

O homem perde contato com sua essência, deixa de ser educado para saber controlar seu corpo, energia, emoções e mente. Assim, deixa de estar consciente de sua parte espiritual, de governar-se com o sentido de trazer ao mundo material valores espirituais, através da prática das virtudes. Perde suas raízes, e torna-se cada vez mais vulnerável, mais tendente às ideias deterministas. Pois deixa de perceber-se como protagonista, para ter uma visão de espelho, que apenas pode reproduzir o seu entorno.

Marx, diferente dos demais autores citados, não trabalha nessa perspectiva idealista, espiritualista. Ele trabalha segundo a corrente de pensamento do materialismo dialético. Nessa perspectiva materialista, denuncia incoerências e anuncia as consequências de uma ação praticada por um homem esvaziado de consciência de si mesmo.

Marx, em sua obra Manifesto do Partido comunista aponta o enfraquecimento do Estado e sua tendência a passar ao serviço da nova classe dominante, a burguesia, porquanto a grande indústria criou o mercado mundial, que a descoberta da América preparara. O mercado mundial deu ao comércio, à navegação, às comunicações por terra um desenvolvimento incalculável. Este por sua vez reagiu sobre a expansão da indústria, e na mesma medida em que indústria, comércio, navegação, estradas de ferro se expandiam, nessa mesma medida a burguesia desenvolvia-se, multiplicava seus capitais, empurrava a um segundo plano todas as classes provenientes da Idade Média. (MARX e ENGELS, 1848)

Essa condição de decadência dos valores humanos, em que pese as mais diversas promessas do progresso científico, salta aos olhos deste observador atento da história; Marx ressalta que a burguesia ao chegar ao poder, destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Ela rompeu impiedosamente os variegados laços feudais que atavam o homem ao seu superior natural, não deixando nenhum outro laço entre os seres humanos senão o interesse nu e cru, senão o insensível "pagamento à vista". Ela afogou os arrepios sagrados do arroubo religioso, do entusiasmo cavalheiresco, da plangência do filisteísmo burguês, nas águas gélidas do cálculo egoísta. Ela dissolveu a dignidade pessoal em valor de troca, e no lugar das inúmeras liberdades atestadas em documento ou valorosamente conquistadas, colocou *uma* única inescrupulosa liberdade de comércio. A burguesia, em uma palavra, colocou no lugar da exploração ocultada por ilusões religiosas e políticas a exploração aberta, desavergonhada, direta, seca. A burguesia despojou de sua auréola sagrada todas as atividades até então veneráveis, contempladas com piedoso recato. Ela transformou o médico, o jurista, o clérigo, o poeta, o homem das ciências, em trabalhadores assalariados, pagos por ela. A burguesia arrancou às relações familiares o seu comovente véu sentimental e as reduziu a pura relação monetária. (MARX e ENGELS, 1848)

Apenas ela deu provas daquilo que a atividade dos homens é capaz de levar a cabo. Ela realizou obras miraculosas inteiramente diferentes das pirâmides egípcias, dos aquedutos romanos e das catedrais góticas, ela executou deslocamentos inteiramente diferentes das Migrações dos Povos e das Cruzadas. A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção e, assim, o conjunto das relações

sociais. Conservação inalterada do velho modo de produção foi, ao contrário, a condição primeira de existência de todas as classes industriais anteriores.

O revolucionamento contínuo da produção, o abalo ininterrupto de todas as situações sociais, a insegurança e a movimentação eternas distinguem a época burguesa de todas as outras. Todas as relações fixas e enferrujadas, com o seu séquito de veneráveis representações e concepções, são dissolvidas; todas as relações novas, posteriormente formadas, envelhecem antes que possam enrijecer-se. Tudo o que está estratificado e em vigor volatiliza-se, todo o sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar a sua situação de vida, os seus relacionamentos mútuos com olhos sóbrios. A necessidade de um mercado cada vez mais expansivo para seus produtos impele a burguesia por todo o globo terrestre. Ela tem de alojar-se por toda parte, estabelecer-se por toda parte, construir vínculos por toda parte.

Através da exploração do mercado mundial, a burguesia configurou de maneira cosmopolita a produção e o consumo de todos os países. Para grande pesar dos reacionários, ela subtraiu à indústria o solo nacional em que tinha os pés. As antiquíssimas indústrias nacionais foram aniquiladas e continuam sendo aniquiladas diariamente. São sufocadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, por indústrias que não mais processam matérias-primas nativas, mas sim matérias-primas próprias das zonas mais afastadas, e cujos produtos são consumidos não apenas no próprio país, mas simultaneamente em todas as partes.

A fim de enriquecer nosso diálogo, considerado a observação da história através de uma perspectiva espiritualista e materialista, importa saber o ponto de vista conservador, expresso pelo Sociólogo Max Weber, que utiliza o termo desencantamento do mundo em um ensaio: A ciência como Vocação, no qual ressalta que o avanço da racionalização não se traduz diretamente em melhor compreensão das condições de vida.

Weber não via o progresso da razão científica como um crescimento necessário em outros campos da vida, como se a ciência proporcionasse um aumento da felicidade, ou um aumento na esfera material. Não vê o aumento do grau de racionalidade, que tem a ciência como maior expressão, como uma força que alavanca necessariamente a humanidade para graus superiores na esfera da vida. Pois, embora a ciência busque dominar, analisar pelo cálculo, e faz isso sem “pedir ajuda a Deus”, ela não pode nem mesmo dizer se vale a pena ou não ser um cientista, uma vez

que ela não tem nenhum significado que vá além do prático e técnico, acima de tudo porque ela não se propõe a isso, porque este não é seu objetivo. Não cabe a ela responder se a vida possui sentido ou não. Weber chega a citar a medicina como exemplo para essa questão. Ocorre, segundo ele, que "... a Ciência Médica tem a tarefa de manter a vida como tal e diminuir o sofrimento na medida máxima de suas possibilidades." (WEBER, 1982, p. 170).

Dentre as consequências da dessacralização do ocidente a partir da Antiguidade Clássica surge o dualismo: pelo divórcio entre as Ideias do mundo inteligível e o mundo sensível, entre a Fé e a Razão, entre o sagrado e o profano; o intelectualismo, retira do homem a capacidade de viver em harmonia com o tempo e o espaço. O Ocidental intelectualiza, especula, cerebraliza, pois sua Razão é separada de sua intuição, tendo um conhecimento apenas abstrato. (SCHWARZ, 1979)

O Homem perde sua capacidade de ter critérios próprios, "Segundo quais critérios o homem vai, portanto, julgar e pensar o mundo? A lógica, a razão e o método reduzem o universo ao que podem apreender. O resto é excluído do campo de investigação". (SCHWARZ, 1979, p. 233)

O saber do homem ocidental é, assim, fragmentado, parcelado, sem coerência interna. A complexidade assusta, pois ela não possui visão global que poderia integrar as diferenças e os paradoxos. Como exprime muito bem Gilberta Durand, em sua obra a Ciência do Homem e Tradição: "a redução é a última parada do saber moderno contra o avolumamento dos objetos do saber". Este reducionismo tem por corolário o antropocentrismo. O intelecto do homem é a última referência: o homem tornou-se a medida de todas as coisas. Cada um julga segundo seu ponto de vista, que considera como o melhor. É uma abordagem que parte de um centro considerado como uma unidade para uma periferia múltipla e complexa. É, portanto, uma abordagem que parte do particular para atingir o global. Mas, sobretudo, o Homem é considerado como um centro organizado enquanto o Universo seria apenas o caos. Portanto, o homem seria superior ao Universo e poderia ordená-lo. Ao contrário, o saber tradicional possui uma concepção unitária do cosmos. A visão antropocêntrica afirma primeiro o "eu", em seguida, o outro, o meio; enfim, se é possível.... Deus. Esse antropocentrismo vai acabar por fazer crer ao homem que ele é o único que detém a verdade. Daí a tentação do etnocentrismo e do imperialismo. (SCHAWARZ, 1979, p. 233)

"O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo desencantamento do mundo levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes" (WEBER, 1982). O homem não procura mais conquistar-se a si mesmo, nem obter o domínio de suas paixões e instintos, mas procura conquistar o outro, aliás, numa incompreensão total do outro. (SCHAWARZ, 1979, p. 234)

Estabelecida a autonomia da ciência, cuja base é sua própria versão da causalidade (seu próprio cosmos de verdades, agora desmagificado), cortam-se os liames com a esfera moral (ética religiosa) e com as representações metafísicas da existência (um sentido determinado) cujas teodiceias elaboravam uma resposta para a irracionalidade do mundo.” (WEBWER, 2008),

“É no século XIX que se desenrolará a terceira etapa da dessacralização do Ocidente. Um novo conceito aparece então: a supremacia da explicação histórica e do encadeamento linear dos fatos.” (SCHWARZ, 1979, p. 231). Augusto Comte, o pai da sociologia moderna, explicou a evolução da humanidade com a lei dos “três estados”: teológica, metafísica e positivista; a ciência para Comte era a principal ponte para de crescimento intelectual e moral da sociedade, porquanto acreditava ser necessário reestabelecer a ordem, através de uma rígida organização da sociedade, pela valorização do cientificismo.

“É quando se instala o mito do progresso contínuo e linear, combinado com um certo messianismo. Os intelectuais tornam-se os novos sacerdotes da religião laica.” (SCHWARZ, 1979, p. 232). Como fruto da dessacralização do ocidente, surgem o dualismo; o intelectualismo; o reducionismo; o antropocentrismo; o imperialismo e o niilismo.

O homem perde o sentido de vida, diante desta visão puramente racional, incapaz de conferir um sentido objetivo à vida, transformando a natureza em um mecanismo puramente causal. Assim, o homem moderno é compelido a buscar um sentido individual. Comparado à serenidade do homem tradicional, em face da certeza de viver num mundo harmonioso; o homem moderno está “em crise”, angustiado, sacudido entre o acaso e a necessidade, crê que “Deus está morte”. Ele considera a vida como um exílio, privado de toda a finalidade. É o vazio metafísico total, expressão última da filosofia ocidental. (SCHWARZ, 1979)

O sociólogo, Michel Maffesoli, especializado em pós-modernidade, entende que toda cultura é dependente de uma série de princípios que constituem um modelo, um paradigma, um ambiente ao redor do qual se organiza uma maneira de viver juntos. Ressaltando a necessidade de se refletir sobre as características da modernidade e da pós-modernidade, a passagem de uma ocidentalização para uma orientalizará do mundo.

A história não é linear, mas cíclica e neste momento, já dá sinas de busca por um renascimento, de busca pelo reencaamento. “A modernidade conduziu

inelutavelmente à secularização, à desmitologização e, então, à perda do sagrado. Mas para aqueles que estão atentos à verdade sombreada própria à espécie humana, é inegável que se assiste a uma surpreendente renascença ‘sacral’.” (MAFFESOLI, 2020)

Segundo o sociólogo Maffesoli, a partir do século XVII e mais precisamente sob o impulso da filosofia cartesiana vai se instaurar o que, de uma maneira figurada, pode-se chamar de “rolo compressor” do racionalismo, esvaziando os fenômenos sociais que não correspondem ao que a Escola de Frankfurt chama de “razão instrumental”. É nessa perspectiva que, sob a égide da filosofia iluminista do século XVIII, os grandes sistemas sociais, particularmente marxistas, do século XIX, reforçaram uma concepção materialista da vida individual ou coletiva. É um materialismo que privilegia o elemento econômico e que esvazia, por isso mesmo, tudo o que tinha a ver com a espiritualidade ou com o imaterial. Sob o choque desse materialismo, pouco a pouco, a religião foi marginalizada e, como se pode constatar na Europa, as igrejas se esvaziam cada vez mais. É nesse sentido que se pode compreender no sentido estrito a palavra “secularização”; quer dizer, centra-se no presente século, sem esperar uma fruição futura no paraíso celeste.

Ao explicar acerca do termo “metapolítica” utilizado pelo escritor, filósofo, diplomata e magistrado Joseph de Maistre, o sociólogo Maffesoli explica que a expressão ‘metapolítica’ é instrutiva para entender como, para além de uma concepção política puramente racional, renasce a necessidade, e mesmo o desejo de parâmetros humanos que tenham a ver, de perto ou de longe, com o fato religioso. Por exemplo, tudo o que, com a ajuda da internet, acentua a partilha, a troca, e mesmo, para retomar um termo de conotação religiosa, o caritativo. É nessa base que se podem compreender as diversas sublevações que, em toda parte, estão em curso e que deverão se desenvolver de maneira muito forte. Essas revoltas, essas insurreições do povo sublinham que ele não se satisfaz mais simplesmente como uma concepção econômica, e mesmo economicista. Se se toma o exemplo dos coletes amarelos na França, vê-se que o que era essencial tinha a ver com a troca, a amizade, ao fato de que as pessoas não se contentam mais com uma existência puramente materialista. É nesse sentido que, como o historiador E. Hobsbawm falava da “era das revoluções, elemento essencial da modernidade, propus que se falasse da “era das sublevações”, que vão crescentemente balizar a vida social. (MAFFESOLI, 2020)

O termo metapolítica assinala que não é mais uma questão econômica que prevalece, mas algo que destaca o lado qualitativo da existência. Em numerosos países, na Europa, na França, na Itália, na Espanha, chama a atenção quanto essa dimensão qualitativa, e mesmo espiritual, ganha cada vez mais importância, nascendo uma busca crescente pelo essencial, capaz de dar sentido à vida e orientar as atividades; dentro do vazio e da enorme quantidade de coisas, atividades e informações, faz-se imperioso encontrar prioridades, estabelecer hierarquia.

O Espiritual é superior, e não mais importante, e por essa razão capaz de governar a matéria. Assim, como para realizar uma atividade como construir uma casa, primeiro utilizamos o mais sutil, isto é, reflexão, planejamento, projeto, e depois a plasma-se a obra, através do material, tijolos, cimento e piso.

A “nostalgia do sagrado” serve a ultrapassar a disputa tetânica que pode existir entre uma concepção progressista da vida e uma concepção reacionária. Trata-se de uma filosofia progressiva, que destaca a Tradição, que está cada vez mais em jogo na vida social. A Tradição, que é a memória imemorial da humanidade, ganha de novo importância. Assim, na França, as festas do patrimônio, o desenvolvimento dos mosteiros, a importância dada às práticas de meditação etc., isso tudo sublinha a “nostalgia do sagrado”. Para além do mito do progresso ou da atitude reacionária, trata-se do “enraizamento dinâmico”. Isso quer dizer que as pessoas voltam a dar-se conta de que, como toda planta, a planta humana necessita raízes para crescer e se desenvolver. A figura alegórica desse dinamismo poderia se exprimir pela imagem da espiral. (MAFFESOLI. 2020)

Como a grandeza e nobreza de um filho está em reconhecer e honrar seus ascendentes e mestres, para os autores acima mencionados a verdadeira progressividade é aquela, justamente, que reconhece a autoridade do passado. Em destaque mais uma vez o termo raiz, a necessidade de entrarmos em contato com as origens.

Tanto se discute sobre demandas sociais, bem como a falta delas, mas não há reflexões sobre o óbvio, a quem está o encargo de promovê-las? Ao Homem. Caberia refletir sobre o que movimenta o homem para o mais elevado, para cumprir suas metas por reta ação e não por interesse egoísta.

Nessa perspectiva espiralesca entendem que se pode compreender o que há de interessante na filosofia progressiva, oposta ao simples progressismo. A verdadeira progressividade considera o presente e o futuro como tendo fortes raízes, o que se

pode resumir na fórmula de Léon Bloy, quando ele diz que o profeta é aquele que se lembra do futuro. Esse reconhecimento do passado não é um movimento conservador ou reacionário, mas sublinha que toda vida individual ou toda vida coletiva não existem *ex nihilo* (do nada). Elas são, ao contrário, dependentes do que, no longo prazo, se sedimentou. A Tradição sublinha esse processo de sedimentação que é o centro vivo de toda cultura autêntica. Sublinhando aqui que a vida social só pode se criar a partir e em função de uma memória imemorial, cuja eficiência atualmente se está reconhecendo. (MAFFESOLI. 2020)

Em função desta ideia, Aristóteles define o homem como sendo um *zoon político*. Animal político não no sentido estrito do termo, mas, ao contrário: o que me liga ao outro, o que sublinha o aspecto essencial de toda vida social, a comunicabilidade ou o “*primum relationis*”. É em função disso que se pode dar a palavra religião seu sentido essencial (*religare*), o que me liga ao outro, a alteridade da natureza, da comunidade e do divino.

As sociedades equilibradas souberam ritualizar, integrar, homeopatizar o sagrado. Advertindo, que quando não se sabe fazer isso, esse sagrado toma a forma do fanatismo, sanguinário e totalmente indominável; o fanatismo, numa perspectiva de um combate de retaguarda. E como todo combate de retaguarda ele é tão mais violento, tão mais sangrento, quanto mais sente aproximar-se seu fim.

Parece hoje que alguns tomam consciência do fracasso dessa filosofia ocidental, tal como ela evoluiu há vinte e cinco séculos. Vivemos num ponto de retorno histórico fundamental. Em face do fracasso das ideologias, assiste-se paradoxalmente a uma espécie de recomeço da história do pensamento.

Essa fabulosa esperança é trazida pelas últimas descobertas da Antropologia, com o novo espírito antropológico, representando por Ernst Cassirer, Mircéa Éliade, Gilbert Durand, redescobriremos que há uma perenidade da espécie. Deste modo, foram necessários vinte e cinco séculos para corroborar algumas “intuições” de Platão, das quais ela não pudera fazer provas empíricas. O estudo científico dos mitos e do Imaginário ensina que existe uma permanência dos modelos arquetípicos.

Estamos hoje num período “pós-filosofia clássica”, análogo, por assim dizer, ao período pré-socrático. É por isso que todas as ciências humanas estão em crise, mas é uma oportunidade extraordinária para reencontrarem suas raízes perdidas.

Assim, a humanidade conheceu um estágio pré-filosófico com a Tradição, e ela vive hoje num estágio pós-filosófico, em que o novo espírito redescobre esta Tradição milenar, com termos novos, adaptados ao século XXI. (SCHWARZ, 1979, p. 234/23)

O novo espírito antropológico, portador de uma verdadeira revolução das ciências do Homem defende que a “nostalgia do sagrado”, para além e para aquém dos diversos fanatismos de essência sectária, as práticas juvenis, particularmente ao viverem, muito concretamente, uma perspectiva holística, quer dizer, a união da alma e do corpo, da natureza e da cultura, integram o religioso e permitem, assim, evitar o aspecto perverso desse último. Nesta perspectiva, é possível encontrar o verdadeiro significado da palavra convivência, cada vez mais raro, neste momento histórico.

A contemporaneidade fez surgir um homem sem raízes, voltado mais para o consumo. Somos herdeiros de uma grande um legado cultural, mas a humanidade perambula como órfã, ignorando este tesouro desconhecido, deixa de ter como exemplo os heróis, para idolatrar os mais “ousados”, engraçados e sem escrúpulos. E chama isso liberdade, sem consciência da escravidão das paixões e instintos.

1.3 Mitos da Sociedade Moderna

Toda crise é, no fundo, uma crise moral: o mundo, mais do que por razões económicas, está dividido por falta de coesão espiritual, de irmandade humana. (LIVRAGA, 2010, p.106)

Diante deste homem desenraizado, há que refletir sobre as crenças que movem o homem, pois impactam nossas ações; deste modo, para ser possível novas condutas, é preciso a expansão de visão, a fim de saber discernir o verdadeiro e o falacioso, que mais serve aos interesses escusos do que ao Homem na sua formação integral, isto é, física, moral, intelectual e espiritual.

1.3.1 Mito da igualdade

O indivíduo é um ser com identidade; logo único, assim, não se pode falar em igualdade, tal como na natureza não está igualdade, tudo tem sua originalidade e que ao se expressar contribui para o todo.

A palavra “igualdade” deriva etimologicamente do latim “Aequalitas”, que significa a conformidade de uma coisa com outra em quantidade e, por extensão, em qualidade ou aparência. Daqui se deduz facilmente que a igualdade é uma

propriedade adquirida pela comparação de uma coisa com outra e não uma propriedade da coisa em si. (LIVRAGA, 1992)

O conceito de igualdade nasce artificialmente das limitações da observação humana. Assim, se observarmos de longe uma multidão de homens e mulheres, estes parecer-nos-ão todos iguais, mas bastará uma aproximação para que se humanizem em infinitas diferenças, não só físicas, como também psicológicas. Foi a distância e a confusão dos detalhes que os massificaram face à nossa observação fazendo crer que todos são iguais. Quanto mais íntimo for o contato com esta multidão, mais matizes diferenciadores se apresentarão, pesar da semelhança por pertencerem ao mesmo Reino Humano. (LIVRAGA, 1992)

A experiência cotidiana ensina de maneira irrefutável que não há duas folhas de árvores iguais, nem dois rostos humanos idênticos, nem nenhuma coisa que o seja em relação a outra. Quando muito, uma coisa pode ser igual a si mesma, num instante pontual, sem dimensões, o que torna idêntica a si mesma, mas nunca em relação a outra.

A compreensão destas verdades evidentes permite a sobrevivência do indivíduo, com as suas virtudes e seus defeitos, com as suas características, mais além da vara do Juiz que diz o que é bom e o que é mau. Ora, boa é a água para o sedento, mas má para quem nela está a se afogar. E assim todas as coisas. Os valores provêm das circunstâncias e o valor em si é unicamente a própria identidade. É ao igualar, ao amontoar, ao coisificar os seres humanos que estes se tornam mais vulneráveis e proclives a serem injustamente destruídos. (LIVRAGA, 1992)

O fato de sermos diferentes uns dos outros não significa que “valem mais ou menos”, esse é um valor acrescentado, artificialmente contra a natureza. Cada um vale o que vale em relação a cada coisa que seja ou faça. De modo que um excelente nadador pode ser um homem lento a caminhar em terra e andar aos tropeços. Para Livraga, assinalar o valor das diferenças é cantar uma loa à sabedoria da criação divina na natureza, pois todos somos maravilhosamente diferentes e como não termos preço, não somos equivalentes; somos seres distintos e irrepetíveis, cada qual com sua identidade.

1.3.2 O Progresso Interminável

A história é cíclica e não caminha em linha reta. O termo latim “progrêssus”, significa, simplesmente, a ação de ir para a frente. A progressão aritmética de 1, 2, 3, 4, etc., não assinala que 2 seja melhor do que 1. Se humanizarmos o processo torna-se evidente que tudo dependerá da qualidade e não do número, pois só o néscio preferirá que lhe deem duas pauladas e não uma. E também seria néscio aquele que, podendo receber dois benefícios, preferisse um, se a natureza dos dois fosse semelhante. (LIVRAGA, 1992)

Jorge Angel Livraga adverte, em seu livro *Os Grandes Mitos do Século XX*, que da observação filosófica na natureza deduzimos racionalmente que o progresso deve ser harmônico, global, ecológico, se pretendemos que seja realmente positivo. A análise psicológica da história – parte suficientemente conhecida do passado humano – mostra-nos uma luta, mais ou menos exposta, de duas tendências igualmente funestas: uma, que teme tudo o que é novo e faz germinar um espesso bosque de imobilismos de tipo pseudo-religioso ou supersticioso; a outra, que converte a sua marcha no que os filósofos do Existencialismo chamaram “fuga para a frente”. (LIVRAGA, 1992)

Mas o progresso já não é harmônico como no mundo clássico. Nasce o mito da necessidade do progresso permanente. E as justas proporções são abandonadas na busca insaciável de uma felicidade extrapolada de todo o enquadramento cronológico e natural. O indivíduo é, cada vez mais rapidamente, empurrado pela circunstância e converte-se em multidão. Prevalece o número sobre a qualidade e a rapidez da marcha sobre a orientação da mesma.

As máquinas e as novas fontes de energia extra-humanas substituem primeiro as mãos do artesão, em seguida os seus braços e pernas, e depois doto o seu corpo indo até materialização do metafísico. Os cantos de sereia do conforto, da comodidade, da instabilidade, criam a ilusão do progresso. E quando este não nasce do trabalho, força-se a natureza e nasce a barbárie do despojo. Mas já não é o despojo controlado e vitalmente necessário de velha da velha horda, e sim o mais refinado, sutil e perigoso da exploração dos recursos naturais e humanos sem prever o preço que se há de pagar por isso. O homem torna-se arrogante,

prepotente e paulatinamente vai – se afastando da realidade, do justo, do bom e do belo. (LIVRAGA, 1992)

George Bernanos, após a 2ª Guerra mundial, pública conferências transcritas, na obra intitulada *Liberdade, para quê?*, no qual combate tanto as ideologias totalitárias, como as liberais, ressaltando a necessidade do homem de coisas permanentes. É um libelo em favor da liberdade interior e de um processo de reespiritualização do homem.

O estar num mundo sem ideias, sem modelos, nem paradigmas nos faz cair no mundo de opinião. Ondem todos opinam sobre tudo e tudo bem, afinal somos livres para fazê-lo. E tudo está certo e é possível. Cada vez mais há menos limites! Há que refletir, quando tudo é arte, não há mais arte, foi perdido o parâmetro. Do mesmo modo na ciência. Quando todos podemos opinar sobre política e dizer como deve ser feito, e sem qualquer critério ou formação adequada nos tornar exercer a função política, morrem-se os ideais e não chegam a nascer nem os estadistas, preocupados em servir a sociedade, nem mesmo os o processo de individuação. Como ensinar quem não quer sê-lo; ou governar, quem não quer ter governo. O autor esclarece “Liberdade, para quê? É, como vocês sabem, uma célebre frase de Lênin, e ela exprima, com um brilho e como que com uma lucidez terrível, aquela categoria de desinteresse cínico pela liberdade que já corrompeu tantas consciências”. E arremata: “A pior ameaça para a liberdade não é que deixemos que alguém a tire de nós – porque quem deixou que ela fosse tirada ainda pode reconquistá-la –, mas sim que desaprendamos a amá-la, ou que não a compreendamos mais”. (BERNANOS, 2020)

E aí está dado o mote: o desamor pela liberdade que, segundo ele, não só a França, mas a humanidade estava vivendo no momento, ainda que em nome da democracia. Diz ele: “A expressão de Lênin tornou-se o slogan do Estado Moderno, quer ele se diga democrático, quer não, porque a palavra ‘democracia’ já foi tão usada que perdeu todo o significado, sendo provavelmente a palavra mais prostituída de todas as línguas. Em quase todos os países, a democracia não é, em primeiro lugar e antes de tudo, uma ditadura econômica?” E aqui tomei o primeiro choque com essa leitura instigante. Bernanos, como cristão conservador que era, tinha uma crença profunda na liberdade, mas não numa liberdade meramente material, baseada nos princípios da Revolução Francesa; sua visão de liberdade estava calcada na concepção cristã – que, inclusive, eu mesmo tratei em meu primeiro artigo para esta coluna. Não se trata de uma visão utilitarista da liberdade, mas de uma concepção profunda que ecoa na frase de Jesus a seus discípulos: “se o Filho, pois, vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João 8,36). Qualquer coisa fora disso é servidão. (BERNANOS, 2020.)

Bernanos, que exilou-se com sua família no Brasil entre os anos de 1938 e 1945, morando em cidades como Barbacena e Pirapora, em Minas Gerais, e fazendo amigos entre escritores brasileiros como Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção e Jorge de Lima, aprofunda e investiga sobre o tema Liberdade do Homem, revelando quão superficial pode ser uma luta utilitária, baseada no cientificismo positivista, que advoga uma liberdade como mero pressuposto socioeconômico, não resultaria em liberdade, mas numa outra espécie de ditadura. O mito do progresso e o capitalismo como um fim em si mesmo, para Bernanos, significavam uma perda de liberdade e não uma conquista.

Numa percepção da essência, Bernanos aponta que o surgimento de uma ‘civilização das máquinas, é um sintoma análogo e de significação idêntica a qualquer outra vitória da coletividade sobre o indivíduo, estabelece um regime de dominação pelos especialistas. Porquanto, a máquina é essencialmente um instrumento da coletividade, o meio mais eficaz que pode ser colocado à disposição da coletividade para constranger o indivíduo refratário, ou ao menos para mantê-lo numa estrita dependência.

Tudo isso ocorre exatamente pelo processo de desespiritualização do homem, que Bernanos descreve, inclusive, como um processo de desespiritualização da própria Igreja, pois esta também perdeu-se de sua vocação. E sua decepção se dá, justamente por não enxergar, no horizonte, qualquer retomada da ordem da alma do homem, tampouco da sociedade. O que ele vislumbrava era, pelo contrário, uma civilização de “homens prodigiosamente diminuídos”, feitos à sua própria imagem e semelhança e tendo como mestre de suas vontades as próprias máquinas que criaram e a burocracia estatal, reduziu o homem “à dupla condição, igualmente miserável, de consumidor e de pagador de impostos”. E seu ataque tem mão dupla: O erro do liberalismo foi crer que o mecanismo funcionaria sozinho. O comunismo não muda o mecanismo, mas faz com que ele gire à força, mesmo que assim triture milhões de homens. Assim como os intelectuais liberais do século 19, os intelectuais marxistas pretendem realizar um paraíso terrestre mecânico. (BERNANOS, 2020.)

Contudo, adverte que não há um rechaço à ciência, nem uma busca por destruir as máquinas, trata-se de reerguer o homem, isto é, devolver-lhe, com a consciência de sua dignidade, a fé na liberdade de seu espírito.

O Homem – humano converte-se num super-homem hiperdimensionado. Todos os moldes se rompem sem ter ainda outros novos que os substituam eficazmente, pois o Mito do Progresso interminável nasceu. O progresso já não é harmônico com no mundo clássico. Nasce o mito da necessidade do progresso

permanente. E as justas proporções são deixadas para trás na busca incansável de uma felicidade extrapolada de todo o enquadramento cronológico e natural. Face aos genocídios e ao holocausto, face à exploração e à contaminação suicida, não se pode afirmar que o homem atual seja superior ao de há 2000 anos. Parece o mesmo, porém mais desconcertado e espiritualmente mais pobre ao depender cada vez mais da matéria que crê governar, mas que pelo contrário, o está esmagando.

Progrediu-se muito, mas unicamente no formal, no ilusório, e nem sequer essa ilusão pode impedir que, neste momento existam 732 milhões de seres humanos vivendo num estado de miséria física e moral que faz empalidecer tudo o que da História podemos extrair. Segundo LIVRAGA, nunca houve tantos pobres, tantos famintos, tantos privados de pão, trabalho e liberdade. E estes são cada vez em maior número. E os que gozam de grandes benefícios são cada vez menos, e os que têm paz nas suas almas quase se extinguiram.

O único problema que se coloca hoje em dia, porque da sua solução depende a sorte da humanidade, não é um problema de regime político ou económico – democracia ou ditadura, capitalismo ou socialismo, é um problema de civilização. Facilmente diz que essa civilização é desumana. O que realmente pode ser isso, uma civilização desumana? Uma civilização desumana é, evidentemente, uma civilização baseada numa definição falsa ou incompleta do homem. Se essa civilização é desumana, vocês não a tornarão humana, é o homem que ela tornará desumano. Será que essa civilização foi feita para o homem, ou que ela pretende fazer o homem para ela, à imagem e semelhança dela, usurpando assim, graças aos prodigiosos recursos de sua técnica, o poder de Deus? É isso que importa saber. (BERNANOS, 2020.)

Correr, correr e corre! Para onde?... Que importa! O ídolo sangrento do Progresso Interminável assim o exige. Há algumas décadas acreditava-se que no século XXI não haveria mais guerras, nem mais pobres, nem mais oprimidos. Hoje enfrentamos a triste realidade de um mundo encharcado em sangue e fome.

Enquanto a centenas de quilômetros de altura voam misteriosos artefatos portadores da morte potencial de toda a vida planetária. Nos termos do Os suicídios infantis são cada vez maior em número. O terrorismo aumenta. O desemprego cresce. As drogas corrompem a nossa juventude e a pornografia corrompe as pessoas maduras, a célula fundamental da sociedade, a família, desfaz-se, as nações convertem-se em meros territórios, os templos enchem-se de ateus. O jogo,

forma vil de exploração, está legalizado pois os administradores, necessitam sempre de mais dinheiro para alimentar a grande mentira.

É possível aprender com a história. Povos e civilizações podem guardar informações, uma verdadeira riqueza cultura, que se pode ter acesso, através do diálogo entre gerações. Não se trata de uma ode ao passado, cegamente, não se tratar sequer de uma busca para voltar ao passado. Assim, revela-se imprescindível. Há que construir uma ponte que permita o acesso a este conhecimento e resgate dos valores humanos, para permitir aos que queiram, vivê-lo aqui, no mundo de agora, tecnológico, modernos.

O único problema que se coloca hoje em dia, porque da sua solução depende a sorte da humanidade, não é um problema de regime político ou econômico – democracia ou ditadura, capitalismo ou socialismo –, é um problema de civilização. Facilmente diz-se que essa civilização é desumana. O que realmente pode ser isso, uma civilização desumana? Uma civilização desumana é, evidentemente, uma civilização baseada numa definição falsa ou incompleta do homem. Se essa civilização é desumana, vocês não a tornarão humana, é o homem que ela tornará desumano. Será que essa civilização foi feita para o homem, ou que ela pretende fazer o homem para ela, à imagem e semelhança dela, usurpando assim, graças aos prodigiosos recursos de sua técnica, o poder de Deus? É isso que importa saber. (BERNANOS, 2020.)

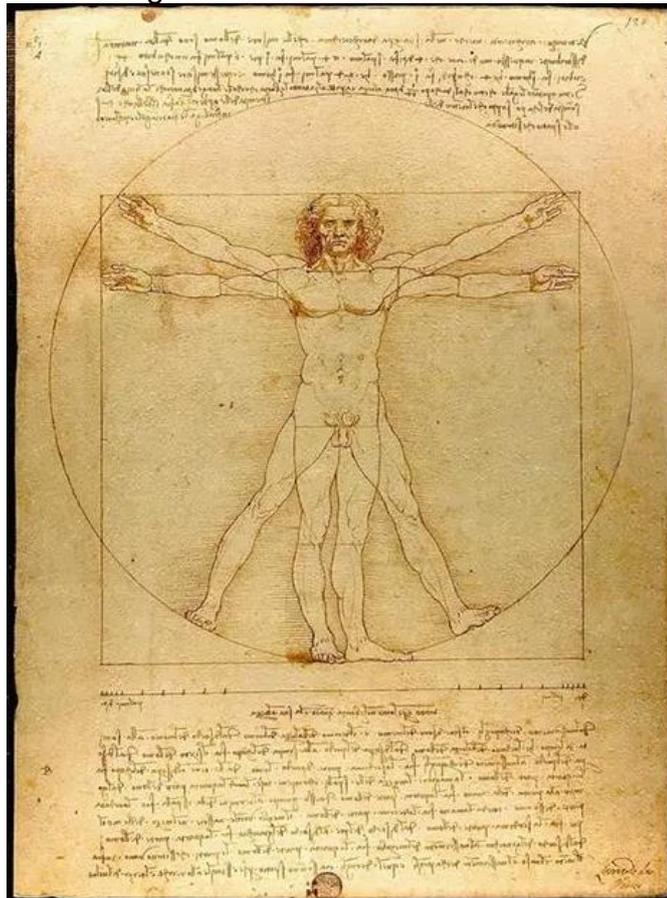
Assim, é preciso falar de capacidade de despertar consciente para os valores humanos atemporais, primordiais para vida humana e a sociedade, pois nossos problemas de falta de cidadania e também de ausência de políticas públicas sustentáveis, em último grau, reflete a ausência de valores humanos. Não basta parecer um, andar e ter jeito de um ser humanos, sobretudo há que pensar e sentir como um humano, que em essência, é um ser dotado de razão e sentimentos, capaz de praticar virtudes, de harmonizar e intervir de forma positiva nos reinos inferiores: mineral, vegetal e animal, bem como se inspirar com o mistério acima, e buscar respostas para além das galáxias do sistema solar, compreender as leis físicas e metafísicas.

CAPÍTULO II

A CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO

A preocupação do filósofo da Academia é educar, não somente o homem como indivíduo, mas como parte de uma comunidade. (TEIXEIRA, 1999, p. 110).

Figura 3 - O Homem Vitruviano



Fonte: O Homem Vitruviano, c.1492, lápis e tinta sobre papel, Leonardo da Vinci, Gallerie dell'Accademia, Veneza, Itália. (AIDAR, LAURA. COLEÇÃO FOLHA)

Considerado um símbolo da simetria básica do corpo humano e, por extensão, para o universo como um todo. Este desenho de Leonardo Da Vinci ilustra a tese filosófica segundo a qual “o homem é a medida de todas as coisas”, própria deste período na História, chamado Renascimento; cuja mensagem representa o ideal clássico do equilíbrio, beleza e harmonia.

Sabemos, pelo conhecimento da ciclicidade da história, que novos renascimentos virão e que provavelmente ressurgirão os homens que promoveram o

anterior, pois somos nós homens que fazemos a história, quando na verdade temos algo melhor para mostrar à humanidade, novas caminhos que indiquem uma vida mais plena e livre para todos. Será a mesma lei da necessidade que nos dá essa oportunidade de estarmos atentos, para não perdê-la.

O Escritor humanista Giovanni Pico della Mirandola, fundamentado nas obras de Platão, trabalha a temática da dignidade do homem, sua capacidade de raciocínio e a consciência da liberdade humana. Verdadeiro manifesto humanista do Renascimento, o Discurso sobre a Dignidade do Homem de Pico de la Mirandola define o lugar do homem com algumas palavras que ele atribui a Deus, nos seguintes termos:

Nós não lhe demos, Adão, nem um lugar fixo, nem uma aparência que seja sua, nem nenhum privilégio particular, para que o lugar, a aparência e os privilégios que você deseja, você obtenha e mantenha de acordo com seu desejo e seu sentimento. A natureza bem definida das outras criaturas está aprisionada pelas leis que ditamos, mas você, que não é prisioneiro de nenhuma coerção, determinará sua natureza de acordo com seu livre arbítrio, pois eu o coloquei em suas mãos. Coloquei você no meio do mundo para que de lá você possa perceber melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celestial, nem terrestre, nem mortal, nem imortal, para que tu, livre mestre e escultor de ti mesmo, te esculpas segundo a forma que escolheres. Você poderá degenerar e cair para os seres inferiores que são os bestiais; Você poderá, se assim o decidir, regenerar-se e alcançar os seres superiores que são divinos. (RUIZ, JORGE E ETC, 2005, p.39)

2.1 Individualismo

O Ocidente não oferece suporte ao homem moderno contra o materialismo: com um sistema educacional que enxerga o mundo de uma perspectiva unicamente científica, e a falta de raízes de seu povo. Schwarz estima que o homem pós-moderno, preocupado com seu consciente ante a expansão do inconsciente, tornou-se alheio aos seus instintos. Essa distância cria conflitos entre o consciente e o inconsciente, o Espírito e a Natureza, a Fé e o Saber.

Em sua obra, *Modernidade Líquida*, Zygmunt Bauman fala acerca da ordem das coisas. Entre a ordem como um todo e cada uma das agências, veículos e estratégias da ação proposital há uma clivagem — uma brecha que se amplia perpetuamente, sem ponte à vista. Ressalta que ao contrário da maioria dos cenários distópicos, este efeito não foi alcançado via ditadura, subordinação,

opressão ou escravização; nem através da “colonização” da esfera privada pelo “sistema”. (BAUMAN, 2001)

Ao contrário: a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir. A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos. Essa rigidez é o resultado de “soltar o freio”: da desregulamentação, da liberalização, da “flexibilização”, da “fluidez” crescente, do descontrole dos mercados financeiro, imobiliário e de trabalho, tornando mais leve o peso dos impostos etc. (como Offe observou em “Amarras, algemas, grades”, publicado originalmente em 1987); ou (para citar Richard Senett em *Flesh and Stone*) das técnicas de “velocidade, fuga, passividade” — em outras palavras, técnicas que permitem que o sistema e os agentes livres se mantenham radicalmente desengajados e que se desencontrem em vez de encontrar-se. (BAUMAN, 2001)

A expressão “derreter os sólidos” foi cunhada há um século e meio pelos autores do Manifesto Comunista, referindo à necessidade e possibilidade de mudanças sociais, uma vez que consideravam estagnada a sociedade e resistente para mudar e amoldar-se as suas ambições; congelada em seus caminhos habituais, de modo que para ser possível percorrê-los seria necessário derreter os sólidos (isto é, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”, isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação”. (BAUMAN, 2001)

Resta claro que esse processo de derreter seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para novos e aperfeiçoados sólidos; para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável. Ao ler o *Ancien Régimes* de Tocqueville, podemos nos perguntar até que ponto os “sólidos concentrados” não teria sido desprezado, condenado e destinado à liquefação por já estarem enferrujados, esfarelados, com as costuras abrindo; por não se pode confiar neles. Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado

avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível, e portanto, admirável. (BAUMAN. 2001)

Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. Para poder construir seriamente uma nova ordem (verdadeiramente sólida!) era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores. “Derreter os sólidos” significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações “irrelevantes” que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o “nexo dinheiro”. Por isso mesmo, essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar — nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles. (BAUMAN. 2001)

O homem não tem somente fome de pão; o homem tem hoje mais do que nunca, fome de Dignidade. Não quer ser um número numa estatística, ou uma cifra num cálculo de rendimento econômico. Quer ser um Homem no verdadeiro sentido, quer amar, sofrer, trabalhar, desafiar o destino, triunfar ou fracassar, mas viver humanamente. O povo está cansado de improvisos que o bajulam para melhor explorá-lo, que o consultam sobre o que não sabe, que lhe pedem o que não tem, que o fazem ajoelhar diante do que não acredita. A crise fundamental é de valores humanos. Há que renovar profundamente o coração do homem. O homem erra devido ao fato de ser extremista. (LIVRAGA, 2010, p. 142)

Esse desvio fatal deixou o campo aberto para a invasão e dominação (como dizia Weber) da racionalidade instrumental, ou (na formulação de Karl Marx) para o papel determinante da economia: agora a “base” da vida social outorgava a todos os outros domínios o estatuto de “superestrutura” — isto é, um artefato da “base”, cuja única função era auxiliar sua operação suave e contínua. O derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais. Sedimentou uma nova ordem, definida principalmente

em termos econômicos. Essa nova ordem deveria ser mais “sólida” que as ordens que substituíam, porque, diferentemente delas, era imune a desafios por qualquer ação que não fosse econômica. A maioria das alavancas políticas ou morais capazes de mudar ou reformar a nova ordem foram quebradas ou feitas curtas ou fracas demais, ou de alguma outra forma inadequadas para a tarefa. Não que a ordem econômica, uma vez instalada, tivesse colonizado, reeducado e convertido a seus fins o restante da vida social; essa ordem veio a dominar a totalidade da vida humana porque o que quer que pudesse ter acontecido nessa vida tornou-se irrelevante e ineficaz no que diz respeito à implacável e contínua reprodução dessa ordem. (BAUMAN, 2001)

Nessa busca por liberdade, perdeu-se valores e em especial, os arquétipos e assim, o homem foi deixado a sua própria sorte e o pior, foi dado a ele toda a liberdade para escolher o que quiser, inundando – o das mais variadas informações, sem nenhum compromisso de formá-los. Todas as instituições milenares relegadas, tradição e passados, o contato com o legado de sua herança cultural com os grandes homens da humanidade rompido. O resultado não poderia ser mais catastrófico. Em busca de liberdade, o homem tornou-se escravo de sua pior parte, de seus instintos.

O arquétipo deste momento na história, a “Política de vida” da modernidade líquida está centrada numa sociedade de consumo, onde tudo numa sociedade assim é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha, que evoluiu até tornar-se um vício, não sendo mais percebida como compulsão. Fantasia-se escolher nossos candidatos políticos, assim, como nossa alimentação, forma de ser e portar-se, embora, existem inúmeros condicionamentos invisíveis e essa liberdade seja muitíssimo restrita, pois que escolha é essa onde não há a opção de sair da compulsão e as cartas escolhidas já estão previamente marcadas, criando-se a ilusão tão somente como estratégia para melhor nos manipular.

A modernidade segue com seus zumbis (mortos-vivos) e no seu processo de morte e purificação. Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “autoevidentes” eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como os itens nos inventários das tarefas individuais. Em vez de preceder a política -vida e emoldurar

seu curso futuro, eles devem segui-la, para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Ora, neste cenário, os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida”, descendo do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social, e assim, recaindo sobre os ombros dos indivíduos a responsabilidade pelo fracasso. (BAUMAN, 2001)

A modernidade separou tempo e espaço, em razão desse fator e de toda a tecnologia desenvolvida, temos uma nova percepção do tempo, que chamamos aceleração do tempo. No estágio fluido da modernidade, a maioria assentada é dominada pela elite nômade e extraterritorial. Manter as estradas abertas para o tráfego nômade e tornar mais distantes as barreiras remanescentes tornou-se hoje a meta propósito da política, e também das guerras, que, não são mais que “a extensão da política por outros meios”.

A elite global contemporânea é formada no padrão do velho estilo dos “senhores ausentes”. Ela pode dominar sem se ocupar com a administração, gerenciamento, bem-estar, ou, ainda, com a missão de “levar a luz”, “reformular os modos”, elevar moralmente, “civilizar” e com cruzadas culturais. O engajamento ativo na vida das populações subordinadas não é mais necessário (ao contrário, é fortemente evitado como desnecessariamente custoso e ineficaz) — e, portanto, o “maior” não só não é mais o “melhor”, mas carece de significado racional.

Em relação a hoje e à nossa própria condição, creio que estamos diante de uma situação nova na história, porque temos que ser libertados de uma sociedade rica, poderosa e que funciona relativamente bem... O problema que enfrentamos é a necessidade de nos libertarmos de uma sociedade que desenvolve em grande medida as necessidades materiais e mesmo culturais do homem — uma sociedade que, para usar um slogan, cumpre o que prometeu a uma parte crescente da população. E isso implica que enfrentamos a libertação de uma sociedade na qual a libertação aparentemente não conta com uma base de massas. (BAUMAN, 2001)

Bauman esclarece quão desgastado está o termo liberdade, para a sociedade moderna, pois a distinção entre liberdade “subjéctiva” e “objectiva” abriu uma genuína caixa de Pandora de questões embaraçosas como “fenômeno versus essência” — de significação filosófica variada, mas no todo considerável, e de importância política potencialmente enorme. Uma dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas poderem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objectivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto,

não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres, tal como no mito da caverna de Platão.

Os prisioneiros tomam as sombras pela realidade

- É indubitável.

- Para eles, pois – disse eu – a verdade, literalmente, nada mais séria do que as sombras dos objetos fabricados.

- Também é forçoso.

- Torna a olhar agora e examina o que naturalmente sucederia se os prisioneiros fossem libertados de suas cadeias e curados da sua ignorância. A princípio, quando se desate um deles e se obrigue a levantar-se de repente, a virar o pescoço e a caminhar em direção à luz, sentirá dores intensas e, com vista ofuscada, não será capaz de perceber aqueles objetos cujas sombras via anteriormente; e se alguém lhe dissesse que antes não via mais do que sombras inanes e é agora que, achando-se mais próximo da realidade e com os olhos voltados para objetos mais reais, goza de uma visão mais verdadeira, que supões que responderia? Imagina ainda que o seu instrutor lhe fosse mostrando os objetos à medida que passassem e obrigando-o a nomeá-los: não seria tomado de perplexidade, e as sombras que antes contemplava não lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que agora lhe mostram?

Quando libertados, continuarão a sustentar que as sombras que antes viam eram mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora. (PLATÃO, s.d., p. 181/182)

O corolário dessa possibilidade é a suposição de que as pessoas podem ser juízes incompetentes de sua própria situação, e devem ser forçadas ou seduzidas, mas em todo caso guiadas, para experimentar a necessidade de ser “objetivamente” livres e para reunir a coragem e a determinação para lutar por isso. Ameaça mais sombria atormentava o coração dos filósofos: que as pessoas pudessem simplesmente não querer ser livres e rejeitassem a perspectiva da libertação pelas dificuldades que o exercício da liberdade pode acarretar.

A sociedade moderna revela-se nova e diferente por duas características: a) a primeira é o colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um tê-los alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos em todos ou alguns de seus aspectos postulados: do firme equilíbrio entre oferta e procura e a satisfação de todas as necessidades; da ordem perfeita, em que tudo é colocado no lugar certo, nada que esteja deslocado persiste e nenhum lugar é posto em dúvida; das coisas humanas que se tornam totalmente transparentes porque se sabe tudo o que deve ser sabido; do completo domínio sobre o futuro — tão completo que põe fim a toda contingência, disputa, ambivalência e consequências imprevistas das iniciativas humanas; b) a segunda mudança é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes.

O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado (“individualizado”), atribuído às vísceras e energia individuais e deixado à administração dos indivíduos e seus recursos. Ainda que a ideia de aperfeiçoamento (ou de toda modernização adicional do status quo) pela ação legislativa da sociedade como um todo não tenha sido completamente abandonada, a ênfase (juntamente, o que é importante, com o peso da responsabilidade) se trasladou decisivamente para a autoafirmação do indivíduo. Essa importante alteração se reflete na realocação do discurso ético/político do quadro da “sociedade justa” para o dos “direitos humanos”, isto é, voltando o foco daquele discurso ao direito de os indivíduos permanecerem diferentes e de escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado, sem arquétipos, o homem vive o que Platão chama de mundo das opiniões.

As esperanças de aperfeiçoamento, em vez de convergir para grandes somas nos cofres do governo, procuram o troco nos bolsos dos contribuintes. Se a modernidade original era pesada no alto, a modernidade de hoje é leve no alto, tendo se livrado de seus deveres “emancipatórios”, exceto o dever de ceder a questão da emancipação às camadas média e inferior, às quais foi relegada a maior parte do peso da modernização contínua.

Enfim, o homem que outrora declamava poesia e sonhava com um mundo bom, belo, justo e verdadeiro, agora está “acordado” pela “distopia”, “cacotopia” ou “heretopia”, segundo Foucault, utilizando-se estes termos como crítica a ideia da “utopia”; para abranger qualquer visão imaginativa de uma sociedade com o objetivo de evidenciar, de maneira crítica, características negativas ou problemáticas da visão ideal de das sociedades.

Perderam-se os modelos e referências, o homem “livre”, encontra-se solitário, sem família, sem valores para preservar a sociedade e sobretudo sem Estado transcendente capaz de formá-lo e conduzi-lo para que ele seja capaz de expressar o que tem de melhor sua humanidade. Nosso pequeno homem vangloria-se de ser livre para consumir e esvair-se em pequenos prazeres, que a médio e longo prazo revelam-se prisões, que mantêm sua alma presa aos caprichos dos seus instintos, sem qualquer espaço para revelar seus talentos, generosidade, bondades, nem sequer chega a imaginar uma forma de ser melhor aos demais, pois está livre e ocupado demais com os seus mil desejos egoístas que precisam ser

imperiosamente satisfeitos, como um ditador exigiria, justificando qualquer ação abrupta e desrespeitosa com seu companheiro ou colega de profissão.

Nossos índices de violência na escola, na família, entre namorados, cônjuges são noticiários da página policial dos jornais e a crescente corrupção dos dirigentes que, a cada eleição juram defender os interesses da nação, como aconteceu ao Brasil no último exercício de mandato de Presidente da República, em 2018/2022, são desconcertantes e desmotivadores, não há razão capaz de entender tanta incoerência. Parece vividamente que se perdeu a Identidade de cidadão, estamos vivendo a lei da selva, onde impera a força e a competição.

O tempo das utopias não acabou? A época é de duro realismo, para não dizer desesperança. Os povos parecem não ter mais projetos grandiosos, que são até mesmo rejeitados. Além disso, ninguém ou quase ninguém mais escreve utopia, descrevendo de maneira romanesca uma cidade feliz, de harmonia e justiça, que possa funcionar como horizonte. Em seu lugar aparecem as antiutopias, que mostram um mundo frio, desumano, robotizado, em suma, um mundo em que é absolutamente impossível viver, como consequência necessária de um domínio absoluto do devir humano. Decididamente, querer a perfeição numa sociedade terrestre parece hoje uma aberração que só pode levar à catástrofe. Isso é aceitável? Uma sociedade pode não somente progredir mas mesmo simplesmente existir sem utopia? Jean-Yves Lacroix, 1996, p. 21

A partir da exposição das ideias de Lacroix, constata-se que uma sociedade não pode progredir sem a existência da utopia, para Platão sem os arquétipos, tal como para um marinheiro, seria necessário uma bússola e mapa para chegar ao destino, é imprescindível ao homem os exemplos de homens virtuosos e heróis, tão amplamente consagrados na antiguidade clássica, seja pela narrativa de suas histórias ou através dos mitos, isto porque a imaginação utópica é uma característica inerentemente humana. De modo que sem ela, assim como sem a esperança, o sonho, a vontade de ser e o desejo de sobreviver, o ser humano não é capaz de viver ou sobreviver em um mundo como o nosso.

Neste caso, a construção de mundos imaginários, livres das dificuldades encontradas na vida real, é recorrente de uma forma ou de outra, em grande parte das culturas e são justamente estas histórias que formam a identidade dos povos e nações, lhes permitindo sobrepor -se aos pequenos entraves da personalidade, ao individualismo para ser capaz de grandes feitos e ideias próprio de indivíduos, como o fez Nelson Mandela, após 27 anos de prisão, passando de terrorista e violento ativista a ganhador do Prêmio Nobel da Paz, mostrando uma nobreza de caráter de

um Estadista, logrou unir homens independente de suas cores, por que falava de um Ideal humano, que transcende interesses particulares.

2.2 Indivíduo

Enquanto o individualismo vai de encontro a ideia de cidadão, posto que fundamentado no egoísmo e no egocentrismo, visando a sobreposição do valor e dos direitos do indivíduo em detrimento da comunidade; a ideia de Indivíduo, segundo Platão, corrobora com o ideal de Estado, sendo inclusive indispensável para a formação deste.

Isto porque o indivíduo, traz à consciência o sentido de indiviso, isto é, um ser coerente em pensamento, sentimento e ação, é uma conquista da consciência humana, feita através de uma contemplação dos arquétipos, seguido de uma vivência coerente a este modelo ético e moral. Assim, é necessária esta elevação de consciência que permita ao homem “desligar-se” do mundo sensível para ter acesso ao inteligível; este caminhar chamado de ascensão da Alma Humana, foi descrito no livro VII da República – na Alegoria da Caverna.

O cativo liberto, que viu a luz do dia, volta para seus companheiros de infortúnio e chama-os para a liberdade. Do mesmo modo, o filósofo, que fixou o olho de sua alma no esplendor o Bem, relata aos homens a notícia dessa ascensão prodigiosa, e esforça-se para ajudar a vida humana segundo a regra de perfeição da qual ele contemplou o modelo. Assim não é somente em sua própria alma que ele introduziu a harmonia, mas também na sociedade dos homens. (SCHAWARZ, 1979, p. 164)

Dentro desta ilustração, aquele homem que contemplou o BEM pode, por sua presença única, por ser livre interiormente, ajudar a coletividade, porque se transmutou, porque se tornou indivíduo, isto é, capaz de transcender sua própria personalidade, dominar suas paixões e carências. Ao lograr ter um poder sobre si mesmo, também tem o poder moral para auxiliar outros homens, sobretudo porque não é mais escravo de seus próprios desejos e interesses mesquinhos, pode trabalhar pelo todo e pela busca da justiça e harmonia.

Na alegoria de Platão, aquele que sai da caverna e contempla a verdade, simbolizada pela contemplação do sol, como expressão do bem que dá vida a tudo no plante terra, sente-se impelido a voltar para trazer esta verdade e libertar os demais das correntes que os mantêm atávicos, tomando as sombras como realidade. Essa é a

natureza do verdadeiro político, impelido à ação pela vontade de promover justiça, ao auxiliar, à custa do seu próprio sacro ofício, o trabalho realizado com tanto sentido e significado pela pessoa que o realiza, que possa a ser um ato sagrado, que outros também possam crescer, contemplando eles próprios a verdade.

Essa transmutação é, portanto, uma individuação do ser que, a partir desse momento, pode ajudar seus congêneres no caminho filosófico. Como diz René Guénon, a procura interior do ser não tem por objetivo a obtenção de um papel político, mas o papel político do homem é eventual na procura espiritual. (SCHAWARZ, 1979, p. 164).

“Qualquer que seja sua casta, todo homem que foi bem-sucedido nesse trabalho de individuação é responsável e livre, portanto, mestre de seu Destino. Este a finalidade do Estado Platônico.” (SCHAWARZ, 1979, p. 164). Assim, não há uma diferença fundamental entre o Indivíduo e o Estado, no sentido de que o Estado é um indivíduo coletivo. É a capacidade de ultrapassar a realidade estritamente material ou quantitativa que faz nascer o Indivíduo como Estado. (SCHAWARZ, 1979).

“Para Platão, o Indivíduo, como o Estado, é capaz de lutar e viver por um Ideal, por um Arquétipo. Dito de outra maneira é quanto o reino da qualidade triunfa sobre o da quantidade que o Indivíduo e o Estado manifestam-se.” (SCHAWARZ, 1979, p. 165). Isto porque no conceito de Indivíduo e Estado há uma ideia de centro; no primeiro o aspecto espiritual ordena o material (personalidade) e o segundo tem como tônica a distribuição de justiça a todos, ordenando a sociedade a partir desta ideal.

O conceito de sociedade, não inclui este elemento transcendente capaz de gerar unificação, pois segundo os clássicos platônicos, a sociedade é uma associação de pessoas cuja finalidade é permitir a satisfação de suas necessidades materiais. Em nenhum momento, a sociedade propõe a seus membros perseguir um fim transcendente, um Ideal que ultrapasse o plano estritamente material.

A sociedade, segundo Platão, é como uma “sociedade comercial”, em que os membros se agrupam em torno de objetivos econômicos; a sociedade seria na verdade, a imagem análoga do mundo material no seio do qual as funções asseguradas são principalmente as de sobrevivência da espécie, portanto, nutrição, reprodução. Ao constituírem uma sociedade os homens não fazem senão dividir sua qualificação animal, instintiva, egoísta, mas não sua qualificação espiritual. (SCHAWARZ, 1979).

Há que refletir, a partir de todos os argumentos expostos, que é possível organizar a vida de duas maneiras diferentes, no âmbito individual: a primeira, deixar livre curso aos constituintes materiais da personalidade, ou procurar a individuação, isto é, a reintegração ao plano cósmico. Em suma, pode o homem optar por ser dominado pelo seu pequeno “eu”, portanto, sua personalidade, tomando o caminho do egoísmo, por viver segundo seus gostos, medos e desejos pessoais ou procurar transmutar sua personalidade, tornando-a “transpessoal” a fim de ascender ao Ser. (SCHAWARZ, 1979).

Outrossim, esta mesma alternativa encontra-se no âmbito coletivo; os homens reagrupam-se, constituindo uma associação de estrutura horizontal, utilizando somente suas qualificações animais; ou fazerem uso da razão e de suas qualidades especificamente humanas (sentido de honra, virtude, altruísmo, justiça) e constituir, portanto, o que Platão chama de Estado.

Neste tipo de sistema, chamado piramidal, o que distingue os diferentes cidadãos do Estado é a capacidade de assumir suas responsabilidades face à coletividade. Pois o homem de ouro, na República de Platão, é o que mais pode desprezar seus interesses pessoais, em prol da coletividade; o homem de ferro, o que menos pode fazê-lo, contudo, é capaz de viver em coletividade. (SCHAWARZ, 1979, p. 166).

Não existem artifícios nem escamoteações nem “toques mágicos” que possam regenerar o Homem. É com o seu próprio esforço, seguindo a via correta na velocidade adequada, que o conseguirá. (LIVRAGA, 2019, p. 32) Não há um melhor que outro nesta visão, mas é preciso que sejam respeitadas as naturezas dos indivíduos, pois aquele que se realiza produzindo riquezas e comercializando deve fazê-lo, e àquele que é feliz distribuindo a justiça também.

A corrupção ocorre quando quem, visando buscar seus próprios interesses é colocado para promover a justiça; comprometendo assim a harmonia do todo. Qualquer semelhança com a realidade atual, talvez não seja mera coincidência, mas um claro sinal de perda de referenciais.

Para o indivíduo, a justiça resulta do acordo entre as diversas partes da alma, estas sendo coordenadas pela Inteligência. Do mesmo modo, no Estado, a Justiça produz-se quando as diversas partes cumprem, individualmente, sua função própria. Nesse sentido, a Justiça é a abertura do Estado em direção ao mundo dos arquétipos e das Ideias. O fim do Estado Platônico não é assegurar somente a gestão econômica, mas, antes de tudo, é distribuir a Justiça. (SCHAWARZ, 1979, p. 166).

Sob esse ponto de vista, dividimos a visão platônica segundo a qual o Estado deveria assumir três funções fundamentais: a defesa de seus cidadãos (no plano material); a educação (no plano psicológico); promover a justiça (reflexo do mundo arquetípico ou espiritual). Em compensação, caberia aos cidadãos administrarem a si mesmos, isto é, organizarem-se no plano material, a fim de que o estado não se torne um simples administrador, em detrimento de outras funções, como a educação, fundamental para a aprender acerca da responsabilidade, tanto individual como coletiva. (SCHAWARZ, 1979, p. 166).

Nessa visão de mundo, onde se formam indivíduos, o homem assume naturalmente responsabilidades, de modo quanto mais possa fazê-lo, maior se torna em termos de moral e ética, pois pode ser ponte entre o mundo dos arquétipos e o mundo sensível e assim contribuir com exemplos na sociedade que couber viver.

“Há na alma do homem algo bom e algo menos bom, e quando naturalmente bom predomina sobre o menos bom diz-se que o homem é “senhor de si mesmo”, e com isso ele é elogiado. Mas quando, consequência da má educação, ou das más companhias, o bom, muito diminuído, é dominado pelo menos bom, diz [...] que o homem é escravo de si mesmo e destemperado.” (Platão. 2019.)

Ilustrada pela obra *A Carruagem de Apolo* (1905) por Odilon Redon – Platão cria a imagem de um condutor guiando uma biga puxada por dois cavalos alados. Um cavalo e tem um grande pescoço, bem-criado, bem-educado e corre sem chibatadas. O outro tem um pescoço curto, mal alimentado e problemático. O condutor da biga representa o intelecto, a razão ou a parte da alma que deve guiar o espírito à verdade; o cavalo mal-educado representa o impulso racional ou moral ou a parte positiva da paixão (e.g. indignação correta); o cavalo mal educado representa as paixões irracionais da alma, o apetite ou a natureza concupiscente. O condutor, a consciência humana, dirige a biga/alma tentando impedir que os cavalos sigam direções opostas e que sigam rumo à luminosidade.

A ideia de cidadão nasce com a ideia de Estado, é um processo de individuação, no qual paulatinamente, pode-se tornar-se um indivíduo, que o ao contrário do ser individualista (dividido em satisfazer seus infinitos desejos e caprichos), o indivíduo encontra-se conectado ao seu centro e sua essência.

Platão afirma que o indivíduo é a parte interior e indivisa de cada homem. De modo que o indivíduo é tal quando pense, sinta e aja de forma coerente, tornando-se uma unidade; numa chave política, incumbe ao indivíduo a capacidade de harmonizar todos os fatores periféricos pela consciência, validando-os.

A ideia de um cidadão está muito distante de um consumidor individualista da modernidade líquida, e da forma com que cada uma dita sua vida e governa seus impulsos. O arquétipo e a política de vida de uma sociedade de consumo está centrada na atividade de consumir, esta é uma forma de vida que extrapola e muito as atividades de ir às compras nas lojas e supermercados.

Segundo o sociólogo George Ritzes, “comprar” significa esquadrihar as possibilidades, examinar, tocar, sentir, manusear os bens à mostra, comparando seus custos com o conteúdo da carteira ou com o crédito restante nos cartões de crédito, pondo alguns itens no carrinho e outros de volta às prateleiras – então vamos às compras tanto nas lojas quanto fora delas; vamos às compras na rua e em casa, no trabalho e no lazer, acordados e em sonhos. O que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos à nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade feita nos padrões de ir às compras. O código o em que nossa “política de vida” está escrito deriva da pragmática do comprar. (RITZES, 1997)

A história do consumismo é a história da quebra e descarte de sucessivos obstáculos “sólidos” que limitam o voo livre da fantasia e reduzem o “princípio do prazer” ao tamanho ditado pelo “princípio da realidade”. A “necessidade”, considerada pelos economistas do século XIX como a própria epítome da “solidez” — inflexível, permanentemente circunscrita e finita — foi descartada e substituída durante algum tempo pelo desejo, que era muito mais “fluido” e expansível que a necessidade por causa de suas relações meio ilícitas com sonhos plásticos e volúveis sobre a autenticidade de um “eu íntimo” à espera de expressão. Agora é a vez de descartar o desejo. Ele sobreviveu à sua utilidade: tendo trazido o vício do consumidor a seu Estado presente, não pode mais ditar o ritmo. Um estimulante mais poderoso, e, acima de tudo, mais versátil é necessário para manter a demanda do consumidor da oferta. O “querer” é o substituto tão necessário; ele completa a libertação do princípio do prazer, limpando e dispondo dos últimos resíduos dos impedimentos do “princípio de realidade”: a substância naturalmente gasosa foi finalmente liberada do contêiner. Citando Ferguson uma vez mais: Enquanto a facilitação do desejo se fundava na comparação, vaidade, inveja e a “necessidade” de autoaprovação, nada está por baixo do imediatismo do querer. A compra é casual, inesperada e espontânea. Ela tem uma qualidade de sonho tanto ao expressar quanto ao realizar um querer, que, como todos os querereres, é insincero e infantil. (BAUMAN, 2001)

Se o indivíduo consumidor é o pior inimigo do cidadão é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos encham o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. O “público” é colonizado pelo “privado” o “interesse público” é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor). As “questões públicas” que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis.

A formação do indivíduo, segundo a educação à maneira clássica, também requer a existência do Estado, pois essa consciência não se dá simplesmente pelo nascimento, requer um desenvolvimento moral e intelectual, uma educação integral que faça nascer o indivíduo, aquele que tem eixo, um aspecto indiviso, uma essência, enraizada em valores perenes. A educação deve ajudar o ser humano em sua passagem pela vida e convertê-lo num cidadão consciente, feliz e útil.

Para Cícero (Da República), um homem ávido de poder, dominador, egoísta, de poderio tanto maior quanto maiores a humilhação e o envilecimento de seu povo, tornar-se a um Tirano, pois seu governo não será fundamentado nos seus talentos, nem no seu saber, nem nas virtudes. (CÍCERO, 2011)

O Estado que escolhe ao acaso seus guias e como o barco cujo leme se entrega àquele dentre os passageiros que a sorte designa, cuja perda não se faz esperar. Todo povo livre escolhe seus magistrados e, se é cuidadoso de sua sorte futura, elege-o dentre os melhores cidadãos; porque da sabedoria dos chefes depende a salvação dos povos; a tal extremo que parece até que a própria natureza deu à virtude e ao gênio império absoluto sobre a debilidade e a ignorância da plebe, que só submissa deseja obedecer.

Mas pretende-se que essa forma excelente de governo é desacreditada pelos falsos juízos do vulgo, que, não sabendo discernir o verdadeiro mérito, que é tão difícil, talvez, de discernir quanto de possuir, imagina que os menores homens são os mais poderosos, os mais ricos ou de mais ilustre nascimento. Uma vez que esse erro do povo tenha dado ao poderio as preeminências da virtude, os falsos “aristocratas” procuram obstinadamente reservar para si qualificativo, que de maneira nenhuma lhes cabe; porque as riquezas, o nome ilustre, o poderio, sem a sabedoria que ensina os homens a se governar e dirigir os outros, nada mais são do que uma vergonha e insolente vaidade; não há no mundo espetáculo mais triste do que uma sociedade na qual o valor dos homens é medido pelas riquezas que possuem. (CÍCERO, 2011)

Ao contrário, assevera Cícero em sua obra, que pode haver de mais belo e preclaro do que a virtude governando a República? Que é mais admirável do que esse governo, quando o que manda não é escravo de paixão alguma e dá o exemplo de tudo o que ensina e preconiza, um governante íntegro, inteiro e coerente em pensamento, sentimento e ação, não impondo ao vulgo leis que é o primeiro a não respeitar, mas oferecendo, como lei viva, a própria existência aos seus compatriotas? Se fosse bastante um homem só para tudo, seria desnecessário o concurso de outros; assim como, se um povo inteiro pudesse vê-lo e ouvi-lo, disposto à obediência, não pensaria em escolher governantes.

2.3 Diálogo entre Razão e Imaginação

Desligado de suas raízes cósmicas, o homem grego faz progressivamente cair no esquecimento a segunda parte da famosa máxima atribuída a Sócrates, preservando somente o “Conhece – te a ti mesmo”, esquecendo o Universo e os Deuses.

O homem torna-se então “a medida de todas as coisas”, a referência última. A visão do homem escolhida pela filosofia clássica da Antiguidade foi aquela do “animal dotado de razão”, guiado unicamente por seu intelecto. Este reducionismo foi a origem da filosofia do otimismo e do progresso linear. A separação entre Fé e Razão, a explosão do Renascimento, o desenvolvimento da ciência mecanicista e também o desmoronamento de certos dogmas religiosos persuadiram as elites intelectuais do século XVIII de que elas estavam à altura da missão determinada pela Antiguidade. Então elas se enamoraram do direito e do dever de “esclarecer” o homem sobre o vínculo universal existente entre as coisas, bem como de reger a vida do indivíduo e da sociedade. (SCHWARZ, 1979)

Assim, a Filosofia da Razão acreditou poder emancipar-se definitivamente do Sagrado e do espírito religioso e quis erigir-se em Ciência suprema. Foi desse otimismo esclarecido que nasceram, desde o século XVIII, as correntes modernas de pensamento social e político, que, apesar de suas divergências, tiveram em comum a herança grega e seu reducionismo triunfante.

A filosofia ocidental, restringindo as direções do saber, reduziu os fenômenos e à capacidade única do intelecto, não podendo obter senão um conhecimento das aparências. O vínculo com a Sabedoria antiga parece, então, definitivamente rompido.

Para designar esse mal interior que lhe é próprio, o Ocidente forjou uma palavra nova, insólita na história do pensamento humano: a palavra INTELECTUAL, como se fosse possível existir um tipo de homem reduzido a seu único intelecto. O intelecto puro, desligado da alma, significa a morte do homem. O intelecto que presume muito de si, que se isola e se compraz no orgulho, longe de enobrecer o homem, rebaixa-o e despersonaliza-o, pois ele mata essa participação amorosa na vida das coisas e das criaturas de que só a alma é capaz, uma, graças às suas emoções e intuições.” (Giuseppe Tucci. “Théorie et pratique du Mandala – Fayard -1974- pág. 11.)

O homem ocidental, hoje desligado de suas raízes, solitário em sua razão abstrata, tornou-se órfão e, voltado para si mesmo, luta desesperadamente por sua sobrevivência. Henry Corbin qualifica como “antidemiúrgica” essa situação do Ocidente:

O que chamamos aventura ocidental é esta aplicação da inteligência à investigação científica de uma natureza dessacralizada que é necessário violentar para que se conheçam suas leis e que se submetam suas forças à vontade do homem. Ela nos conduziu até aqui onde estamos: um prodigioso impulso técnico transbordando as condições de vida; não há por que negar: o mundo todo é beneficiário, mas, ao mesmo tempo, ela nos conduziu a uma situação que chamaremos antidemiúrgica, no sentido em que ela é a negação da obra criadora, já que prepara a humanidade terrestre para destruir, aniquilar sua morada, esta terra da qual ela tirou seu nome e sua subsistência. Obra do nada e da morte, que é preciso enfrentar para denunciar... A confiança com a qual o Ocidente, no início do século, acreditava ainda, desenvolvendo a tecnologia, atingir a felicidade e o paraíso, nos dá também hoje a medida de seu desespero. (Henry Corbin. Philosophie iranienne et philosophie comparée. Academia Imperial Iraniana de Filosofia – 1977 – pág. 47.)

Assim, tendo renunciado ao Uno, o Ocidente não pode senão permanecer prisioneiro do particular. Mas não devemos nos enganar a respeito das origens dessa situação que é antiga, já que a filosofia clássica a continha em germe. De fato, desde a época pós-socrática, era necessário escolher entre isto ou aquilo, quando, em realidade, numa visão global, coexistem e se conciliam o uno e o múltiplo, quer dizer, as coisas são simultaneamente “Isto e Aquilo”. É preciso um esforço hoje para se chegar a uma civilização do “E” copulativo e sincrônico, permitindo unidade e pluralidade. É a sabedoria do centro simbolizada nas grandes Tradições pela via do coração, permitindo alcançar um equilíbrio transcendente. (SCHWARZ, 1979)

O retorno ao Sagrado é um caminho necessário para o renascimento do homem. Nas palavras de Mircéa Éliade. “O Sagrado é um elemento na estrutura da consciência e não um estágio na história dessa consciência”. Ser, ou antes, tornar-se Homem, significa, então “ser religioso”.

A dialética do Sagrado precedeu a todos os movimentos do pensamento revelados em seguida e lhes serviu como modelo. Assim, o desenvolvimento da filosofia ocidental foi um acidente na história da humanidade, um acidente único que leva consigo o perigo da extinção da espécie humana, como se pode constatar no século XX.

(...) e o pensamento simbólico precede a linguagem e a razão discursiva, pois o símbolo revela certos aspectos da realidade que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos têm o poder de revelar verdades secretas do ser. Eles transportam o ser humano condicionando em seu mundo para o mundo espiritual muito mais amplo. (ELIADE, 1979, p. 13-14)

Como Mircea Eliade, acreditamos que redescobrir o caráter sagrado da vida e da natureza permite um retorno à Sabedoria, sem, para isso, efetuarmos um retorno ao paganismo ou à idolatria. Trata-se de um reenraizamento numa visão renovada e eterna da realidade cósmica. Para operar esse "retorno ao sagrado", apresenta-se necessário poder conciliar a Razão e o Imaginário, porquanto essa união seja um elemento essencial para a transformação de nossas mentalidades.

A conciliação da Razão e do imaginário permite, portanto, vislumbrar uma filosofia da complementariedade, não de exclusão, e assumir os paradoxos eternos da vida. Para obter essa conciliação entre a Razão e o Imaginário, o homem deve respeitar certos princípios que se podem verificar tanto na abordagem tradicional quanto nas novas vias das ciências humanas ou físicas. Entre elas, a "*coincidentia oppositorum*" e a procura do centro. (SCHWARZ, 1979)

A ideia dualista aparece quando temos relação com o pares de opostos nos quais os dois antagonistas não se implicam mutuamente. Pois isto se dá no momento em que certos aspectos negativos da vida, aceitos até então como elementos constitutivos e irrecusáveis da totalidade cósmica, são julgados ou interpretados como o Mal, portanto não necessários. A ideologia dualista aparece, em como ela, a exclusão da complementariedade, abrindo, assim, a porta a todas as simplificações reducionistas.

De outro lado, a teoria monista, ao tentar se opor ao dualismo, exclui também o processo de "coincidência de opostos", segundo René Guénon "O monismo, espiritualista ou materialista, cai em um equívoco oposto ao dualismo, chegando a negar, ou pelo menos, a negligenciar completamente a oposição espírito – matéria; recaí-se no erro do espírito sistemático." (SCHWARZ, 1979)

O ponto de vista monista amputa, portanto, uma parcela da realidade. Se o dualismo elimina a complementariedade em favor da oposição, o monismo elimina toda a oposição, portanto, todo o paradoxo. Se o dualismo suscita o fanatismo e a guerra, o monismo arrisca-se a eliminar a vida e, com ela, o sentimento.

O “não-dualismo” evita esses dois extremos. Considera os dois termos simultaneamente, na unidade de um princípio comum em que estão igualmente contidos. São mais como opostos propriamente ditos, mas como complementares, numa espécie de polarização que não afeta, em nada, a unidade essencial do princípio comum.

Schwarz entende tratar-se de situações existenciais paradoxais como simultaneidade do dia e da noite, do visível e do invisível, do bem e do mal e etc., que a lógica clássica tem dificuldade em vivenciar e que, portanto, preferiu considerar como oposições irreduzíveis. Assim, entende o autor que a escolha da razão como única via de conhecimento afastou o homem do paradoxo pré-socrático. A incapacidade de viver situações existenciais, engendradas pela perda da visão tradicional, fez-lhe procurar ideologias tranquilizantes em que é assistido e protegido, em detrimento de sua combatividade individual e de sua capacidade de resistir ao sofrimento. O excesso de razão tornou a natureza humana frágil e fez nascer a ideologia burguesa.

O Imaginário permite conceber uma realidade sincrônica (mítica) e não apenas cronológica (histórica) como a Razão. A Tradição rege o universo sutil da comunicação, não apenas em nível de informação e de análise, mas sobretudo do “vivido”, que permanece essencial para que a experiência possa ser assimilada completamente pela consciência.

CAPÍTULO 3

FORMAÇÃO SOCIOPOLÍTICA

Não podemos buscar nosso bem maior sem necessariamente promover ao mesmo tempo o bem dos outros. Uma vida que se limita a interesses pessoais não pode ser submetida a qualquer avaliação respeitável. Procurar o melhor em nós significa zelar ativamente pelo bem-estar dos outros seres humanos. Nosso contrato humano não se restringe às poucas pessoas a quem nossos interesses estão mais intimamente ligados, ou às mais preeminentes, ricas ou de educação aprimorada, mas abrange toda a imensa irmandade humana. (EPICTETO, 2006, p.77)

Figura 4 - Escola de Atenas



Fonte: Escola de Atenas. Rafael Sanzio – c. 1510-1511. Afresco (440 x 770 cm) – Stanza della Segnatura, Palácio Apostólico, Vaticano (AIDAR, LAURA. COLEÇÃO FOLHA)

A Escola de Atenas descreve a interpretação da filosofia como um ramo do conhecimento que simboliza o pensamento filosófico e a busca da verdade. Mostrando uma reunião de filósofos gregos envolvidos em várias atividades, o afresco é considerado um excelente exemplo da arte do Renascimento e considerada a obra-prima de Rafael. Encontramos na pintura cerca de sessenta filósofos gregos dispostos em um salão muito grande, eles estão conversando entre si, discutindo teorias ou questões matemáticas.

À direita está Platão segurando em sua mão esquerda, uma cópia encadernada de Timeu e é representado como um homem mais velho, sábio e grisalho. O fato de estar apontando para o alto com a mão direita, indica o mundo

das ideias. Em contraste, seu aluno Aristóteles é mostrado como um homem mais jovem olhando para seu professor. Aristóteles carrega uma cópia encadernada da *Ética à Nicômaco* na mão esquerda e caminha um pouco à frente de Platão, está direcionando o livro para baixo, o que indica o mundo terrestre.

Abaixo em primeiro plano, encontramos Pitágoras, escrevendo e apresentando algo com um grupo de seus discípulos. Sentado em primeiro plano debruçado em seus pensamentos, encontramos o filósofo Heráclito que é considerado o pai da dialética. Hipátia de Alexandria, considerada a primeira mulher matemática do mundo ocidental, está vestida de branco na pintura, acima e bem próxima a Pitágoras.

No centro, mais direcionado à direita, encontramos sentado nas escadas Diógenes, que está solitário e pensativo. Encontramos o matemático Euclides, explicando as leis da geometria a um grupo de discípulos com um compasso desenhando em uma lousa assentada no chão. Próximo dele, estão o astrônomo Zoroastro e o geógrafo Ptolomeu que lideram uma discussão, ambos seguram um globo, mostrando respectivamente a Terra e o céu. Encostado, próximo da pilastra vestido de branco, possivelmente seja Protógenes, um pintor da Grécia Antiga. Rafael não deixou de destacar, no mesmo plano de Aristóteles, Plotino, que está representado de vermelho; é um ancião isolado que observa calado toda a escola. Ele é considerado um dos mais antigos pensadores da Grécia antiga.

A Escola de Atenas mostra a profundidade e fornece uma bela vista da arte do Renascimento. O Homem bem-educado, pode ser ponte, capaz de captar os arquétipos do mundo inteligível, e vivenciá-lo, criar formas tangíveis no mundo sensível, eis a história narrada nos diversos mitos da humanidade, dentre eles o mito do herói.

3.1 O Poder do Mitos, Ritos e Símbolos Sagrados

Os mitos, diferentemente dos contos, são reconhecidos como verdadeiros pelas sociedades tradicionais. Seu significado em grego é “fala” ou “narrativa”. O Mito deveria ser comprovado como palavra verdadeira; pois é o Mito que transmite as verdades arquetípicas aos homens, graças à sua linguagem poética acessível a todos.

Os mitos constituem a espinha dorsal dogmática das sociedades tradicionais; eles são a carta programática para eles. Para Claude LÉVI-STRAUS, o caráter essencial do mito é o de não serem produzidos por mentalidade individuais, mas o de impor-se a nós pelo peso da Tradição. (SCHWARZ, 1979)

Diferentemente do conceito, o Mito não é linear; ele propõe diversos níveis de conhecimento e diferentes direções de pesquisa coexistindo num todo orgânico. Se o mito foi por muito tempo marginalizado e incompreendido pelos modernos, é porque, como enfatizaram primeiramente René Guénon, depois Gilbert Durand, os três níveis complementares do conhecimento tradicional “Deus, Homo e Natura” não são estados cronológicos. De fato, Augusto Comte e seus sucessores acreditaram ver nos diferentes conhecimentos do homem (teológicos, metafísicos e positivos) “três estados” sucessivos pelos quais haveria passado a Humanidade, segundo um processo de progresso linear. O mito é, portanto, um modelo paradoxal e complexo, radicalmente diferente da ideologia lógica, unitária e simplista. Para compreender o mito, é necessário VIVÊ-LO, já que se trata de uma experiência total, que toca todos os constituintes do ser (conscientes e inconscientes); enquanto que, para a ideologia, é suficiente raciocinar, pois ela é de natureza apenas intelectual. (SCHAWARZ, 1979).

A História é uma das atividades próprias do ser humano, é a memória da Humanidade que lhe deve servir como experiências para o futuro. Embora pareça um desarticulado mosaico, o seu estudo vai nos dando chaves para a interpretação do passado humano. Muitos dos fatos passados não foram relatados cronologicamente, nem objetivamente, mas sim apresentados sob a forma de Mitos, que transportavam não feitos históricos mas também valores psicológicos e simbólicos. (LIVRAGA, 2010, p; 157/158)

Acerca da pergunta qual a necessidade de mitos? Campbell ilustrou explicação fornecendo o exemplo de um juiz que não é um simples funcionário. Para que sua autoridade vá além de uma mera coerção, seu poder deve ser o objeto de um rito que entre no coração de uma mitologia, representada, nesse caso, por sua toga, que se converte em símbolo, e não um simples traje. Quando o público se põe de pé a entrada de um juiz em uma sala de audiência, não se trata do homem a que cumprimentam, mas um à toga e ao papel que se propõe a desempenhar.

Perguntado sobre o que acontece quando uma sociedade já não possui uma mitologia poderosa e estruturada, Campbell respondeu: “Basta ler o jornal e ver que ele fala de ações repressivas e violentas praticadas por jovens que não sabem como

se comportar em uma sociedade civilizada. Na verdade, a sociedade não lhe ofereceu os ritos que permitiriam estes jovens se tornarem membros da comunidade.” (SCHAWARZ, 2017)

Todos os jovens têm necessidade de um segundo nascimento. Isto os ensina a se comportar de forma racional no mundo atual, a deixar a infância para trás (...). Então, de onde eles adquirem seus mitos? ... Eles mesmos os criam. De onde vem todo esse grafite que vemos nos muros das ruas? Estes jovens formam suas próprias tribos, seus ritos de iniciação, sua moralidade...Acontece que eles são perigosos, já que suas leis não são as mesmas que as nossas, pois não foram socialmente iniciados. (SCHAWARZ, 2017)

A vida, como tal, é pluridimensional, tanto que nós, seres humanos, somos capazes de viver vários níveis de realidade ao mesmo tempo. O mito e suas diferentes interpretações permitem conservar a memória e o sentido de muitas dimensões da nossa existência.

Os mitos, diferentemente dos contos, são reconhecidos como verdadeiros pelas sociedades tradicionais. Significando “fala” ou “narrativa” em grego, o Mito deveria ser compreendido como a palavra verdadeira; é o Mito que transmite as verdades arquetípicas aos homens, graças à sua linguagem poética acessível a todos. Os mitos apresentam-se como a explicação das questões fundamentais antecipada pela própria sociedade.

O mito só pode ser transmitido pelo Verbo, isto é, de boca a orelha; ele é a expressão do Verbo Criador. A maioria dos mitos remete a um TEMPO PRIMORDIAL, ao qual nos referimos sem cessar, como sendo a MATRIZ DOS TEMPOS PRESENTES. Diferente do conceito, o Mito não é linear; ele propõe diversos níveis de conhecimentos e diferentes direções de pesquisa coexistindo num todo orgânico. Se o mito foi por muito tempo marginalizado e incompreendido pelos filósofos modernos, é porque, como enfatizaram primeiramente René Guénon, depois Gilbert Durand, os três níveis complementares do conhecimento tradicional “Deus, Homo e Natura” não são três estados cronológicos.

De fato, Augusto Comte e seus sucessores acreditaram ver nos diferentes conhecimentos do homem (teológicos, metafísicos e positivo) “três estados” sucessivos pelos quais haveria passado a Humanidade, segundo um processo progresso linear. (COMTE, 2005)

O que está “deformado”, segundo René Guénon, “desfigurado”, segundo Gilbert Durant, “é a hierarquia do pluralismo cósmico. No pensamento (isto é, o “eu penso!”) tradicional, há três direções de pesquisa do sentido (Deus, Natura, Homo) e uma unificação que se faz pela similitude (ou analogia) de Natura e de Homo, hierarquizados sob o ato criador de Deus. (DURAND, 1979, p. 183)

O Mito é, portanto, um modelo paradoxal e complexo, radicalmente diferente da ideologia lógica, unitária e simplista. Para compreender o mito, é necessário VIVÊ-LO, já que se trata de uma experiência total, que toca todos os constituintes do ser (conscientes e inconscientes); enquanto que, para a ideologia, é suficiente raciocinar, pois ela é de natureza apenas intelectual. É a “desmitologização” efetuada pelas ciências sociais que conduziu o Ocidente à crise de civilização e à série de desencantamentos em que ele vive há dois séculos: desencantamento da Igreja, do progressismo burguês e, enfim, do coletivismo. (SCHAWARZ, 2017)

Segundo Gilbert Durand, “em seu programa de dependência e de dominação, as “ciências sociais” tornaram-se as dóceis servas de todas as empresas de alienação, desde o instante em que suas problemáticas “reduziram-se” aos problemas de “rendimento”, de “rentabilidade”, de “produção” ou de “consumo”, de “técnicas de gestão” ou de “publicidade”.

A mistificação antropológica reside justamente no fato de que a atitude heurística (arte de inventar e descobrir) transgrediu os limites (os <deveres>, teriam dito os antigos) de que dispunham imemorialmente na Tradição as divindades e os poderes da mitologia. Estes últimos eram primeiramente os símbolos, os reflexos, ou as projeções das necessidades que definem e delimitam a espécie homo sapiens. E se aplica por zombaria o esquema positivista dos “três estados” ao discurso antropológico, vê-se a utopia dessacralizar, pela metade, o mito, racionalizando-o e retirando-lhe a opacidade originária, após ser escamoteada, por sua vez, pela ideologia e pelos métodos de análise da linguagem, e é então bem verdadeiro dizer <que o homem está perecendo à medida que brilha mais forte em nosso horizonte o ser da linguagem>. Esta <substituição> dupla de uma liquidação, por toda uma aquiescência tácita ou confessa ao dogma positivista, do próprio objeto da Antropologia e partindo do próprio objeto da Antropologia e partindo do próprio sujeito de todo humanismo” (DURAND, apud SCHWARZ, 2017)

A busca do homem é uma busca profunda. Aparece como a necessidade de compreender as coisas desde seu âmago, desde o interior, para além das

aparências. Uma vez que o homem transforma o mundo em imagens, podemos reconhecer, assim como Gilbert Durant, que o imaginário é a medida áurea da evolução humana. “Hoje compreendemos algo que no século XIX era insuspeito: que o símbolo, o mito e a imagem fazem parte da essência da vida espiritual.” (ELIADE apud SCHWARZ, 2017)

Através da imaginação temos acesso ao mundo interior, é também uma linguagem que permite acessar o interno, a imaginação se revela como um equilíbrio dinâmico, uma capacidade de representar o mundo e a si, e de se situar neste mundo. Este equilíbrio dinâmico nasce da polaridade (racional e imaginária) de cada imagem.

Etimologicamente, “imaginação” tem proximidade com as palavras latinas *imago*: “representação”, e *imitor*: “imitar”, “reproduzir”. Por meio da imaginação podemos capturar e representar os modelos exemplares que são, continuamente, atualizados de diversas formas. A imaginação nos torna capaz de ver o mundo em sua totalidade, como uma realidade global, para além das partes que o compõem. A falta de imaginação nos afasta da realidade profunda da vida e de nossa própria alma, pois as imagens nos permitem integrar experiências e entendimentos que ultrapassam o conceito e a simples racionalidade. Entrar em contato com os mitos, estimula tanto a imaginação, como traz uma percepção ampliada da vida, tornando a vida cotidiana mecânica e sem sentido, motiva muito mais por estímulos externos que valores internos. (SCHWARZ, 2017)

Em um mundo onde reina a confusão do reducionismo positivista, a imaginação se converteu rapidamente em sinônimo de fantasia, de irreal, e foi considerada como “a louca da casa”. São escassos os pesquisadores que se interessam pela atividade imaginária das sociedades tradicionais, uma vez que consideram-na uma atividade incapaz de aportar informações concretas sobre as culturas dessas sociedades. Hoje, constata-se até que ponto a diminuição da capacidade imaginativa tornou o ser humano mecânico, incapaz de se regenerar e de se recarregar, a sempre depender de estímulos exteriores. A perda da identidade levou-o a reconhecer-se com seres primários que têm mais estimulados seus impulsos do que seus pensamentos. (SCHWARZ, 2017, p. 54)

O mito, enquanto história das origens, tem essencialmente uma função de instauração; somente há mito se o acontecimento fundado não possuir lugar na história, mas em um tempo situado antes da história; “*in illo tempore*”: é essencialmente a relação de nosso tempo com o Tempo que constitui o mito. Este diz sempre como alguma coisa nasceu. A primeira função do mito é, portanto,

instaurar os tempos históricos. Antes que as coisas ocorram, o mito instaura os princípios que animarão a transformação; a história desenvolver-se-á sempre no quadro estreito dos princípios dados pelo mito que exerce o papel de arquétipo; todas as situações históricas, inclusive a temporalidade, já são prefiguradas nas representações dos deuses, mensageiros, heróis, etc. (SCHAWARZ, 1979)

Uma outra função do mito é sua função de praticidade; várias escolas antropológicas marcaram o vínculo estreito que existe entre o mito e o rito. Este vínculo deve ser compreendido em seu princípio; é na medida em que o mito constitui a ligação do tempo histórico com o tempo primordial que a narração das origens toma valor de paradigma para os tempos presentes; eis aí como as coisas foram fundadas na origem, e ainda o é da mesma forma hoje. Por sua intenção significativa fundamental, o mito permite que ele seja repetido, reativado no rito. Não é a história que se repete, mas o mito que reaparece.

O mito constitui, portanto, uma defesa contra o tempo e seu desgaste. Ele sacraliza a história à qual se opõe, pois pertence a uma outra dimensão, uma dimensão transcendente. O papel do mito é despertar o homem, destruir as escamas que obstruem sua visão interior e fazê-lo ver as coisas tais como elas são. O mito reinstala-se na realidade, mascarada, a cada instante, pelo tempo profano, relativo e moral. O mito confere à ação humana uma experiência do sagrado, uma função de informação e manutenção da consciência de um outro mundo, do mundo divino.

As estruturas do imaginário operam em três planos que organizam o curso das imagens, seguindo a trajetória simbólica da consciência em um dia podemos perceber estes três planos, como plano diurno ou solar, plano noturno ou lunar e o plano sintético ou do amanhecer e do entardecer. A sociedade moderna, tem privilegiado o plano diurno da imagem devido à excessiva necessidade de racionalização do mundo. Esse plano se caracteriza pela separação e pelo dualismo, onde o todo se joga em uma lógica de oposição, própria de um pensamento de exclusão: “preto ou branco”, “homem ou mulher”, “vida ou morte”, “para cima ou para baixo”. O plano diurno trabalha com um pensamento de eliminação e seleção que, distorcido, pode levar à busca da perfeição extrema; numa linguagem trivial, a culpa é sempre do outro; em que pese o aspecto positivo deste plano, ser o herói. A ação extrema pode esvaziar o imaginário e fazer perder a noção da realidade e da humanidade. (SCHWARZ, 1979)

O plano noturno permite a restauração e regeneração da imagem. As fronteiras são abolidas na escuridão, alto e baixo se fundem. O acesso aos limites do mistério é possível. Se o plano solar é uma diretriz de diferenciação, no plano noturno, como nos sonhos, as realidades podem ser confundidas umas com as outras e o espaço e o tempo podem desaparecer; neste plano a alma pode criar e imaginar. Durante vários séculos, este aspecto da nossa imaginação foi relegado ao plano das distrações sem importância, ócios sem valor. Contudo, a perda de contato consciente com este universo desequilibra o homem profundamente e o impossibilita de se regenerar conscientemente. (SCHWARZ, 1979)

Nessas horas do entardecer, quando já não é mais dia e a noite está em formação, o plano do imaginário sintético se situa: é o plano da lógica da harmonia dos contrários, no qual é possível concentrar e vincular nossos aspectos com os da realidade, aparentemente contraditórias. Integra a lógica da inclusão. O símbolo da árvore pertence a este esquema sintético: suas raízes estão sob a terra e seus galhos se projetam ao céu. O tronco, como uma ponte, une as partes superior e inferior. As criaturas do céu, os pássaros, podem pousar em seus galhos, e as criaturas da terra, podem escalá-los. (SCHWARZ, 1979)

É preciso saber integrar, pois o homem precisa destas construções sintéticas para entender a si mesmo e compreender o mundo, não como uma relação de partes, mas como um todo integrado. Ao privilegiar em excesso um dos planos do imaginário, há desconexão de fontes essenciais ao equilíbrio individual e social. Necessitando dos mitos, ainda que de forma camuflada, para promoção deste equilíbrio.

Se conhece o mito, o homem torna-se contemporâneo do acontecimento primordial, das origens, e para ele, o mundo torna-se transparente. Desde então, o mito é uma linguagem simbólica do sagrado; é também uma estrutura universal do real. Em síntese, todo comportamento mítico é marcado pela imitação de um arquétipo, pela repetição de um argumento exemplar e pela ruptura do tempo profano.

Novamente, vemos no mito, uma forma de transmissão de modelos e arquétipos, afinal, como passar num texto histórico os sentimentos, as motivações altruístas acerca das ações, o aspecto interno dos personagens, senão pelos arquétipos. Todas as culturas tem seus arquétipos e ao não adotarmos os melhores, àqueles que cumprem a função de formar e educar; os piores ganharam espaço, como no momento se faz presente a cultura do anti-herói, descaracterizando os épicos e trazendo ao cotidiano o que de pior é capaz o pequeno homem.

Émile DURKHEIM vê na sociedade a origem do Sagrado. Marcado pela influência de Fustel de Coulanges, ele adota uma atitude científica rigorosa nos estudos dos fenômenos sociais. Encontra na obra de Augusto Comte o esquema tripartite da história a humanidade: etapas mítica, teleológica e positiva, como a crítica acerca do individualismo e uma crença na irreduzibilidade dos fatos sociais. (SCHWARZ, 1979)

Assim, a religião torna-se o fenômeno social integral. A noção de consciência coletiva desempenha um papel primordial, ultrapassando as consciências individuais. Émile DURKHEIM resgata o Sagrado opondo-o ao profano, depois o define como uma força coletiva proveniente da sociedade e acrescenta ao real, a fim de ser um elemento essencial da organização social.

Durkheim, com uma ordem moral capaz de substituir a Igreja e sua moral, visando restituir à sociedade um Sagrado Ativo, indiscutível, tendo em vista fazer desempenhar os poderes profundos a existência coletiva. “O homem e o sagrado” é uma tentativa da sociologia do Sagrado. Parte-se da concepção religiosa do mundo implicando distinção, e mesmo oposição, entre Sagrado e Profano. O mundo do Sagrado opõe-se ao mundo do profano como o mundo das energias ao das substâncias. Esse mundo sagrado, mundo de forças, é em si mesmo duplo: forças benéficas e forças maléficas, segundo o sentido em que são tomadas. Os ritos nasceram da necessidade de uma organização perfeita das relações mútuas entre Sagrado e Profano: manter as distâncias, transmutar as forças, fazer entrar ou sair. Por intermédio da noção de “Sagrado de transgressão”, reencontra a visão cíclica do tempo, que deve ser regenerado pela ruptura que constituía a festa. (DURKHEIM, 2003)

Colocam em evidência os invariantes do Homem, a saber, o Sagrado, os Mitos e os Símbolos, estabelecendo assim um vínculo de compreensão entre os homens de cultura e de épocas diferentes. A vida em sociedade não pode ser assegurada senão por um equilíbrio harmonioso entre Sagrado e Profano. O homem tende periodicamente a um retorno em direção ao Arquétipo, segredo da experiência e da continuidade das formas divinas. (SCHWARZ, 2017)

Desse modo, a história das religiões pode ser a base de um novo humanismo. A história da religião é chamada a desempenhar na vida cultural contemporânea, tanto pela compreensão das religiões arcaicas, etnológicas e das grandes religiões da humanidade quanto pela inteligência das situações existenciais vividas pelo homem no curso de sua história. Esse novo humanismo permitiria pôr fim a ação de renascimento, pois ao revelar as significações, a hermenêutica cria valores novos e

modifica a própria qualidade da existência, uma vez que põe o homem em contato com o mundo espiritual. (SCHWARZ, 2017)

O fato de uma hermenêutica chegar à criação de novos valores culturais não implica que ela não seja “objetiva”. De um certo ponto de vista, pode-se comparar a hermenêutica a uma “descoberta” científica ou técnica. Antes da descoberta, a realidade que se acaba de descobrir estava lá, somente não se havia ou não se a compreendia, ou ainda, não se sabia utilizá-la. Do mesmo modo, uma hermenêutica criadora revela significações que não se apreendiam antes, ou as destaca com um tal vigor que, após ter assimilado essa nova interpretação, a consciência não é mais a mesma. A hermenêutica criadora muda o homem; ela é mais que uma instrução, é também uma técnica espiritual suscetível de modificar a própria qualidade da existência. (SCHWARZ, 2017)

Quem capta um Arquétipo e sabe concretizá-lo sem o deformar demasiado, para que a relação entre o seu Ser e o seu Existir não se corte, não necessita de crítica nem do aplauso. O Belo é uma forma sensível de harmonia que transcende os objetos e à qual o mundo material fornece somente um suporte. A Beleza é, então, a mais imaterial e dinâmica das formas. Um símbolo é o resultado de uma abstração ou transferência, mas de valores que lhe são harmônicos e próprios. Um símbolo não é uma mera fantasia, mas uma realidade psicológica fecunda de significados. (LIVRAGA, 2010, p. 97/98).

Iniciador da “Sociologia das Profundezas”, Gilbert Durand observa o que se passa através dos fluxos e refluxos dos incidentes de superfície, evidenciando cinco funções arquetípicas em todas as sociedades indo-europeias, a saber: a defesa e a política simbolizadas por Marte; o poder real e o poder sacerdotal simbolizados por Júpiter; o comércio representado por Mercúrio. Reencontram-se essas cinco funções em todo diálogo social e político, quaisquer que sejam mais, a ideologia que vêm a aplicar. (DURAND, 1979)

Se a “via da Razão” permitiu a eclosão do “*Homo Sapiens*”, construtor de ferramentas ou de conceitos, a “via do Sagrado” está na origem do que Mircéa Éliade chama o “*Homo Religiosus*”, aquele que pode conhecer em si mesmo a irrupção de uma visão transcendente e globalizante. Segundo a Tradição universal e filosofias do Oriente e do Ocidente o Sagrado e o Profano não são dois conceitos opostos, mas complementares, indicando as duas direções ou tendências da vida. Simbolizado por um grande sopro, essa respiração provoca um movimento que parte em duas direções: uma para o exterior, animada por uma força centrífuga,

afastando-se do centro, portanto, de sua origem; e uma outra indo para o centro, animada por uma força centrípeta, retornando para as origens.

A vida é movida simultaneamente por essas duas forças ou polaridades. Através da força centrífuga, ela difunde-se, dissipa-se, cria. Graças à força centrípeta, ela regenera-se, reconcentra-se, torna possível a renovação. Poder-se-ia identificar a força centrífuga com o profano, com a multiplicidade; e a força centrípeta com o Sagrado, com o movimento que aspira às origens, à Unidade.

O movimento para o Sagrado é um movimento para se lembrar, para se enraizar, para se qualificar. A força centrífuga encarna a expansão quantitativa, isto é, o crescimento material e temporal que caracteriza o Universo do profano, pela fuga do centro. Longe de se excluírem mutuamente, sagrado e Profano complementam-se harmonicamente.

Em todas as épocas, os homens souberam identificar, em terra, a presença dessas duas polaridades, por intermédio de suas diferentes sensibilidades. Identificando os lugares que desprendiam um brilho, um “plus”, porque inspiravam o medo, a beleza, a contemplação, estes tornaram-se lugares do Sagrado, isto é, em que manifestava a vontade de dominação do Sagrado: por exemplo, a floresta mágica, as árvores sagradas, as fontes, os rios. Os lugares em que, ao contrário, as forças dispersavam-se, em que o homem estava menos sob a influência do lugar, eram sempre ligados ao profano.

Uma árvore ou uma planta jamais são sagradas enquanto árvore ou enquanto planta. Elas tornaram-se sagradas por sua participação em uma realidade transcendente, e porque significam esta mesma realidade. Por sua consagração, a espécie vegetal concreta, <profana>, é transubstanciada; segundo a dialética do sagrado, um fragmento (uma árvore, uma planta) vale o todo (o Cosmo, a Vida), um objeto profano torna-se uma hierofania. (SCHWARZ, 2017)

É esta faculdade de perceber o sagrado, inerente ao Homem, isto é, de ter acesso à dimensão do metafísico e do “sobrenatural”, pelo pensamento simbólico, que distingue o homem das outras espécies vivas do planeta; e não a Razão como acreditara-se durante os últimos séculos.

3.2 Cidadão Ético

Considerando a existência dessa dimensão sagrada, acessível pelos mitos e a existência dessa dimensão material, estão situados em dois extremos, o contato

destes dois planos depende de um pontífice, assim, cabe ao cidadão ético fazer esta ponte, trazendo ao mundo esses valores transcendentais. Primordialmente, o valor da Fraternidade, porquanto sem unidade não há poder, e nem Estado.

Augusto Comte, em sua obra *Reorganizar a Sociedade*, adverte que quando sistema social que se extingue, um novo sistema chega a sua inteira maturidade e que tende a se constituir, sendo esse o caráter fundamental destinado à época atual pelo andamento geral da civilização. Em conformidade com esse estado de coisas, dois movimentos de natureza diferente agitam hoje a sociedade: um de desorganização, outro de organização. No primeiro, considerado isoladamente, a sociedade é arrastada para uma profunda anarquia moral e política que parece ameaçá-la por uma próxima e inevitável dissolução. No segundo, ela é conduzida para o estado social definitivo da espécie humana, aquele que mais convém a sua natureza, aquele em que todos os seus meios de prosperidade devem merecer o mais amplo desenvolvimento e sua aplicação mais direta. Para o autor, é na coexistência dessas duas tendências opostas que consiste na grande crise experimentada pelas nações mais civilizadas. É sob esse duplo aspecto que essa crise deve ser encarada para ser compreendida. (COMTE, 2005.)

Na exposição geral da obra supramencionada, de COMTE ele destaque a as transformações sociais, assim como qualquer feito eficaz, de dois tipos de trabalho, um de ordem teórica e outro de natureza prática. “Ao tentar precisar como a natureza desse trabalho foi ignorada, conclui-se que é por ter sido considerado como puramente prático um empreendimento que é essencialmente teórico.” (COMTE, 2005, p. 30)

A formação de um plano qualquer de organização social se compõe necessariamente de duas séries de trabalhos, totalmente distintas por seu objeto, bem como pelo gênero de capacidade que exigem. Uma, teórica ou espiritual, tem por fim o desenvolvimento da ideia-mãe do plano, ou seja, do novo princípio segundo o qual as relações sociais devem ser coordenadas e a formação do sistema de ideias gerais, destinado a servir de guia para a sociedade. A outra, prática ou temporal, determina o modo de repartição do poder e o conjunto das instituições administrativas mais conformes com o espírito do sistema, tal como foi definido pelos trabalhos teóricos. Uma vez que a segunda série está baseada na primeira, da qual não é senão a consequência e realização, é por esta última que, necessariamente, o trabalho geral deve começar. Ela é a alma, a parte mais importante e mais difícil, ainda que somente preliminar. (COMTE, 2005, p. 30)

O deter a atenção na parte apenas prática e não se preocupar com os fundamentos levam a inviabilizar a estruturação da sociedade, posto que se mostra

importante que o grupo tenha alguma conexão prévia, algum ponto em comum que não esteja demarcado em searas particularizadas, tal como é o caso dos princípios, pois sendo a Fraternidade, um valor de natureza universal, possível trabalhar visando a união do grupo social, independente de sexo, cor, condição social.

Qualquer sistema de sociedade, derivado de um punhado de homens ou de vários milhões, tem por objetivo definitivo dirigir para um fim geral de atividade todas as forças particulares. De fato, não há sociedade senão onde se exerce uma ação geral e combinada. É preciso para caracterizá-la uma identidade comum. Em qualquer outra hipótese, há somente aglomeração de certo número de indivíduos sobre um mesmo solo. Esse é o traço que distingue a sociedade humana daquela dos outros animais que vivem em grupo. (COMTE, 2005)

O primeiro passo que deveria ter sido dado para reorganizar a sociedade seria, portanto, a proclamação dessa nova finalidade. Como esse passo não foi dado, não houve como sair ainda do antigo sistema, mesmo que se julgue que houve um grande afastamento dele. Ora é claro que essa estranha lacuna de nossas pretensas constituições significa que se quis organizar nos detalhes antes que o conjunto do sistema tivesse sido concebido. Em outros termos, essa lacuna resultou do fato de que se deu atenção exclusivamente à parte regulamentar da reorganização, sem que a parte teórica tivesse sido definida e sem que se tivesse até mesmo pensado em estabelecê-la. É como querer esculpir uma obra de arte, e não ter previamente a visão da obra que se quer trazer ao mundo; assim, como saber definir os contornos e retirar os excessos da pedra. (COMTE, 2005)

O ser humano deve comprometer-se firmemente como o seu destino histórico, com os seus antecessores divinos, com o seu momento atual, com o futuro. Conhecendo-se a si mesmo, o homem conhece a sua essência Divina e reconhece-a onde quer que esteja. O homem alcança a Sabedoria através do controle do seu corpo, da sua vitalidade, das suas emoções e imprime o impulso do seu interior sobre o conjunto da sua personalidade. As fricções da personalidade são muito positivas para as almas fortes. A única evolução que existe é o nosso esforço de transformação interior. Não é questão de sentar-se ao lado do tempo e esperar que tudo se solucione. Somos nós que devemos erradicar as nossas sombras interiores. Com nuvens densas no céu da mente não se pode ver o sol. Os homens esqueceram-se que também se faz oração com as mãos, e que em circunstâncias históricas como a que atravessamos, o fato de se trabalhar desinteressadamente redime mais do que o simples mover dos lábios. A nossa crise não é uma crise de petróleo ou uma crise de inflação, é uma crise de fé, é uma crise mora: se podemos resolver as crises de fé e a crise moral, tudo o resto será resolvido por acréscimo, porque o homem é um ser proeminentemente espiritual. (LIVRAGA, 2010, p.122/123)

A perda do contrato com o sagrado, pouco a pouco, tira a capacidade de unidade, pois o homem se une em torno do sagrado, e separa-se e compete pelo elemento material. Este é o valor do mito para as sociedades, pois a função sociológica do mito justifica, segundo Joseph Campbell, certa ordem social por meio de valores morais que sustentam as leis da vida, consideradas boas para toda a sociedade.

Em seu livro o Poder do Mito, o especialista no tema, Joseph Campbell assevera não crer que estão apenas procurando um significado para a vida; mas sim buscando uma experiência de estar vivo, para que nossas experiências de vida no plano puramente físico tenham ressonâncias dentro de nosso próprio ser e realidade mais íntimos, para que realmente sintamos o êxtase de estar vivo. (CAMPBELL, 1990)

(...) o que é um mito? A definição de dicionário seria: História sobre deuses. Isso obriga a fazer a pergunta seguinte: Que é um deus? Um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo – os poderes do seu próprio corpo e da natureza. Os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo. Mas há também mitos e deuses que têm a ver com sociedades específicas ou com as deidades tutelares da sociedade. Em outras palavras, há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com sua própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular. Você não é apenas um homem natural, é membro de um grupo particular. Na história da mitologia europeia é possível ver a interação desses dois sistemas. No geral, o sistema socialmente orientado é o de um povo nômade, que se move erratically, para que você aprenda que o seu centro se localiza nesse grupo. A mitologia orientada para a natureza seria a de um povo que se dedica ao cultivo da terra. Ora, a tradição bíblica é uma mitologia socialmente orientada. A natureza aí é condenada. No século XIX, os investigadores pensaram na mitologia e no ritual como tentativas de controlar a natureza. Mas isso é magia, não mitologia ou religião. As religiões da natureza não são tentativas de controlar a natureza mas de ajudar você a colocar se em acordo com ela. Mas quando a natureza é encarada como um mal, você não se põe em acordo com ela, mas a controla, ou tenta controlar, daí a tensão, a ansiedade, a devastação de florestas, a aniquilação de povos nativos. A ênfase nisso nos separa da natureza. (CAMPBELL, 1990, p. 37)

E ao ser questionado sobre o que o mito tem a ver com vida e com o propósito deste capítulo, nascimento do cidadão ético, cabe analisar a resposta de mitologista e professor universitário norte – americano, que estudou e mapeou as semelhanças existentes entre as mais diversas culturas humanas.

CAMPBELL: Minha primeira resposta seria: “Vá em frente, viva a sua vida, é uma boa vida – você não precisa de mitologia”. Não acredito que se possa ter interesse por um assunto só porque alguém diz que isso é importante. Acredito em ser capturado pelo assunto, de uma maneira ou de outra. Mas você poderá descobrir que, com uma introdução apropriada, o mito é capaz de capturá-lo. E então, o que ele poderá fazer por você, caso o capture de fato? Um de nossos problemas, hoje em dia, é que não estamos familiarizados com a literatura do espírito. Estamos interessados nas notícias do dia e nos problemas do momento. Antigamente, o campus de uma universidade era uma espécie de área hermeticamente fechada, onde as notícias do dia não se chocavam com a atenção que você dedicava à vida interior, nem com a magnífica herança humana que recebemos de nossa grande tradição – Platão, Confúcio, o Buda, Goethe e outros, que falam dos valores eternos, que têm a ver com o centro de nossas vidas. Quando um dia você ficar velho e, tendo as necessidades imediatas todas atendidas, então se voltar para a vida interior, aí bem, se você não souber onde está ou o que é esse centro, você vai sofrer. As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele. (CAMPBELL, 1990, p14/15)

Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana, os mitos trazem símbolos que podem despertar valores humanos, e fazer compreender os acontecimentos da vida nos seus aspectos mais profundos. Contudo, hoje os mitos foram relegados a meras fantasias, de uma era primitiva e os ritos que representavam uma realidade profunda, tornaram-se mera formalidade. Isso aconteceu tanto nos rituais coletivos como nos rituais pessoais, como relativos a casamento e religião. Em que pese o casamento ser mais que um mero arranjo social, mas um exercício espiritual, nossa cultura não prepara as pessoas para este exercício. Na Índia a cerimônia de um casamento dura três dias. (CAMPBELL, 1990)

CAMPBELL: É primordialmente um exercício espiritual, e a sociedade deveria nos ajudar a tomar consciência disso. O homem não devia estar a serviço da sociedade, este sim é que deveria estar a serviço do homem. Quando o homem está a serviço da sociedade, você tem um Estado monstruoso, e é exatamente isso o que ameaça o mundo, neste momento.

MOYERS: O que acontece quando uma sociedade já não abriga uma mitologia poderosa?

CAMPBELL: Aquilo com que nos defrontamos, no presente. Se você quiser descobrir o que significa uma sociedade sem rituais, leia o Times, de Nova Iorque. MOYERS: E você descobrirá....?

CAMPBELL: As notícias do dia, incluindo atos destrutivos e violentos praticados por jovens que não sabem como se comportar numa sociedade civilizada.

MOYERS: A sociedade não lhes forneceu rituais por meio dos quais eles se tornariam membros da tribo, da comunidade. Todas as crianças deveriam nascer duas vezes para aprender a funcionar racionalmente no mundo de hoje, deixando a infância para trás. Penso nas palavras de São Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios: “Quando eu era criança, falava como criança, compreendia como criança, pensava como criança; mas quando me tornei um homem, pus de lado toda criança”. (CAMPBELL, 1990, p. 20)

O nascimento de um cidadão ético depende de uma formação que permita esse desenvolver, é preciso como alertou COMTE, de uma formação teórica, não basta mudanças formais. E os mitos afirma CAMPBELL São histórias sobre a sabedoria de vida. O que os jovens neste momento estão aprendendo em nossas escolas não é sabedoria de vida. Aprende temas sobre tecnologias, acumulam informações. Não obstante, há uma curiosa relutância de parte da administração universitária em indicar os valores de vida de seus assuntos. Nas nossas ciências, hoje – e isso inclui antropologia, linguística, o estudo de religiões e assim por diante, verifica-se uma forte tendência à especialização. (CAMPBELL, 1990)

Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida. Os mitos têm basicamente quatro funções: A primeira é a **função mística** – trata da maravilha que é o universo, da maravilha que é a própria individualidade, e vivência do espanto diante do mistério. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia. Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada. Você está sempre se dirigindo ao mistério transcendente, através das circunstâncias da sua vida verdadeira. A segunda é a **dimensão cosmológica**, a dimensão da qual a ciência se ocupa – mostrando qual é a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez, se manifesta. Hoje, tendemos a pensar que os cientistas detêm todas as respostas. Mas os maiores entre eles dizem-nos: “Não, não temos todas as respostas. Podemos dizer-lhe como a coisa funciona, mas não o que é”. Você risca um fósforo – o que é o fogo? Você pode falar de oxidação, mas isso não me dirá nada. A terceira **função é a**

sociológica – suporte e validação de determinada ordem social. E aqui os mitos variam tremendamente, de lugar para lugar. Você tem toda uma mitologia da poligamia, toda uma mitologia da monogamia. Ambas são satisfatórias. Depende de onde você estiver. Foi essa função sociológica do mito que assumiu a direção do nosso mundo – e está desatualizada. (CAMPBELL, 2005, 44/45)

De outro lado, Augusto Comte, para explicar o positivismo, o pensador formula a Lei dos Três Estados, que afirma a existência de três diferentes graus de desenvolvimento da humanidade: **Estado teológico:** O ser humano sempre precisou buscar explicações para os fenômenos que o rodeiam. No início, quando a humanidade ainda não possuía conhecimento suficiente para formular teorias respaldadas pela razão, ela buscava respostas apressadas através de teorias mitológicas, que apostavam no sobrenatural para explicar os fenômenos naturais. **Estado metafísico:** A partir do momento em que o ser humano passa a questionar a mitologia por meio do trabalho filosófico, ele entra no estado metafísico de desenvolvimento. As explicações fantasiosas fornecidas pela religião já não são mais aceitas sem questionamento, e a humanidade busca explicações racionais com base na especulação filosófica. **Estado positivo:** Nesse estado de desenvolvimento, a humanidade passa a buscar respaldo nas ciências, por meio dos métodos de observação e testes empíricos, para fundamentar o seu conhecimento. Esse é o maior desenvolvimento possível para a humanidade e ele reflete, segundo Comte, seu avanço social. (COMTE, 2005)

Em que pese num primeiro momento as propostas destes dois autores, soarem superficialmente distinta, podem ter harmonia e falar muito sobre o processo de formação do cidadão ético, uma vez que o mito em razão da sua complexidade, engloba a um só tempo estado teológico, metafísico e positivo; um exemplo desta atuação está na analogia feita por Jon Elster e o mito de Ulisses e as sereias, contada por Homero no livro XII da Odisseia. O Herói limita seu poder de deliberação futura, para evitar que, vítima de suas paixões ou fraquezas momentâneas, possa pôr em risco seu destino coletivo. No ordenamento jurídico Brasileiro este mito se amolda aos limites materiais à reforma constitucional, denomina de “cláusulas pétreas”.

É preciso algo mais, que fundamente estas leis, algo que mova os indivíduos internamente. Daí o poder dos mitos, pois o aquilo que uma pessoa crê, dará a tônica de sua vida, de modo que se o valor de uma sociedade é o dinheiro, aqueles que a compuserem tenderão a essa direção, se for fundamenta em valores morais, o mesmo

ocorre, pois este é o centro do povo, e o cultivado internamente e os demais atos serão reflexos desta crença interna. O problema deixar solto, como afirmado nos capítulos anteriores que se não há o esforço de usar a racionalidade, inteligência, intuição, como se exige numa formação que inclua mitologia, moral e ética e leis, a sociedade será movida pelas leis da matéria, atuando em função sobrevivência, segundo interesses egoístas, a fim de manter tão somente a nutrição e procriação.

Há no ancestral do homem uma herança metafísica. O Homem é metafísico por natureza, daí que tende a atribuir a todas as coisas virtudes metafísicas. O Homem é muito mais profundo do que o seu corpo, do que o seu sentido vital. O Homem recebe harmonia da sua vida interior, do seu ser interior, aquele recôndito que está mais além de todas as coisas, aquilo que é capaz de se julgar a si próprio, de retificar a sua própria vida (LIVRAGA, 2010, p. 125)

Para as sociedades tradicionais, a consciência humana é capaz de capturar e viver a sabedoria atemporal; pois as grandes respostas existem, cabendo ao homem aprender a vivê-las para converter em sabedoria, deste modo o processo de se tornar cidadão não acontece de forma espontânea, é fruto de um esforço consciente.

Nesta perspectiva, a evolução da sociedade depende da capacidade de melhorar as potencialidades e qualidades dos indivíduos até forjá-los cidadãos, capazes tomarem sua parte na responsabilidade pelo coletivo. Educar não é forçar a natureza, mas sim libertar do jugo da animalidade e das estreitezas psíquicas e espirituais que aprisionam e causam sofrimento, permitindo assim o homem floresça e conduza sua personalidade. Um bom exemplo desta forma de educar é a composição de um arranjo de flores, é preciso observar suas tendências e conduzir cada ramo, de maneira a ser disposto com maior harmonia e beleza.

Toda operação humana completa, desde a mais simples até a mais complicada, executada por um só indivíduo ou por um número qualquer, compõe-se inevitavelmente de duas partes ou, em outros termos, dá lugar a duas espécies de considerações: uma teórica, a outra prática; uma de concepção outra de execução. A primeira, sumamente necessária, precede a segunda, porque aquela está destinada a dirigir esta. Em outras palavras, nunca há ação sem especulação preliminar. Até na operação que possa parecer a mais puramente rotineira, essa análise pode ser observada, constatando-se somente a diferença que a teoria é bem ou mal concebida. O homem que pretende, em qualquer ponto que seja, não deixar dirigir seu espírito por teorias, limita-se, como é sabido, a não admitir progressos teóricos realizados por seus contemporâneos, conservando teorias antiquadas e substituídas já havia muito tempo. Assim, por exemplo, aqueles que declaram altivamente não acreditar na medicina, se entregam usualmente, com uma estúpida avidez, ao mais grosseiro charlatanismo. (COMTE, 2005, p. 34)

A moral são os valores e virtudes que permitem ascender à perfeição do bem, pois a ordem humana reflete a ordem do universo. O homem possui uma evidência interna da existência de valores, que precisam ser expressos. A ética indica a reflexão filosófica que permite definir regras de comportamento e conduta, com o objetivo de respeitar a si mesmo, o outro, a cidade e a ordem do universo e o direito positivo é aquele estabelecido por cada Estado dentro de sua jurisdição, enquanto o direito natural é o direito ideal, visto na própria natureza. Uma vez que o direito natural não está constituído pela opinião, mas pela natureza. Assim, cabe ao verdadeiro jurista captar este direito natural, ideal e positivá-lo, nesta união, direito natural seria a parte espiritual da norma e a codificação sua corporificação no ordenamento jurídico. É preciso prudência e cautela do legislador, a fim de não confundir o direito com os conceitos de justiça e de direito com definições contemporâneas, desprovidas de um lastro mais profundo; porquanto é necessário haver um fundamento universal para que as leis sejam recebidas pela sociedade, consideradas justas e aplicadas.

Um estudo mais aprofundado da sociologia nos permite identificar, isolar e estudar os pontos que afetam o comportamento humano, e desta forma contribuir para o melhor entendimento de uma norma ou mesmo para mostrar os caminhos de transformação e mudanças sociais necessárias na sociedade em que vivemos à luz das novas tendências e costumes dos seus integrantes.

A sociedade está desorganizada, tanto no aspecto espiritual como no aspecto temporal. A anarquia espiritual preceder e gerou a anarquia temporal. Ainda hoje o mal-estar social depende muito mais da primeira causa que da segunda. Por outro lado, o estudo atento da marcha da civilização prova que a reorganização espiritual da sociedade já está mais preparada do que sua reorganização temporal. Assim, a primeira série de esforços diretos para pôr fim à época revolucionária deve ter por objeto, reorganizar o poder espiritual, muito embora, até o presente, a atenção não se fixou sobre a refundição do poder temporal. Deve-se evidentemente concluir, de todas as considerações precedentes, pela absoluta necessidade de separar os trabalhos teóricos da reorganização social prescrita na época atual, dos trabalhos práticos; quer dizer, deve-se conceber e executar aqueles trabalhos que se referem ao espírito da nova ordem social, ao sistema de ideias gerais que lhe deve corresponder, separadamente daqueles que têm por objeto o sistema de relações sociais e o modo administrativo que dele deve resultar. Nada de essencial e de

sólido pode ser feito, quanto à parte prática enquanto a parte teórica não for estabelecida ou, pelo menos, muito adiantada. Proceder de outra forma seria construir sem bases, fazer passar a forma antes do fundamento; seria, numa palavra, perseverar no erro fundamental cometido pelos povos; aquele que acaba de ser apresentado como a fonte primeira de todas as suas aberrações, o obstáculo que é necessário destruir antes de tudo para o desejo de ver a sociedade reorganizada de maneira proporcional ao estado atual.

Assim, há necessidade de um conhecimento que incorpore a investigação e o desenvolvimento para produzir mudanças na realidade. A aprendizagem não deve ser sobre a ideia do estímulo resposta, mas da construção ativa do sujeito sobre o objeto da aprendizagem. Desse modo, os conteúdos não devem ser estáticos, mas devem se relacionar com procedimentos mentais que permitam atualizar os conceitos e aplicá-los à realidade.

A educação deve fazer o estudante participar ativamente da vida da sociedade e ser capaz de manejar signos, símbolos, dados, códigos, manuais, diretórios, bibliotecas e arquivos. O maior compromisso da educação deve ser o de gerar cidadãos, é preciso ampliar as disciplinas ensinadas, como filosofia, consistente num estudo de questões gerais e fundamentais sobre a existência, conhecimento, valores, razão, mente e linguagem, a fim de ampliar a consciência de mundo e das mais diversas especialidades. Integrar o humanismo tecnológico, rever o processo educação profissionalização.

Neste momento histórico, nossos docentes não estão preparados, porque não foram formados no século XXI, estamos diante de um desafio. Há que refletir acerca deste processo, precisamos encontrar respostas que nos permitam educar homem e proteger o meio ambientes, pois o desrespeito ao meio ambiente, tal como ocorre no caso de um homem que joga lixo no meio da sala de sua própria casa, é um claro sinal de que se trata de um homem ignorante e mal-educado. Urge o nascimento de um processo de educação que permita o nascimento de um ser humano novo, pois os alunos e discípulos não podem ser um escriba, cabe-lhes o protagonismo a aventura de criarem um mundo novo, onde cada um conheça-te a ti mesmo e assim, sendo o homem um microcosmo, terá sabedoria suficiente para respeitar o macro cosmo.

Cidadão mais que direitos, tem, em especial, deveres, porque ao usufruir de uma liberdade ilimitada, o homem provavelmente cairia na ausência de critérios e na vida comum, tornando –se escravo da sua própria personalidade, perdendo sua

liberdade. E justamente por ter como fim sistematizar a vida em sociedade, dando aos indivíduos maior liberdade e harmonia, para que disponha de um progresso individual, econômico, social, profissional e espiritual, os direitos humanos devem trabalhar com direitos e deveres.

Ter Dever é um direito do homem! E é uma das melhores formas de levá-lo à excelência humana, permitindo que ele conquiste a sua dignidade e saia da infância espiritual. O mundo dos Deveres é o mundo dos Adultos e aqueles que apenas lutam apenas por Direitos parecem estar mais inclinados ao mundo cor de rosa das crianças; pois quando um homem sonha ter qualquer bem material, está pedindo por DEVERES, terá que contribuir com impostos, saber manejar valores, trabalhar com os cuidados de manutenção.

Ao sonhar ter uma família, igualmente pede a honra de lhe conferirem Deveres, quer cuidar do ser amado, importar-se com do bem-estar de seu cônjuge, saber dar afeto, dialogar e se tiver filhos, educá-los, garantir sua sobrevivência física e espiritual, que embora seja um direito, é sobretudo, um DEVER a ser cumprido com amor. Igualmente, ao sonhar servir a sociedade em alguma função pública ou privada, clama por Deveres, que embora lhe outorgue direitos, para que possa exercê-las a contento, é inegavelmente um DEVER a ser cumprido com honra, pontualidade, assiduidade, urbanidade e disciplina, tendo em vista beneficiar a sociedade, sob de causar mal aos demais e tornar-se estranho à causa da humanidade.

Enfim, ao entrar em contato com o sagrado, em um templo ou no silêncio de seu coração, o que está buscando um homem em última instância, direitos ou deveres? Ao pedir por Sabedoria, Inteligência, Vontade, Paz, Amor e Mansidão, não seria justamente para vivê-las e trazer ao mundo tão carente destas virtudes. E neste ponto contrair o mais caro dos deveres, pois segundo o segundo o texto sagrado “De graça recebeste, de graça deveis dar!” (MT 10,8).

Embora direitos e deveres sejam uma face da mesma moeda, coexistindo, parece evidente ao observarmos a natureza e o mundo a nossa volta, que quanto maior e mais importante é um homem mais deveres ele tem e outras pessoas estão interligadas a ele, os direitos que lhe são dados, são tão somente os necessários para que cumpra com êxito seus deveres; beneficiando os demais, com o cumprimento de seu mister. De outro lado quando o destaque é nos direitos estamos diante de um ser infantil em idade ou em consciência, com um senso de ajuda ao próximo ainda em desenvolvimento, que poucos deveres lhe são entregues, pois não há confiança da sociedade que possam ser cumpridos.

3.3 Formação Cidadão à Maneira Clássica

Uma formação à maneira clássica seria uma formação prática e vivencial, capaz de trazer respostas aos problemas do homem e do mundo, que dá asas ao idealismo e ao sonho daqueles que, como Quixote, não se contentam com o mundo ao seu redor, mas que colocam toda a potência de seu ser para imaginá-lo e, o que é mais importante, fazê-lo melhor.

São considerados os valores atemporais àqueles que passaram pela prova do tempo. Segundo os pensadores clássicos da humanidade Sabedoria significa mais do que mero conhecimento intelectual, implica saber viver, isto é, solucionar problemas, conquistar a felicidade, compreender o sentido oculto da vida e de cada ser, inclusive de si próprio. Sócrates, Platão, Confúcio, Kant, Marco Aurélio, Sêneca, e tantos outros clássicos através de suas teorias e, sobretudo, de seus exemplos morais de vida, pois clássico não significa antigo, mas sim exemplar, consagrado, de grande valor e qualidade.

Nesse contexto, pode-se estabelecer um diálogo entre os clássicos e Marx, no que tange à percepção da incoerência do mundo manifestado, que considerando a realidade do nosso país se mostra através das estatísticas em anexo, que revelam um aumento significativo dos casos de suicídio infantil, evidenciando uma sociedade vazia de valores, que condena seus mais jovens membros a sequer despertarem a vontade de viver. O tédio, vazio dos valores humanos e sentimentos profundos torna a vida humana impossível, pois são tão necessários como a luz do sol.

Contudo, Marx, conceituado como materialista, propõem como solução às desigualdades sociais, corrupção e desvalorização dos trabalhadores, uma sociedade comunista, onde todos terão os mesmos recursos materiais, uma vez que entende que a forma pela qual os homens ganham sua vida, o modo de produção e troca, é a base de toda a sociedade.

Marx assim o afirma: “Meus estudos levaram-me à conclusão de que as relações legais, bem como as foras de Estado, não podiam ser compreendidas em si, nem explicadas pelo chamado progresso geral do espírito humano, e sim que estão enraizadas nas condições materiais da vida...na produção social que os homens realizam, entram em relações definidas... Essas relações de produção correspondem a um determinado estágio no desenvolvimento de sua capacidade material de produção. A soma total dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade – a base real, sobre a qual se levantam as superestruturas jurídica e política, e a que correspondem formas definidas de consciência

social. O modo de produção na vida material determina o caráter geral dos processos de vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas sim o contrário, é sua existência social que determina sua consciência” (HUBERMAN, 2020, p.180)

Neste trabalho, pela investigação realizada, a formação à maneira clássica apresenta uma outra solução, fundamentada na transmutação da valorização os valores materiais para espirituais, isto é, desenvolvimento dos valores éticos, estéticos e místicos.

A formação à maneira clássica visa respeitar as individualidades, tendo a educação o papel de aperfeiçoá-las, mas sem massificar, nem aniquilar, de modo que cada um possa cultivar de modo consciente o que há de melhor em seu ser e colocá-lo a serviço da comunidade. Tantos Marx, como Marco Aurélio percebem que não basta boa intenção, é necessário eficácia, mas o primeiro defende que devemos mudar fora e o segundo reputa necessário primeiro uma mudança interna, de valores, que à medida que alcance mais pessoas, terá um reflexo social.

Ora um castelo de pedra, requer sua matéria-prima em abundância para ser erguido, parece racional que para termos uma sociedade justa e fraterna, é preciso formar homens com tais virtudes e formar não é informar, criar cultura, cultivar homens assim, através da educação prática, por isso uma educação à maneira clássica, através da qual seja possível cotidianamente ensinar o valor de se optar pelas atitudes praticados por virtudes e não pelos vícios. Pensar diferente, lembra a imagem de um homem, que querendo melhorar sua imagem refletida no espelho, busque alterar a imagem refletida e não o rosto real.

Marco Aurélio, em sua obra: *Meditações*, Livro III, reflete:

(...) Com efeito, nada produz tanta elevação de sentimentos da alma quanto ser capaz de distinguir com método e verdade cada objeto que se mostra na vida, e sempre contemplar esse objeto que se nos apresenta com o propósito simultâneo de ver qual a função dele e para qual universo, e qual valor tem no que diz respeito ao conjunto e no que diz respeito ao ser humano, o qual é cidadão da mais elevada das cidades-estados, da qual as demais são como casas; é igualmente indispensável investigar o que é esse objeto, do que é composto, quanto tempo durará naturalmente, ele que produz agora em mim essa ideia; ademais, qual a virtude de que necessito do ponto de vista dele, por exemplo: brandura, coragem, franqueza, fé, simplicidade, autossuficiência, e assim por diante. Eis a razão de ser preciso dizer em toda ocasião: isso provém do deus; isso se deve ao encontro ditado pela sorte, ao encontro determinado pela trama dos acontecimentos, ao encontro produzido pelo resultado destes e, inclusive, ao acaso; provém do membro da mesma raça, do membro da mesma família e do partícipe da mesma comunidade, ainda que, entretanto, em sua ignorância de que é de acordo com a natureza. Eu, porém, não o ignoro,

sendo essa a razão de me comportar em relação a ele conforme a lei natural da comunidade, de modo benevolente e justo. Todavia, visto ao mesmo tempo, no que diz respeito às coisas em relação às quais me mantenho neutro e que me são indiferentes, aquele valor que lhes cabe. (AURÉLIO, 2019, p. 38/39)

A sabedoria, para ser real, tem que ser algo mais do que uma amálgama de conhecimentos ou teorias espezinhadas. É preciso exercitar a faculdade humana de possuir uma consciência esférica que possa abarcar tudo o que for possível e ainda tente vislumbrar o impossível. O buscador da sabedoria é aquele que ama a verdade e que se atreve a todas as coisas, já que sua disciplina interior não tem de enredar-se com os cordéis frouxos da ignorância e da fantasia. (LIVRAGA, 2010)

Uma ciência, uma arte, uma filosofia que não tem sentido humanista, que não tem um sentido histórico, que não se baseia no amor à humanidade, nem na busca profunda de valores humanos; não é ciência, não é filosofia nem tampouco é arte. Necessitamos nos guiar por leis, por algo que esteja mais além do material, ou seja, pelo espírito que abarca tudo e chega a tudo. Mais do que lutar pelas etiquetas ou pelas aparências, há que lutar pelo renascimento interior do homem. Um homem sem vida espiritual não vive, um homem sem vida interior seca. A vida espiritual é a força de todas as coisas. (LIVRAGA, 2010)

Sócrates diz que a sabedoria é a única moeda verdadeira pela qual todas as coisas deveriam ser trocadas. Sabedoria significava, antigamente, o verdadeiro pensar, não meramente com relação a determinados assuntos abstraídos da vida, porém com relação a tudo que pertence à vida da pessoa. Antigamente a palavra “Filosofia” era usada para abranger a ciência, e assim implicava a necessidade de uma abordagem científica em todos os assuntos. Não havia uma ciência separada, no sentido moderno deste termo. Até mesmo nos primórdios deste século, a ciência foi mencionada em vários livros como “Filosofia Natural”. (SRI RAM, 2018)

A verdadeira sabedoria não apenas abrange a maneira de pensar e de agir da pessoa, mas também se preocupa com as relações entre as pessoas e com o ordenamento da sociedade. Esta observação surge em um dos Diálogos: o filósofo tenta estruturar o Estado, seguindo o padrão celestial. Mas então é necessário ter-se uma ideia do que seja o padrão celestial. Há também esta declaração análoga em que o filósofo convida o homem a viver de acordo com a natureza. Isto refere-se àquela natureza fundamental, que é a natureza na sua pureza, naquele aspecto em que se encontra o reflexo do pensamento divino. Este filósofo está orientado na

direção da verdade sob as aparências, que não se preocupa com as coisas que as pessoas comumente desejam e anseiam. (SRI RAM, 2018, p.18/19)

Quando vivemos uma vida de verdade, começamos a amar o próprio sentimento de sermos verdadeiros, e toda a natureza assume uma forma que se harmoniza com a verdadeira natureza das coisas. O mero conhecimento não criará esta harmonia. O amor pelo conhecimento não é o mesmo que o amor pela verdade, sem a qual não há possibilidade de sabedoria. Esta é a era da propaganda para diferentes finalidades. A tentativa da propaganda é sempre a de construir uma imagem atraente. A palavra "imagem" está muito em voga atualmente, porque as pessoas se preocupam não com a verdade, mas com o êxito e a imagem está sendo apresentada. Existe uma tentativa para criar uma imagem da própria pessoa ou de outros, seja como presidente, líder, instrutor religioso, candidato, etc. Também é criada uma imagem dos produtos para que as pessoas os adquiram. Todos os especialistas em publicidade buscam criar nas mentes dos leitores de jornais e revistas, ou através de televisão e cartazes, uma imagem que fará com que as pessoas se deixem levar pelos objetos que estão sendo anunciados. Mas a imagem é apenas um fantasma, uma aparência, e a menos que ela reflita o que realmente é, a atração criada será uma atração falsa. (SRI RAM, 2018, p.27/28)

Se a humanidade, ou qualquer parte dela, tiver de progredir em qualquer medida real, isso apenas poderá ser feito por uma mudança verdadeira, através de forças que geram melhorias nas mentes das pessoas, nos seus gostos, nas suas visões, valores e comportamentos, e não através da criação de ilusões prazerosas e atribuições de virtudes imaginárias a homens ou objetos, seja para lucro, para fins tirânicos ou de glória. Criar impressões que não correspondem à verdade deixam as coisas como estão e dão origem a ações da parte da própria pessoa e da de outros que positivamente impossibilitam qualquer real mudança para melhor. Qualquer glorificação, que não se origine de um sentimento real pela pessoa e apreço pelas suas qualidades, é apenas um truque, e produz um hipnotismo de massa, como foi o caso da Rússia, na Alemanha e outros lugares. A bolha, por mais colorida que ela possa afigurar-se em determinada ocasião, eventualmente terá que romper-se e depois haverá desilusão e uma forte reação àquilo que se realizou anteriormente. (SRI RAM, 2018)

Ética é a ciência que busca harmonizar o ser humano para que brotem dele as fontes do bem e da justiça. É o elo que une os sentimentos com a ação, buscando incansavelmente a essência das coisas. Assim como na ética o importante é a harmonização interior, na política o governante será o encarregado de harmonizar a coletividade e de dirigi-la, já que previamente se harmonizou. Política, segundo entendia Confúcio, é a ciência e a arte de conduzir, educar e

harmonizar os povos, elevando-os, não arrastando-os, desde seus fundamentos físicos e biológicos até os cumes da realização emocional, mental e espiritual. (CONFÚCIO, 2012)

Confúcio propõe o governo dirigido pelo mais capaz, pelo mais apto, pelo mais virtuoso, pelo Homem JU, que é aquele que sabe dirigir o seu povo escolhendo os meios e momentos mais oportunos, o que desperta em seus dirigidos o sentido da virtude acrescentando a autoconsciência. “Se guias o povo com medidas governamentais, e se o regulamentas pela ameaça do castigo, esse povo procurará evitar o cárcere, porém carecerá do sentido de honra. Guia o povo pela virtude e regulamenta-o pelo LI, e o povo terá sentido de honra e de respeito.” (CONFÚCIO, 2012)

A palavra LI refere-se a uma forma filosófica de governo e também uma forma de ritual, dado que o governo e ritual coincidem quando tratam de colocar cada coisa no seu devido lugar. Li é a plasmacão na Terra de uma ordem superior celeste. No aspecto ética, LI é discernimento. O rito nos une à natureza, a sua harmonia e ordem. Outorga consciência e fomenta a verdadeira convivência. Para cada situação na vida há uma maneira atuar, pela qual o interior do ser humano se expressa em harmonia com a natureza e o universo. Nas relações humanas, o rito se expressa na cortesia, que é o primeiro passo para a verdadeira convivência. Deve existir beleza e harmonia nas formas e nas relações e preparar a consciência para cada coisa que vivemos, e que o espírito possa expressar-se. (CONFÚCIO, 2012)

Sócrates exorta seus amigos a adquirirem virtudes e sabedoria nesta vida. O momento de sua morte estava se aproximando, mas ele continuava a falar de maneira natural e fácil como o fizera em qualquer outro dia de sua vida. Disse ele: “O filósofo autêntico é aquele cuja mente está direcionada para a verdade e a virtude.” A palavra “filósofo”, bem como a palavra “filosofia”, tornaram-se bastante modificadas em seu significado desde aqueles dias. Atualmente, achamos um filósofo é uma pessoa que analisa e argumenta extensamente, e, às vezes, infinitamente, a sua tese específica; a vida que ele leva nada tem a ver com a sua habilidade e atividade intelectual; mas não era esta visão de então. No significado literal da palavra, filosofia é amor à verdade, e amor sempre implica ação. A verdade, se sua natureza for tal que evoque o amor, terá de produzir uma mudança importante na pessoa, voltando seu interesse das coisas dos sentidos, que são efêmeras, constituindo nada mais senão gozo e prazer, para as coisas nobres e autênticas. (SRI RAM, 2018, p. 106/107)

Para Lao-Tsé, o mundo era um meio para provar aos homens a fragilidade dos sistemas e valores fundamentais na matéria, já que tudo se dissolve em uma

causa final, insubstancial e etérea, que escapa à compreensão mental corrente. Confúcio, sem deixar de perceber esta verdade última, confiava na formação do homem neste mundo, através da organização, da ordem, da ética, da política, da virtude. A lição central do Confucionismo é que o homem espiritual não precisa chegar necessariamente à uma vida ascética, mas sim à união com superior que pode ser atingida e mantida em meio à vida terrena, já que os obstáculos para essa união não se acham fora, mas dentro de nós. Outro ponto básico de sua doutrina é o humanismo, ou seja, o Homem como medida do homem. Somente por meio do aperfeiçoamento do homem se pode chegar à captação do divino, já que o reino de Deus está dentro da consciência humana, ainda que adormecido e esquecido a maioria das vezes. (CONFÚCIO, 2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antiguidade clássica define o homem como pontífice entre as virtudes, do mundo inteligível e o mundo concreto, moldável, sensível, onde as transformações acontecem a partir da atuação de sua força de vontade. A visão do arquétipo humano, tal como a visão de uma estrela ou um farol, ilumina, traz um sentido claro, para que independente das peculiaridades próprias de cada personalidade e cultura, a formação humana seja priorizada e as virtudes vividas cada um ao seu modo, respeitadas particularidades, limitações, estarem a serviço do desenvolvimento do indivíduo integral e do conjunto social.

E assim, o papel dos mitos, ritos de poder e símbolos revelam-se necessários e geniais, para garantir que a referência jamais fosse perdida, ao contrário, por estar num plano metafísico, apresentava sempre um desafio, e uma possibilidade constante de aperfeiçoamento, uma busca pela Areté, excelência por toda à vida, feita não por condicionamento, ou por interesses materiais, mas porque representava a identidade do Homem, ser bom, verdadeiro, belo e justo.

Ao refletirmos sobre estes temas e observando o desmantelamento social, psicológico e espiritual do momento contemporâneo, marcado por altas taxas de suicídio, retratado o anexo B, inclusive entre crianças, já sem sentido de vida, há algo a perguntar: Qual a causa de tantos males e desigualdades sociais? Seria mesmo a falta de recursos? De legislações? Ou de pessoas tecnicamente aptas para governar? Ou porque falta o essencial o Homem bom, justo, belo e verdadeiro, por viver verdadeiramente, e sem segundas intenções, sua natureza humana, inspirado nos arquétipos, nas forças espirituais e divinas.

Quem pode ser o pastor de ovelhas? Uma ovelha mais esperta que as outras, que lutam por interesses das partes, ou quem acima das partes, intenta conduzir o todo à sua melhor expressão da humanidade, no sentido grego, chegar a expressar a Areté.

Se tirássemos de cena, o egoísmo, a corrupção, a indiferença e trouxéssemos ao teatro da vida a bondade, integridade e solidariedade, seria possível uma nova vida social, tendo em conta mantermos a mesma base; seria possível melhorar a convivência, a distribuição social, as oportunidades de trabalho, o tratamento respeitoso entre o ser humano, independente de suas preferências e características personalíssimas, por estar em contato por um ponto acima, ligado através de valores humano.

Este trabalho chega as estas considerações, a importância do diálogo entre os antigos e os novos, não para mudar nossas formas, próprias deste momento atual, mas para rever o sentido pelo praticamos nossas atividades cotidianas. Para se aferir se está correto defender através da política valores próprios ou de classes, esquecendo-se da luta pela Humanidade.

Caso se constante, como Bauman, que o homem perdeu suas raízes, tornando-se escravo de seus desejos, um consumidor preso ora aos seus condicionamentos, ora às suas dívidas, como um escravo, que em verdade, em pior condição do que um escravo, pois ao estar alienado de sim mesmo, ainda se acha livre e participante da vida política do Estado por expressar sua opinião, há poucas esperanças de mudanças, pois não há uma estrela, uma caminho a ser percorrido, está se preso em um *lupe* hipnótico, que tentas pela força dos vícios, sempre repetir.

Odres velhos para vinhos novos, assim, ao entrar em contato com estas ideias, abre-se a esperança de viver o melhor que se pode, considerando os progressos tecnológicos, meios de comunicação, recursos para saúde e produção de alimentos, organização das ciências políticas, mas sem prescindir do Homem, essa força vital capaz de ser ponte entre o mundo divino (fonte das virtudes) e o mundo material (aplicação das virtudes); afinal, discursos e conhecimentos intelectuais não tem força de transformação; o que tem poder de mudar o mundo para melhor é a Ação virtuosa; pois uma Ação sem propósito claro, inconsciente, não pode conduzir para o crescimento humanos consistentes, pois trabalha para interesses ocultos, utilizando à força das pessoas para disseminar seus próprios interesses pessoais e não universais.

Se tirássemos de cena, o egoísmo, a corrupção, a indiferença e trouxéssemos ao teatro da vida a bondade, integridade e solidariedade, seria possível uma nova vida social, tendo em conta mantermos a mesma base; seria possível melhorar a convivência, a distribuição social, as oportunidades de trabalho, o tratamento respeitoso entre o ser humano, independente de suas preferências e características personalíssimas, por estar em contato por um ponto acima, ligado através de valores humanos.

Este trabalho chega as estas considerações, a importância do diálogo entre os antigos e os novos, não para mudar nossas formas, próprias deste momento atual, mas para rever o sentido. Para se aferir se está correto defender através da política valores próprios ou de classes, esquecendo-se da luta pela Humanidade.

Caso se constante, como Bauman, que o homem perdeu suas raízes, tornando-se escravo de seus desejos, um consumidor preso ora aos seus condicionamentos, ora às suas dívidas, como um escravo, que em verdade, em pior condição do que um escravo, pois ao estar alienado de sim mesmo, ainda se acha livre e participante da vida política do Estado por expressar sua opinião, há poucas esperanças de mudanças, pois não há uma estrela, uma caminho a ser percorrido, está se preso em um *lupe* hipnótico, que tentas pela força dos vícios, sempre repetir.

Odres velhos para vinhos novos, assim, ao entrar em contato com estas ideias, abre-se a esperança de viver o melhor que se pode, considerando os progressos tecnológicos, meios de comunicação, recursos para saúde e produção de alimentos, organização das ciências políticas, mas sem prescindir do Homem, essa força vital capaz de ser ponte entre o mundo divino (fonte das virtudes) e o mundo material (aplicação das virtudes); afinal, discursos e conhecimentos intelectuais não tem força de transformação; o que tem poder de mudar o mundo para melhor é a Ação virtuosa; pois uma Ação sem propósito claro, inconsciente, não pode conduzir para o crescimento humanos consistentes, pois trabalha para interesses ocultos, utilizando à força das pessoas para disseminar seus próprios interesses pessoais e não universais.

Trata-se de uma forma de ver a vida diametralmente diferente àquele ensinada pelo mundo contemporâneo, posto que na antiguidade o valor do coletivo sobre o particular é a marca da cidadania, no qual homens e mulheres demonstravam felicidade e honra em servir ao Estado. “O sentido do dever é, nos poemas homéricos, uma característica essencial da nobreza, que se orgulha por lhe ser imposta medida exigente. A força educadora da nobreza reside no fato de despertar o sentimento do dever em face do ideal” (JAEGER. 1994. p. 28.). Sob estes pilares a antiguidade construiu cidadãos virtuosos, que estavam segundo as obras clássicas, interessados no conhecimento vivo, capaz de educar homens para a vida e para lograrem força não só física e intelectual, mas também espiritual, cujo legado revelaram povos que sustentaram várias formas de governo como aristocracia, monarquias, impérios, oligarquias e repúblicas e passaram seus legados cultural ao novo mundo, através de obras memoráveis que têm sido guardadas como tesouros da humanidade.

Somos herdeiros de uma grande um legado cultural. Mas desconhecido. Perambulando como órfãos, deixamos de ter como exemplo os heróis, para idolatrar os mais "ousados" engraçados e sem escrúpulos. E chamamos isso liberdade. Nunca estivemos tão escravos das nossas paixões e instintos.

Uma sociedade que médicos flagrados praticando estupros no próprio trabalho. Foi dada formação técnica, mas não humana. Paideia fala da necessidade de primeiro formar o homem e depois o profissional. Surge a necessidade de voltar para o Humanismo.

Segundo os textos de BAUMAN – CAMPBELL-ÉLIADÉ – DURAND – SCHWARZ – LIVRAGA, no momento impera o materialismo, consumismo, individualidade. Do ponto de vista clássico, isto não é Estado, pois nossos dirigentes não preocupados com o todo, Educação, Justiça, evolução do indivíduo, da cultura e da Alma Humana.

Há preocupação apenas em garantir a sobrevivência, exploração e exploração do consumo. Trabalha-se com seu projeto de poder e na defesa de alguns interesses da ciência, política, religião e arte financiados, conforme melhor lobby ou pagamento, não porque é o melhor para a sociedade.

Não é para voltar ao passado, de forma rígida ou crítica, mas sim de uma capacidade de contemplar nossas origens e de observar o que falta no momento atual, seria tecnologia, recursos, leis, capacidade técnica, cargos ou falta Homens que se autogovernem, que manejam com excelência a razão e o coração. Em que momento nossa humanidade escreveu tratados sobre estes temas, teve tempo para refletir acerca do essencial, sobre os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações ao longo dos séculos.

Há que fazer esta volta ao essencial, Revolução: Despertar consciente para aos valores éticos e morais da antiguidade clássica para formação do cidadão, pois seguramente, ensinar técnicas e formas de melhor competir nas faculdades, sem garantir uma formação humana e querer colher bons profissionais, capazes de resolverem demandas sociais, sem primeiro trazer à cena o mais extinto de todos os seres da terra, neste momento, o Humano, o único capaz de cultivar os valores perenes: amizade - amor - justiça- bondade- beleza-nobreza - inteligência- coragem- prudência- num mundo de hoje. Estamos à espera de um milagre?!

Esta dissertação se propõe a construir uma ponte que nos permita acessar este conhecimento e resgatar valores, para permitir refletir sobre a viabilidade e a possibilidade de vivê-los no mundo de agora, tecnológico, modernos. Como será a pós-modernidade? Podemos construir uma sociedade de cidadão éticos, mais justa solidária, mas precisaremos de matéria prima: Homens tijolos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília: UNB, 1997
- AURÉLIO, Marco. **Meditações**. São Paulo: Edipro, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2001.
- _____. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1998.
- BERNANOS, Georges. **É Realizações**: 2020. Ciências Humanas e Sociais.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Curso de filosofia do direito**. São Paulo: Atlas, 2011.
- BRASIL. **Constituição (1988)**.1 de jun. de 2021
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde**. Bol Epidemiol. Volume 52/Set. 2021.
- CAMPBELL Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990
- _____. **As Transformações do Mito através do Tempo**. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Da República**. São Paulo: Edipro, 2011.
- AIDAR, LAURA. COLEÇÃO FOLHA - Grandes Mestres da Pintura - Arte-educadora, fotógrafa e artista visual - Disponível em: - <https://www.todamateria.com.br/a-criacao-de-adao-michelangelo> -. Acesso em: 10 jan. 2023
- COMTE, Augusto. Reorganizar a Sociedade. São Paulo: Escala, 2005.
- CONFÚCIO. Os Analectos. São Paulo: Unesp, 2012.
- CORBIN, Henry. Philosophie Iranienn et philosophie comparée. França: Buchet-Chastel, 1977.
- DOZENA, Alessandro; DANTAS, Eugênia Maria. Espaço-tempo: **Enredos entre Geografia e História** [recurso eletrônico]. Natal: EDUFRN, 2016.
- DURKHEIM. **As formas elementares da vida religiosa**: O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes2003.
- DURAND. Gilbert. Science de l' Homme et Tradition. Berg International – 1979 – pág. 183.
- ÉLIADE, Mircea. **La nostalgie des origines**. Paris. Gallimard. 1971.

ÉLIADE, Mircéa. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

ESTADÃO. Estado da Arte. Revista de cultura, artes e ideias. Entrevista Michel Maffesoli, 07/07/2020.

EPICTETO. **A Arte de Viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **O Pequeno Príncipe**. França: Miguilim, 2015.

FABRE—D'OLIVET, ANTOINE. **Os versos dourados de Pitágoras**. São Paulo: Edipro, 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FRIEDE, Reis. **As vertentes do Jusnaturalismo e a atualidade temática do Direito Natural**. Revista da Faculdade de Direito da UFRGS, Porto Alegre, n. 40, p. 44-60, ago. 2019.

GOV.BR. Ministério da Educação. **Ciências Humanas e Sociais aplicadas**. Publicado em 29/06/2021 15h40. Atualizado em 12/07/2021 10h36

HABERMAS. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

HUBERMAN. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro, LTC, 2020.

ÍNDICE DE PERCEPÇÃO DA CORRUPÇÃO 2021 (cpi2021. www.Trasparencialinternacional.org.br/ipc)

JAEGER, WERNER. Paidéia – a Formação do Homem Grego. Martins Fontes, 1994.

LACROIX, Jean-Yves. **A Utopia. Um convite à Filosofia**. Zahar, 1996

Lima, Melina Silva de. **Einstein e a Teoria da Relatividade Especial**: uma abordagem histórica e introdutória. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Física, 2013

LIVRAGA, Jorge Angel; GUZMÁN, Delia Steinberg; AGUILAR, Alfredo. **Caderno de estudos sobre o Renascimento**. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2019.

_____ **Os Grandes Mitos do Século XX**. Lisboa: Nova Acrópole, 1992

_____. **Pensamentos para um mundo novo**. Brasília: Nova Acrópole, 2009.

_____ **Reflexões de um Filósofo**. Lisboa: Nova Acrópole, 2010.

MAFFESOLI, M.; PORTO, C. L. **A era das sublevações populares chegou**. Uberlândia: Fênix, 2020

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista, 1848**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MENDES, Norma Musco e OTERO, Uiara Barro. **Religiões e as questões de cultura, identidade e poder no Império Romano**. Rio de Janeiro: Phoinix, 2005.

N. SRI RAM. **Em Busca da Sabedoria**, 3ª ed. Brasília: Editora Teosófica, 2018.

PANCINI, Laura. **Exame**. 2021.

PLATÃO. **A República**. São Paulo. Edipro, 2019.

PORFÍRIO, Francisco. "**Para que serve a sociologia?**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sociologia2.htm>. Acesso em 22 de agosto de 2022.

REALE, Miguel. **Lições preliminares de direito**, 26 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____. **Filosofia do direito**, 19 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

RITZER, George. **Teoria Sociológica Contemporânea**. México: Cultura Libre, 1997.

RIVES, J. **Religion in the Roman World**. London: Routledge, 2000.

RUIZ, Jorge e outros. **Los Motores Ocultos del Renacimiento**. Madrid: Editorial N.A, 2005.

RYKWERT, Joseph. **A ideia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SCHENBERG, Mário. **Entre-vistas**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

SENETTI, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, Gilvan Ventura da; e MENDES, Norma Musco. **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: EDUFES, 2006

SISSA, Giulia, DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Josias Jacintho. **Separação entre religião e Estado no Brasil: utopia constitucional?** Dissertação de Mestrado em Direito. Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo: 2009.

SOURVINOU-INWOOD, Christianne. **Qu'est-ce que la religion de la polis?** In: MURRAY, O. e PRICE, S. *La cité grecque d'Homère à Alexandre*. Paris: La Découverte, 1992, p. 335-366.

SCHWARZ, Fernando. **O Sagrado e o Profano. A crise simbólica do mundo atual**. Coleção Tesouros do Mundo Antigo. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 2017.

_____. **A Tradição e as Vias do Conhecimento**. Belo Horizonte: Nova Acrópole, 1979

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. *A educação do homem segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 1999.

TUCCI, Giuseppe. **Théorie et pratique du mandala**. França: Fayard, 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VERGELY, Bertrand, **Dictionnaire de la philosophie**, Ed. Milan, Toulouse, 2004.

VERGETTI, Mario. **O homem e os deuses**. In: VERNANT, J.P. *O homem grego*. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 231-253.

VERNANT, Jean-. Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**; GERTH, H. H.; MILSS, C. W. (orgs). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

ANEXOS

ANEXO A – Níveis de Corrupção nos Países

TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL

180 PAÍSES. 180 PONTUAÇÕES.

COMO SE SAIU O SEU PAÍS?

Níveis de percepção da corrupção no setor público de 180 países/territórios em todo o mundo.



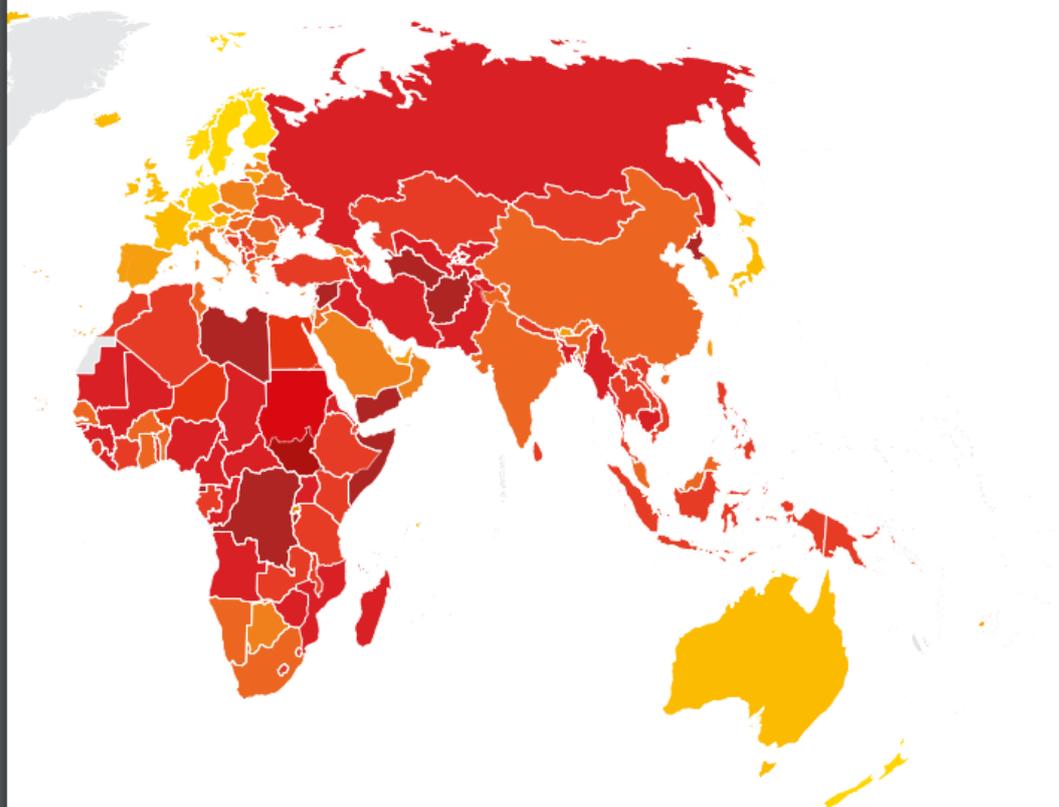
PONTUAÇÃO	PAÍS/TERRITÓRIO
88	Dinamarca
88	Finlândia
88	Nova Zelândia
85	Noruega
85	Singapura
85	Suécia
84	Suíça
82	Holanda
81	Luxemburgo
80	Alemanha
78	Reino Unido
76	Hong Kong
74	Canadá
74	Islândia
74	Irlanda
74	Estônia
74	Áustria
73	Austrália
73	Bélgica
73	Japão
73	Uruguai
71	França
70	Seicheles

69	Emirados Árabes Unidos
68	Butão
68	Taiwan
67	Chile
67	Estados Unidos da América
65	Barbados
64	Bahamas
63	Catar
62	Coreia do Sul
62	Portugal
61	Lituânia
61	Espanha
59	Israel
59	Letônia
59	São Vicente e Granadinas
58	Costa Rica
57	Eslovênia
56	Itália
56	Polónia
56	Santa Lúcia
55	Botsuana
55	Dominica

55	Fiji
55	Geórgia
54	República Tcheca
54	Malta
54	Maurício
53	Granada
53	Chipre
53	Ruanda
53	Arábia Saudita
52	Omã
52	Eslováquia
49	Armênia
49	Grécia
49	Jordânia
49	Namíbia
48	Malásia
47	Croácia
46	Cuba
46	Montenegro
45	China
45	Romênia
45	São Tomé e Príncipe
45	Vanuatu

44	Jamaica
44	África do Sul
44	Tunísia
43	Gana
43	Hungria
43	Kuwait
43	Senegal
43	Ilhas Salomão
42	Bahrein
42	Benim
42	Burkina Faso
42	Bulgária
41	Timor-Leste
41	Bielorrússia
41	Trindade e Tobago
40	Maldivas
39	Kosovo
39	Colômbia
39	Etiópia
39	Guiana
39	Marrocos
39	Macedônia
39	Suriname

ÍNDICE DE PERCEÇÃO DA CORRUPÇÃO 2021



39	Tanzânia
39	Vietnã
38	Argentina
38	Brasil
38	Indonésia
38	Lesoto
38	Sérvia
38	Turquia
37	Gâmbia
37	Cazaquistão
37	Sri Lanka
36	Costa do Marfim
36	Equador
36	Moldávia
36	Panamá
36	Peru
35	Albânia
35	Bósnia e Herzegovina
35	Malauí
35	Mongólia
35	Tailândia
34	El Salvador
34	Serra Leoa
33	Egito
33	Nepal
33	Filipinas
33	Zâmbia
33	Argélia
32	Suazilândia
32	Ucrânia
31	Gabão
31	México
31	Níger
31	Papua Nova Guiné
30	Azerbaijão
30	Bolívia
30	Djibuti
30	República Dominicana
30	Laos
30	Paraguai
30	Togo
30	Quênia
29	Angola
29	Libéria
29	Mali
29	Rússia
28	Mauritânia
28	Myanmar
28	Paquistão
28	Uzbequistão
27	Camarões
27	Quirguistão
27	Uganda
26	Bangladesh
26	Madagascar
26	Moçambique
25	Guatemala
25	Guiné
25	Irã
25	Tajiquistão
24	Líbano
24	Nigéria
24	República Centro-Africana
23	Camboja
23	Honduras
23	Iraque
23	Iraque
23	Zimbábue
22	Eritreia
21	Congo
21	Guiné-Bissau
20	Chade
20	Comores
20	Haiti
20	Nicarágua
20	Sudão
19	Burundi
19	República Democrática do Congo
19	Turcomenistão
17	Guiné Equatorial
17	Líbia
16	Afganistão
16	Coreia do Norte
16	Iêmen
14	Venezuela
13	Somália
13	Síria
11	Sudão do Sul

ANEXO B – Gráfico Índice de Suicídio no Brasil

Boletim Epidemiológico

33

Secretaria de Vigilância em Saúde | Ministério da Saúde

Volume 52 | Set. 2021

Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil

Coordenação-Geral de Doenças e Agravos Não Transmissíveis do Departamento de Análise em Saúde e Vigilância das Doenças Não Transmissíveis da Secretaria de Vigilância em Saúde (CGDANT/DASNT/SVS/MS); Coordenação-Geral de Saúde Mental Álcool e outras Drogas do Departamento de Ações Programáticas Estratégicas da Secretaria de Atenção Primária à Saúde (CGMAD/DAPE/SAPS/MS); Coordenação de Saúde do Homem do Departamento de Ações Programáticas Estratégicas (COSAH/DAPE/SAPS/MS); Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).*

Sumário

- 1 Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil

Ministério da Saúde
Secretaria de Vigilância em Saúde
SRTVN Quadra 701, Via W5 – Lote D,
Edifício PO700, 7º andar
CEP: 70.719-040 – Brasília/DF
E-mail: svvs@saude.gov.br
Site: www.saude.gov.br/svs

Versão 1
17 de setembro de 2021

Introdução

O suicídio é um importante problema de saúde pública, com impactos na sociedade como um todo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que no mundo, mais de 700 mil pessoas morrem por suicídio anualmente, sendo a quarta maior causa de mortes de jovens de 15 a 29 anos de idade.¹

Trata-se de um fenômeno complexo e multicausal, de impacto individual e coletivo, que pode afetar indivíduos de diferentes origens, sexos, culturas, classes sociais e idades. Relaciona-se etiologicamente com uma gama de fatores, que vão desde os de natureza sociológica, econômica, política, cultural, passando pelos psicológicos e psicopatológicos, até biológicos.¹ A imensa maioria das pessoas que tenta ou comete suicídio é acometida por algum transtorno mental, sendo o mais comum a depressão.

Apesar da complexidade de sua determinação, o suicídio pode ser prevenido com intervenções individuais e coletivas de diagnóstico, atenção, tratamento e prevenção a transtornos mentais, ações de conscientização, promoção de apoio socioemocional, limitação de acesso a meios, entre outras.^{1,2}

Conhecer e estudar o fenômeno é importante para a elaboração de políticas públicas que permitam o correto enfrentamento do problema e da sua prevenção. Nesse sentido, esse boletim objetivou apresentar a evolução da mortalidade por suicídio nos últimos 10 anos e o atual perfil epidemiológico das lesões autoprovocadas no Brasil.

Métodos

Foi realizado um estudo descritivo com base nos dados de óbitos por suicídio registrados no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), entre 2010 a 2019, e de notificações de violências autoprovocadas registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), em 2019.

Para o cálculo das taxas de suicídio, foram considerados óbitos cuja causa básica foi classificada com os códigos X60-X84 (lesões autoprovocadas intencionalmente) e Y87.0 (sequelas de lesões autoprovocadas intencionalmente), da Classificação Internacional de Doenças, 10ª revisão (CID-10), excluídos menores de 5 anos de idade. Foram calculadas taxas de mortalidade específicas e ajustadas por idade, por ano, segundo sexo e por regiões e unidades da Federação (UF). As taxas de mortalidade foram calculadas com base nas projeções populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), tendo como população padrão estrutura etária da projeção populacional para o ano de 2010.

Para analisar o perfil das notificações de violências autoprovocadas, foram selecionadas notificações cujo campo 54 (A lesão foi autoprovocada?), foi preenchido com 'Sim' e o campo 61 (Vínculo/grau de parentesco com a pessoa atendida) foi preenchido como 'Própria

pessoa'. Foi realizada análise descritiva dos casos de violência autoprovocada segundo UF de ocorrência, sexo, faixa etária, raça/cor, meio utilizado para o ato e local de ocorrência.

Resultados

Entre 2010 e 2019, ocorreram no Brasil 112.230 mortes por suicídio, com um aumento de 43% no número anual de mortes, de 9.454 em 2010, para 13.523 em 2019. Análise das taxas de mortalidade ajustadas no período demonstrou aumento do risco de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil. Neste mesmo período, estima-se que a população brasileira tenha crescido de 190.732.694 para 210.147.125, resultando em crescimento de 10,17%. A taxa nacional em 2019 foi de 6,6 por 100 mil habitantes. Destacam-se as Regiões Sul e Centro-Oeste, com as maiores taxas de suicídio entre as regiões brasileiras (Figura 1).

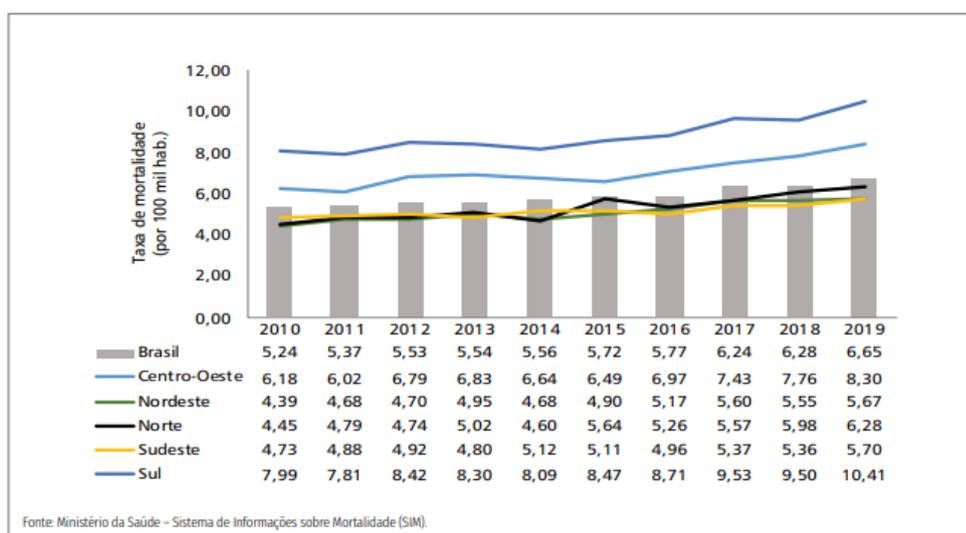


FIGURA 1 Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo região. Brasil, 2010 a 2019

Boletim Epidemiológico
ISSN 9352-7864

©1969. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Editores responsáveis:

Arnaldo Correia de Medeiros, Breno Leite Soares, Cássia de Fátima Rangel Fernandes, Daniela Buosi Rohlf, Gerson Pereira, Giovanny Vinícius Araújo de França (SVS)

Produção:

Área editorial GAB/SVS

Revisão:

Samantha Nascimento (Área editorial GAB/SVS)

Projeto gráfico/diagramação:

Fred Lobo, Sabrina Lopes (Área editorial GAB/SVS)



Ministério da
Saúde

Governo
Federal

Homens apresentaram um risco 3,8 vezes maior de morte por suicídio que mulheres. Entre homens, a taxa de mortalidade por suicídio em 2019 foi de 10,7 por 100 mil, enquanto entre mulheres esse valor foi de 2,9. Ao analisar a evolução da mortalidade por suicídio segundo

sexo, observou-se aumento das taxas para ambos os sexos, com manutenção da razão de taxas entre os sexos no período. Comparando os anos de 2010 e 2019, verificou-se um aumento de 29% nas taxas de suicídios de mulheres, e 26% das taxas entre homens (Figura 2).

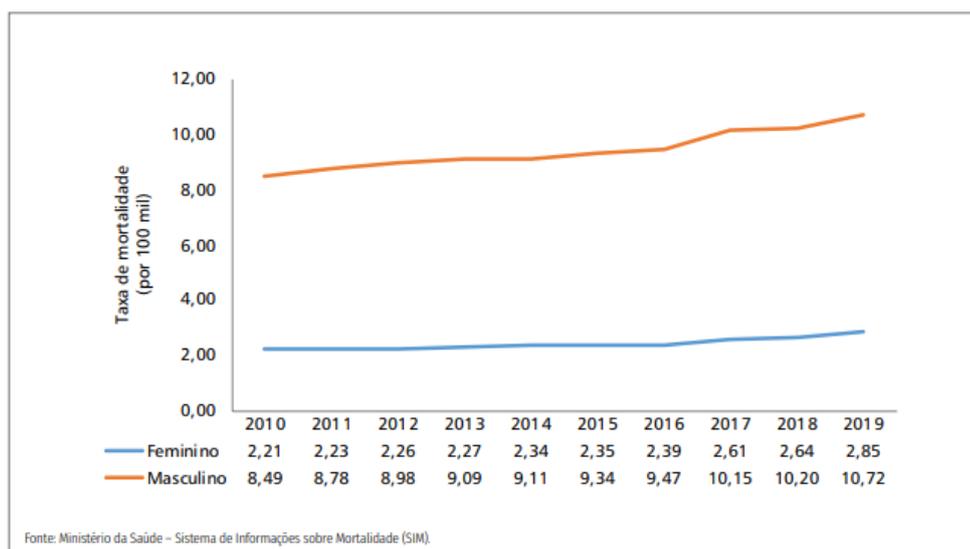


FIGURA 2 Evolução das taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo sexo. Brasil, 2010 a 2019

A análise da evolução dessas taxas segundo faixa etária demonstrou aumento da incidência de suicídios em todos os grupos etários. Destaca-se, nesse aspecto, um aumento pronunciado nas taxas de mortalidade de adolescentes, que sofreram um incremento de 81% no período, passando de 606 óbitos e de uma taxa de 3,5 mortes por 100 mil hab., para 1.022 óbitos, e uma taxa de 6,4 suicídios para cada 100 mil adolescentes.

Não obstante a menor expressividade das taxas em relação aos demais grupos etários, destaca-se também o aumento sustentado das mortes por suicídio em menores de 14 anos. Entre 2010 e 2013 houve um aumento de 113% na taxa de mortalidade por suicídios nessa faixa etária, passando de 104 óbitos e uma taxa de 0,3 por 100 mil, para 191 óbitos, e uma taxa de 0,7 por 100 mil habitantes (Figura 3).

Ao analisar a distribuição do risco de morte por suicídio segundo faixa etária entre as regiões brasileiras, em 2019, observou-se que as Regiões Sul, Norte e Centro-Oeste apresentaram as maiores taxas de mortalidade de adolescentes de 15 a 19 anos (Figura 4). Essas foram também as regiões que apresentaram o maior incremento percentual das taxas de suicídio entre 2010 e 2019, respectivamente 99%, 90% e 99% (dados não apresentados). Nesse cenário, destaca-se a Região Norte, onde o maior risco de morte por suicídio ocorreu entre jovens de 15 a 19 anos (9,7 por 100 mil).

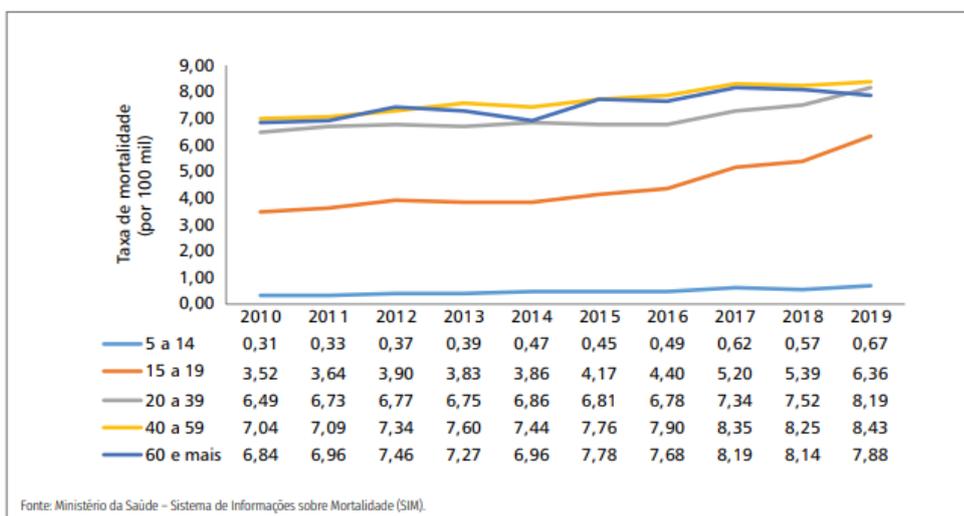


FIGURA 3 Evolução das taxas de mortalidade por suicídio segundo faixa etária. Brasil, 2010 a 2019

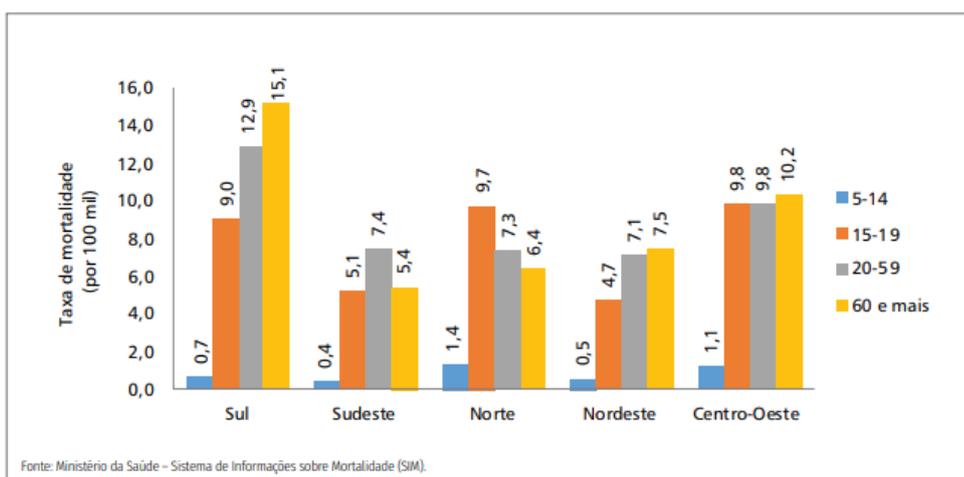


FIGURA 4 Taxas de mortalidade por suicídio segundo faixa etária e região geográfica. Brasil, 2019

Analisando a mortalidade por suicídio entre os estados brasileiros, observou-se que todos os estados da Região Sul do País apresentaram taxas de suicídio superiores à média nacional. Destacam-se os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com as maiores taxas de suicídio do país, respectivamente 11,8 e 11,0 por 100 mil habitantes (Figura 5).

Em relação às notificações de violências autoprovocadas, em 2019 foram registradas 124.709 lesões autoprovocadas no País, um aumento de 39,8% em relação a 2018. Mulheres foram a grande maioria das vítimas de lesões autoprovocadas, representando 71,3% do total de registros (Tabela 1).

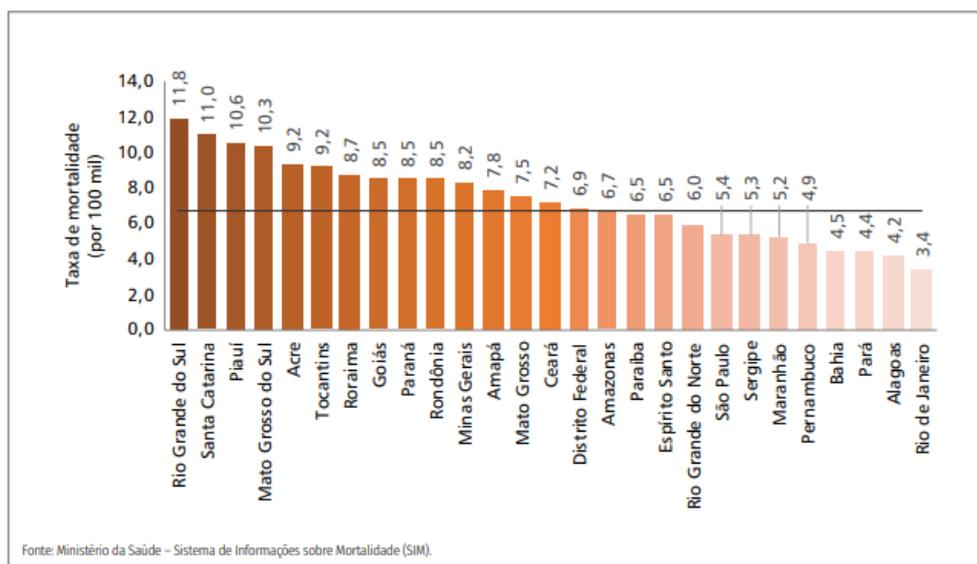


FIGURA 5 Taxas de mortalidade por suicídio, ajustadas por idade, segundo UF, Brasil, 2019

TABELA 1 Distribuição das lesões autoprovocadas segundo características sociodemográficas. Brasil, 2019

	N.º	%
Sexo		
Masculino	35.709	28,6
Feminino	88.983	71,3
Faixa etária		
Menores de 14	12.314	9,8
15 a 19	29.065	23,3
20 a 39	57.746	46,3
40 a 59	21.484	17,2
60 e mais	3.691	3,0
Ignorado	409	0,3
Raça/Cor		
Branca	59.031	47,3
Negra	52.917	42,4
Amarela	927	0,7
Indígena	665	0,5
Ignorado	11.169	9,0

continua

conclusão

	N.º	%
Escolaridade		
Sem escolaridade	610	0,5
Ensino fundamental	32.293	25,9
Ensino médio	37.836	30,3
Ensino superior	8.331	6,7
Não se aplica	969	0,8
Ignorado	44.670	35,8

Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações de Agravos de Notificação (Sinan).

A ocorrência das lesões autoprovocadas se concentrou na faixa etária de 20 a 39 anos, com 46,3% dos casos. A faixa etária de 15 a 19 anos aparece na segunda posição, com 23,3% dos casos. Em relação a escolaridade, aproximadamente um terço possuíam ensino médio completo ou incompleto, e menos de 7% possuíam ensino superior. Quanto à raça/cor, observaram-se maiores prevalências entre indivíduos de cor branca (47,3%) (Tabela 1).

Em relação ao local da ocorrência, evidenciou-se que a maior parte dos casos ocorreu na própria residência das vítimas (82%), e a repetição do evento foi registrado em 41% dos casos (Tabela 2). Os dados mostram, ainda, que aproximadamente 60% dos meios de agressão registrados nas notificações de lesões autoprovocadas corresponderam ao envenenamento, seguidos pelos objetos perfurocortantes (16,8%) (Tabela 2).

TABELA 2 Características da ocorrência dos casos de violência autoprovocada notificadas no Sinan, Brasil, 2019

	N.º	%
Aconteceu outras vezes		
Sim	51.047	40,9
Não	46.330	37,2
Ignorado	27.332	21,9
Local de ocorrência		
Residência	104.686	83,9
Escola	1.598	1,3
Habitação coletiva	717	0,6
Via pública	4.786	3,8
Outros ¹	3.924	3,1
Ignorado	8.998	7,2
Meio de agressão		
Envenenamento	83.470	60,2
Objeto cortante	22.421	16,2
Enforcamento	8.636	6,2
Objeto contundente	1.775	1,3
Substância/objeto quente	1.205	0,9
Arma de fogo	699	0,5
Outros	20.472	14,8

Fonte: Ministério da Saúde – Sistema de Informações de Agravos de Notificação (Sinan).